

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

CLAUDIANE DINIZ DA SILVA

MUSEU, GESTÃO E TECNOLOGIA: um olhar sobre as práticas museais contemporâneas

São Luís

2024

CLAUDIANE DINIZ DA SILVA

MUSEU, GESTÃO E TECNOLOGIA: um olhar sobre as práticas museais contemporâneas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Klautenys Dellene Guedes Cutrim

São Luís

2024

Diniz da Silva, Claudiane.

MUSEU, GESTÃO E TECNOLOGIA : um olhar sobre as práticas
museais contemporâneas / Claudiane Diniz da Silva. - 2024.
109 p.

Orientador(a) : Klautenys Dellene Guedes Cutrim.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, 2024.

1. Cultura. 2. Gestão. 3. Memória. 4. Museu. 5.
Tecnologia. I. Guedes Cutrim, Klautenys Dellene. II.
Título.

CLAUDIANE DINIZ DA SILVA

MUSEU, GESTÃO E TECNOLOGIA: um olhar sobre as práticas museais contemporâneas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Klautenys Dellene Guedes Cutrim (Orientadora)

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Federal do Maranhão

CONCEICAO DE MARIA BELFORT DE CARVALHO

Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Federal do Maranhão

HERMENEILCE WASTI AIRES PEREIRA CUNHA

Doutorado em Geografia

Universidade Estadual do Maranhão do Maranhão

À minha avó, pela paciência e cuidado.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui expresso minha profunda gratidão a todos que contribuíram de maneira significativa para a realização deste trabalho de dissertação de mestrado. Este é um momento especial e, sem dúvida, não teria sido possível sem o apoio fundamental de diversas pessoas especiais.

Primeiramente, quero expressar meu sincero agradecimento à Professora Dra. Klautenys Guedes, minha orientadora nesta jornada. Sua expertise, dedicação e paciência foram cruciais para o desenvolvimento deste estudo. Seu comprometimento e orientação foram um farol que guiou meus passos ao longo dessa caminhada desafiadora. Reforço ainda o apoio da Profa. Dra. Conceição Belfort, seu conhecimento, dedicação incansável foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. O comprometimento e a orientação fornecidos por vocês foram fundamentais para que eu conseguisse enfrentar os desafios deste estudo.

À minha irmã Claudiene Diniz, agradeço pelas valiosas dicas, discussões instigantes e incentivo constante. Sua visão crítica e apoio incondicional foram fundamentais para a qualidade deste trabalho.

À minha amada avó, que com paciência infinita e amor incondicional, sempre esteve ao meu lado. Sua sabedoria e carinho foram a âncora que me manteve firme nos momentos mais desafiadores. Este trabalho é dedicado a você, vovó, como uma expressão de gratidão por tudo que fez por mim.

Ao ilustre grupo de pesquisa Geppac – Grupo de Pesquisa em Patrimônio Cultural, expresso minha sincera gratidão por terem ampliado minha compreensão sobre o tema em questão. Em particular, desejo estender meus agradecimentos aos dedicados colegas Eduardo Texeira e Nathália Rocha, cujo valioso suporte com as leituras solicitadas foi fundamental para o enriquecimento do meu conhecimento.

Às amigas Priscila Chahini, Mirlana Portilho, Fernanda Lopes e Letícia Saboia, agradeço a parceria, compreensão e apoio ao longo desta jornada. As risadas compartilhadas e as horas de estudo em conjunto tornaram essa experiência mais leve e enriquecedora. A amizade de vocês é um tesouro que levo para a vida toda.

Ao respeitável grupo da banca avaliadora, expresso minha profunda gratidão por sua importante contribuição na avaliação do meu trabalho. Agradeço sinceramente pela valiosa oportunidade de receber feedback e insights que enriqueceram significativamente meu entendimento sobre o tema em discussão. Em especial, gostaria de estender meus

agradecimentos aos ilustres membros, Profa. Dra. Hermeneilce Wasti Aires Pereira Cunha e Profa Dra. Conceição de Maria Belfort de Carvalho.

Manifesto aqui meu agradecimento também, à Professora Ma. Jaqueline Pimentel. Sua paixão pelo ensino e dedicação à formação dos alunos foram fontes inestimáveis de inspiração. Ao longo da graduação em Administração, sua orientação e sabedoria proporcionaram um alicerce sólido para meu crescimento acadêmico e profissional. Agradeço sinceramente por sua generosidade ao compartilhar conhecimento, pela paciência em orientar e pelo impacto positivo que teve na minha trajetória. Professora Jaqueline, sua influência foi fundamental e sou grata por tê-la como mentora e guia. Obrigada por ser uma fonte constante de resiliência e sabedoria, por não ter desistido de mim e por fazer meus olhos brilharem.

Deixo aqui expresso minha sincera gratidão ao Sensei Antônio Luis Rocha por ser meu maior incentivador durante o período do mestrado. Sua orientação, apoio e ensinamentos no judô não apenas contribuíram para o meu desenvolvimento físico e mental, mas também desempenharam um papel fundamental como fonte de inspiração e motivação ao longo dessa jornada acadêmica. Agradeço profundamente pelo exemplo de dedicação, disciplina e determinação que sempre demonstrou, os quais foram fontes constantes de inspiração para superar desafios e alcançar meus objetivos no mestrado.

Lembro-me das palavras sábias de Jigoro Kano, fundador do judô, que disse: “O judô é a via pela qual se mais rapidamente se adquire força de vontade, conhecimento, caráter, saúde, coragem e dignidade. Um caminho maravilhoso para o progresso humano.” Sensei, sua influência positiva foi inestimável e marcante em minha trajetória acadêmica, e sou grata por ter um mestre tão excepcional como parte integrante dessa jornada. Aproveito o ensejo para agradecer ao parceiro de treino e amigo Fábio Passos, por todo apoio neste caminho.

Este momento não seria completo sem agradecer a todos os professores, colegas e familiares que, de alguma forma, contribuíram para minha formação acadêmica. Este trabalho não é apenas meu, mas de todos que acreditaram no meu potencial e me incentivaram a alcançar este marco.

"Num mundo que se transforma rapidamente, a gestão eficaz e a tecnologia bem empregada nos museus não apenas preservam o passado, mas também moldam o futuro cultural da humanidade."

Neil MacGregor, historiador e ex-diretor do Museu Britânico.

RESUMO

Museus, enquanto refúgios culturais, se apresentam como espaços importantes que vão desde as práticas educativas até o entretenimento. Este trabalho teve como objetivo analisar os museus enquanto espaço de diálogo entre cultura, gestão e tecnologias de modo a diagnosticar elementos essenciais para seu funcionamento. Tem por metodologia pesquisa bibliográfica e exploratória e apresenta reflexões relevantes sobre a modernização, interatividade e atratividade da experiência museológica assim como a dificuldade encontrada por museus públicos quanto a sazonalidade do orçamento e a necessidade dos museus privados em abordar e implementar o conceito de uma nova museologia. Percebeu-se a partir do desenvolvimento do mesmo que as s tecnologias são essenciais nos museus, permitindo ampliar o alcance e interação com o público. Elas enriquecem exposições, criam experiências imersivas e promovem acessibilidade. No entanto, é crucial integrá-las à proposta curatorial. Além disso, uma gestão eficiente, abrangendo planejamento estratégico e administração de recursos, é fundamental para garantir o bom funcionamento dos museus, tornando-os espaços abertos, participativos e acessíveis à sociedade. O material foi construído à luz de Poulot (1970) que aborda questões como a ampliação de público, a ressignificação dos museus como locais de instrução e diversão, e as práticas de colecionamento e conservação em diferentes contextos culturais; (Desvallés; Mairesse (2013) quando cita museu como patrimônio tangível e intangível da humanidade; Dutra e Faria (2017), atualizando o contexto da obra de Roger Chartier (1999), declaram que se pode reconhecer a virtualização dos processos no cotidiano humano e o Instituto Brasileiro de Museus (2016) em subsídios para elaboração de planos museológicos. Cita Milton Santos (1997) para abordar o contexto de espaço e memória e Yamaoka (2006) para enfatizar a disseminação da informação através das tecnologias de informação e comunicação. Tendo em vista o problema de pesquisa e os objetivos propostos foram escolhidos dois museus de São Luís do Maranhão como objetos de análise. O primeiro trata-se do Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM), público; e o no Centro Cultural da Vale (CCV MA), privado. O mundo digital tem proporcionado um novo modelo de utilização para museus, conectando pessoas globalmente por meio da internet, vídeos, fotos e visitas virtuais. Isso inspirou a pesquisa sobre os desafios trazidos pela cultura digital, considerando a organização dos museus, modelos de gestão e tecnologias utilizadas em diferentes tipos de museus.

Palavras-chave: Museu; Memória, Identidade, Tecnologia; Cultura; Gestão,

ABSTRACT

Museums, as cultural refuges, present themselves as important spaces that range from educational practices to entertainment. This work aimed to analyze museums as a space for dialogue between culture, management and technologies in order to diagnose essential elements for their functioning. Its methodology is bibliographical and exploratory research and presents relevant reflections on the modernization, interactivity and attractiveness of the museological experience as well as the difficulties encountered by public museums regarding the seasonality of the budget and the need for private museums to approach and implement the concept of a new museology . It was realized from its development that technologies are essential in museums, allowing to expand the reach and interaction with the public. They enrich exhibitions, create immersive experiences and promote accessibility. However, it is crucial to integrate them into the curatorial proposal. Furthermore, efficient management, encompassing strategic planning and resource management, is essential to ensure the proper functioning of museums, making them open, participatory and accessible spaces to society. The material was constructed in the light of Poulot (1970), which addresses issues such as expanding the public, the redefinition of museums as places of instruction and entertainment, and collecting and conservation practices in different cultural contexts; (Desvallés; Mairesse (2013) when citing museums as tangible and intangible heritage of humanity; Dutra and Faria (2017), updating the context of the work of Roger Chartier (1999), declare that it is possible to recognize the virtualization of processes in human daily life and the Brazilian Institute of Museums (2016) in subsidies for the elaboration of museological plans. Cites Milton Santos (1997) to address the context of space and memory and Yamaoka (2006) to emphasize the dissemination of information through information and communication technologies. Having In view of the research problem and the proposed objectives, two museums in São Luís do Maranhão were chosen as objects of analysis. The first is the Maranhão Historical and Artistic Museum (MHAM), public; and the one at the Vale Cultural Center (VCC MA), private. The digital world has provided a new usage model for museums, connecting people globally through the internet, videos, photos and virtual visits. This inspired research into the challenges brought by digital culture, considering the organization of museums, management models and technologies used in different types of museums.

Keywords: Museum; Memory, Identity, Technology; Culture; Management.

LISTA DE SIGLAS

IBM	Instituto Brasileiro de Museus
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
MHAM	Museu Histórico Artístico do Maranhão

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Nove musas da mitologia grega	22
Quadro 2: Tipos arquitetônicos de museus	34
Quadro 3: Tecnologias utilizadas em museus	51
Quadro 4: Composição do orçamento das unidades museológicas no Brasil	62
Quadro 5: Comparativo entre museus de acordo os aspectos museológicos e museográficos pesquisados.....	77
Quadro 6: Comparativo entre museus de acordo o uso de tecnologias	84
Quadro 7: Comparativo entre museus de acordo o uso de redes sociais	87
Quadro 8: Comparativo entre museus de acordo com as categorias de gestão	91

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Museu do Ipiranga	38
Figura 2: Museu Histórico e Artístico do Maranhão	39
Figura 3: Site do Museu do Louvre.....	53
Figura 4: MET com as imagens em 360º	54
Figura 5: Imagem 360º da Capela Sistina do Museu do Vaticano	55
Figura 6: Pinacoteca do Brasil	55
Figura 7: Museu do Amanhã	56
Figura 8: Fases do plano museológico	60
Figura 9: Tipos de programas do plano museológico	60
Figura 10: Fachada MHAM.....	67
Figura 11: Interior do MHAM	69
Figura 12: Pátio Maranhão (Piso Térreo)	72
Figura 13: Planta baixa CCV MA.....	72
Figura 14: Mapa de localização dos espaços museais no Centro Histórico	81
Figura 15: Trajeto entre o MHAM e o CVV – São Luís (MA).....	82

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MUSEU E PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEITOS E PERSPECTIVAS	19
2.1 Instituição cultural	19
2.2 Tipologias Museais	28
3 MUSEU ENQUANTO ESPAÇO DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO	36
3.1 Espaço	36
3.2 Memória	40
3.3 Educação	43
4 TECNOLOGIA E GESTÃO MUSEAIS	49
4.1 Tecnologia museal	50
4.2 Gestão museal	58
4.2.1 Plano Museológico.....	58
5 METODOLOGIA	64
5.1 Caracterização da pesquisa	65
5.2 Local da pesquisa	66
5.2.1 MHAM (Museu Histórico e Artístico do Maranhão).....	66
5.2.2 Centro Cultural da Vale (CCV MA)	70
5.3 Participantes da pesquisa	73
5.4 Instrumentos de coleta	73
5.5 Análise dos resultados	74
6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	76
6.1 Aspectos Museológicos	76
6.2 O uso da tecnologia em museus público e privado	83
6.3 A gestão museal pública e privada	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTES DOS EQUIPAMENTOS MUSEOLÓGICOS	104
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107

1 INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XXI, delinear-se transformações paradigmáticas nos domínios políticos, econômicos, sociais e tecnológicos, abrangendo uma abrangência global. Entre essas metamorfoses, ressalta-se a efervescência dos movimentos sociais, o incremento do crédito, o fortalecimento do mercado laboral, coadunado às políticas de inclusão social, o aprimoramento do padrão de consumo dos cidadãos brasileiros, o advento tecnológico, a democratização do acesso à internet, dentre outras. Ademais, a eclosão da pandemia de COVID-19 nos alvares da década de 20 do corrente século engendrou imperativos inéditos no tocante às práticas de interação social.

À luz dessa compreensão, as organizações empreenderam uma tarefa hercúlea de desenvolvimento de estratégias destinadas ao alinhamento de suas operações comerciais com os preceitos da gestão da informação. Tal postura reverberou, igualmente, nas esferas culturais, notadamente nos recintos museológicos, que, longe de se imunizarem ante esse processo de transição, gradativamente adotaram um *modus operandi* adaptativo, seja no que tange à captação de recursos, seja no atendimento às demandas da audiência, sopesando as inovações tecnológicas em voga e a inelutável necessidade de distanciamento social.

Neste trabalho utilizou-se como norte teórico o conceito de Poulot (2013) sobre museus sendo “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano e de seu ambiente, tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite”. Poulot destaca que os museus têm funções elementares, como coletar, conservar, estudar, interpretar e expor. Essas funções variam de acordo com o contexto cultural e as práticas específicas de cada instituição. No entanto, a missão educativa e a disseminação do conhecimento são pontos centrais em sua compreensão do papel dos museus.

Para a gestão dos museus, ressignificar seu formato de atuação diante da pandemia tornou-se um grande desafio. Dutra e Faria (2017), atualizando o contexto do “mundo de telas” citado por Roger Chartier (1999), declaram que podemos reconhecer que vivemos em um mundo onde a informatização dos processos e do próprio cotidiano humano se encontra cada vez maior. Em contrapartida, ampliar o acesso a novas tecnologias não

garante que os usuários tenham conhecimento ou requisitos técnicos necessários para tal experimentação, o que remete em mais uma reflexão acerca de como essas tecnologias influenciam as experiências museais.

No campo museal, as mudanças se fizeram presentes através do uso de podcasts, digitalização de acervos, passeios virtuais, exposições online dentre outros (Anais do Museu Paulista, 2021). A experiência museal, conforme (Köptcke, 2003), estabelece-se por meio da complexa relação estabelecida entre o visitante do museu e o espaço museológico, momento em que os processos de construção de sentido e de reflexão se dão por meio da articulação entre o sujeito e o espaço expográfico.

A sustentabilidade financeira dos museus representava um desafio significativo antes mesmo do surgimento da pandemia de COVID-19. No entanto, esse evento exacerbou consideravelmente as dificuldades enfrentadas, especialmente no que diz respeito à obtenção de investimentos, tornando-se um ponto crucial para a estabilidade econômica dessas instituições culturais. Diante desse cenário, torna-se imperativo investigar as questões decorrentes da incompreensão desse fenômeno tecnológico contemporâneo nos museus, originado pela cultura digital.

Ressalta-se, por conseguinte, que as novas alternativas e tecnologias advindas do universo digital não se constituem como substitutos diretos das práticas tradicionais, mas antes se somam a estas, instaurando assim novas camadas de interação e significado. Para além de seu papel enquanto mediadores na relação entre o ser humano e o patrimônio, os museus desempenham uma função crucial na preservação da memória coletiva e na configuração de espaços simbolicamente relevantes para a sociedade. Configuram-se, portanto, enquanto ambientes onde história, cultura e arte convergem, fornecendo um contexto singular para a construção de narrativas identitárias e para a salvaguarda da identidade cultural.

Os museus, para além de serem espaços que acolhem coleções emblemáticas de períodos históricos e expressões culturais, exercem uma função primordial na salvaguarda e disseminação de memórias coletivas. A ascensão das tecnologias digitais ampliou consideravelmente os horizontes de interação, possibilitando o acesso remoto a esses acervos, entretanto, a vivência física ainda se apresenta como uma experiência irremediavelmente única e insubstituível. As modalidades digitais emergentes, longe de intentarem suplantar as tradicionais, atuam em uma lógica de complementaridade, ensejando, assim, a emergência de novas dinâmicas de relação entre os visitantes, as obras e a memória cultural por elas representadas. Sendo assim, coloca-se como questão de

investigação deste projeto: Quais as características diferenciais de um museu público e um museu privado da localidade no que tange ao seu formato de gestão e inserção tecnológica?

Para responder tal problema de pesquisa, estabeleceu-se como objetivo geral analisar os museus enquanto espaços de diálogo entre cultura, gestão e tecnologias de modo, considerando os elementos essenciais para seu funcionamento. Para tal, elencou-se como objetivos específicos: compreender a política de gestão e tecnologia das atividades inerentes à sistematização da operação museológica; entender o modelo de gestão do museu público e privado de acordo com seus mecanismos de atuação; e apresentar um comparativo sobre o modelo de gestão e tecnologias nas tipologias público e privado, abordando as especificidades de cada um deles.

Tendo em vista o problema deste estudo e os objetivos propostos foram escolhidos dois museus de São Luís do Maranhão como objetos de análise. O primeiro trata-se do Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM), público; e o segundo consiste no Centro Cultural da Vale (CCV MA), privado. Já o referencial teórico utilizado no estudo foi Desvallés; Mairesse, 2013; Yamaoka (2006) esclarece que os avanços das Tecnologias de Informação (TIC); e o estreitamento da relação entre museus e tecnologias desenvolveram propostas museais com novas linguagens, mídias e processos digitais como por exemplo os museus virtuais e as coleções digitais segundo Rocha, 2009. Não podendo esquecer que as questões atreladas à gestão estão pautadas nos relatórios sobre subsídios para elaboração de planos museológicos segundo o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram (2016).

Os instrumentos de coleta de dados consistem em pesquisa de caráter bibliográfico, por recorrer ao uso de materiais didáticos como livros, revistas e sites especializados, artigos científicos e teses de mestrado e doutorado. A pesquisa também contempla um questionário a ser respondido por gestores no sentido de validar os dados apontados na fase documental e de corroborar com o diagnóstico proposto enquanto objetivo inicial. A pesquisa sendo de abordagem qualitativa e objetivo exploratório, que é um tipo de pesquisa muito específica (GIL, 2008, p.07), pois “ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto e estará apto a construir hipóteses”.

Por estar inserido no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão e ser um Mestrado Interdisciplinar, faz-se necessária a exposição da justificativa da pesquisa. Logo, uma das motivações para a construção

desse trabalho se deu pelo fato da formação acadêmica da pesquisadora em Administração e sua participação no grupo de estudos GEPPaC da UFMA, que realiza pesquisas voltadas para o patrimônio cultural. Sob possibilidade de agregar os conhecimentos da área de gestão, mais especificamente gestão e tecnologia, com as concepções de museologia e de patrimônio cultural foram determinantes para a produção de uma pesquisa interdisciplinar.

O trabalho está dividido em sete seções. A primeira seção é a presente introdução, onde estão localizados o problema e os objetivos (geral e específicos), como também a justificativa para este estudo. A segunda é dedicação a conceituação sobre museus, patrimônio cultural e tipologias dos equipamentos museológicos. Dá-se continuidade com a relação do museu com o espaço e a memória. Já na seção quatro mostra as características de equipamentos museológicos quanto a suas tecnologias e gestão. Na seção cinco, é apresentado o percurso metodológico para a realização da pesquisa, desde os locais da pesquisa, seus participantes, e caracterização instrumentos de coleta de dados. A sexta seção é dedicada a apresentação dos resultados, que está subdividida em três subseções: aspectos museológicos, tecnologia e gestão. São expostas as considerações finais na seção sete e em seguida, as referências e apêndices.

2 MUSEU E PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

As pesquisas concernentes aos museus e à herança tangível abarcam um vasto leque de disciplinas e enfoques acadêmicos. A teoria museológica, por exemplo, almeja decifrar os postulados e procedimentos que regem a conservação, a exibição e a interpretação da herança tangível nos recintos museológicos. Tal escopo engloba o debate acerca da função social dos museus, o protagonismo do curador na seleção e organização dos acervos, bem como a relevância da acessibilidade e da interação com o público. Por conseguinte, as teorias concernentes à conservação e restauração revelam-se imprescindíveis para salvaguardar a integridade a longo prazo dos artefatos e materiais históricos. Por outro lado, a teoria da herança tangível analisa a semântica e a representação cultural dos objetos, inquirendo sobre como estes são eleitos, interpretados e valorizados no âmbito de um contexto social e histórico.

Nesse contexto, o conjunto de teorias relacionadas aos museus e à herança material abarca uma variedade de ideias e abordagens que contribuem para a compreensão e contextualização da relevância desses artefatos para a sociedade. É importante salientar que neste capítulo, será realizada uma discussão sobre a instituição museal como uma entidade cultural e as diversas categorias de equipamentos museológicos.

2.1 Instituição cultural

Os museus são entidades responsáveis pelo armazenamento, análise e exibição de coleções de objetos, documentos e obras de arte que detêm relevância histórica, artística, científica ou cultural. Desempenham um papel fundamental na salvaguarda e disseminação do patrimônio cultural, proporcionando aos visitantes a oportunidade de se envolverem diretamente com artefatos que remetem a diversos momentos da história. Segundo Netto (2015, p.12), a museologia se debruça sobre duas vertentes de problemas. Por um lado, estuda as relações que as sociedades estabelecem com a sua herança cultural musealizada e, por outro, elabora novas relações entre as sociedades e suas expressões culturais, com vistas a contribuir para a constituição do legado patrimonial.

Quando se fala em patrimônio cultural, remete-se a ideia de posse e antiguidade. Para Choay (2006, p. 11) a palavra “patrimônio” está ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e tempo. A preservação dos bens criados por nossos antecessores, que representam experiências e

memórias coletivas ou individuais, é uma maneira de assegurar que a sociedade tenha a oportunidade de conhecer sua própria história e a de outros, por meio do patrimônio material e imaterial, incluindo elementos arquitetônicos, arqueológicos, artísticos, religiosos da humanidade. Ao salvaguardar esses bens, os museus e instituições culturais desempenham um papel fundamental na transmissão do legado do passado para as gerações presentes e futuras. O patrimônio material, como artefatos e construções históricas, permite que as pessoas se conectem com eventos e contextos passados, compreendam diferentes formas de expressão cultural e apreciem a diversidade de pensamento e criatividade humana ao longo do tempo. A preservação e divulgação do patrimônio arquitetônico ou edificado, seja por meio de monumentos, edifícios históricos ou sítios arqueológicos, permitem que as pessoas compreendam e apreciem as realizações arquitetônicas do passado, ao mesmo tempo em que se conscientizam sobre a importância da preservação dessas estruturas para as gerações futuras.

O patrimônio imaterial, inclui práticas, rituais, tradições, músicas, danças e formas de conhecimento transmitidas oralmente. Esses elementos intangíveis são igualmente valiosos, pois carregam consigo valores, crenças e formas de viver que moldaram e continuam a moldar as identidades individuais e coletivas.

A arte, enquanto fenômeno humano, transcende as barreiras temporais e culturais, refletindo a criatividade em suas diversas formas e expressões. O patrimônio artístico, abrangendo pinturas, esculturas, literatura e outras formas de expressão, enriquece a experiência cultural, incitando à reflexão e proporcionando uma visão privilegiada de diferentes épocas históricas e perspectivas estéticas. Ademais, o patrimônio religioso desempenha um papel de relevo na compreensão das práticas espirituais e nas tradições religiosas que influenciaram a vida de comunidades ao longo dos tempos.

A expressão patrimônio¹ histórica designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p.11).

¹ A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) desempenhou um papel significativo na promoção e na proteção do patrimônio cultural em nível internacional. A partir da década de 1970, a UNESCO implementou convenções que tratavam da preservação do patrimônio cultural, contribuindo para a uniformização do termo e estabelecendo diretrizes globais para a proteção de diferentes formas de patrimônio. Portanto, enquanto o termo começou a ser mais amplamente utilizado no século XIX, a uniformização e consolidação do conceito ocorreram principalmente ao longo do século XX, com a contribuição de organizações internacionais e esforços globais para preservar a diversidade cultural.

Pelegri (2007, p. 1) entende o patrimônio cultural como locus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade. Para Poulot “[...] o patrimônio deve contribuir para revelar a identidade de cada um, graças ao espelho que ele fornece de si mesmo e ao contato que ele permite com o outro” (POULOT, 2009, p. 14). Em suma, a preservação do patrimônio material, imaterial, arquitetônico, arqueológico, artístico e religioso é essencial para que as sociedades possam conhecer, valorizar e aprender com sua própria história e a de outros povos. Os museus e instituições culturais desempenham um papel crucial na proteção e divulgação desse patrimônio, permitindo que as pessoas se conectem com suas raízes e construam uma compreensão mais profunda de sua identidade cultural e histórica.

Essas instituições são essenciais para a construção e manutenção da identidade cultural de uma sociedade, uma vez que permitem o acesso às suas origens e às suas manifestações artísticas, religiosas, políticas e sociais. Através da preservação e exposição desses elementos, como também por meio de pesquisas e estudos, os museus ajudam a criar uma memória coletiva, possibilitando que as gerações futuras conheçam e compreendam o passado, o presente e o futuro de sua cultura. Além disso, os museus desempenham um papel fundamental na educação e no desenvolvimento humano, ao oferecerem oportunidades para o aprendizado, a reflexão e o debate sobre os temas abordados em suas exposições. Eles contribuem para a formação de uma sociedade mais crítica e consciente, capaz de valorizar e proteger seu patrimônio cultural e de reconhecer sua importância como parte fundamental de sua identidade.

O conceito de museu vem passando por diversas transformações ao longo dos séculos no sentido de acompanhar as mudanças das sociedades e suas realidades. Para tanto, é importante compreender suas origens e tipologias até o seu processo de institucionalização. Do latim *musĕum*, (Equipe editorial de Conceito, 2013), um museu é um lugar onde se guardam e exibem coleções de objetos de interesse artístico, cultural, científico, histórico etc. Tais locais de guarda têm sua existência necessária em função da vontade do ser humano em querer guardar objetos que lhe são de valor. Até a última atualização em janeiro de 2022, O conceito mais recente de museu do ICOM (Conselho Internacional de Museus) é conhecido como a "Nova Definição de Museu", que foi adotada em 2019 durante a 25ª Assembleia Geral do ICOM em Kyoto, Japão. Essa nova definição reflete uma abordagem mais inclusiva e contemporânea em comparação com a definição anterior. A "Nova Definição de Museu" do ICOM é a seguinte:

"Museus são democráticos, inclusivos e polifônicos. São espaços de diálogo crítico sobre o passado e o futuro. Reconhecem e abordam as controvérsias e os desafios do presente. Preservam as coleções para a sociedade, garantindo a diversidade e igualdade de acesso ao patrimônio para as gerações presentes e futuras."

Essa definição destaca a importância do museu como um espaço dinâmico e participativo, engajado em diálogo com a sociedade, e reconhece a necessidade de abordar questões contemporâneas e promover a diversidade e a igualdade de acesso ao patrimônio cultural.

As informações documentais sobre a etimologia da palavra museu, em linhas gerais fazem referência à “Lugar das Musas”, o que remete à uma pequena colina ou à um pórtico que servia como museu ao ar livre em Atenas. A concepção do termo sob a ótica grega referia-se ao templo que abrigava as nove filhas de Zeus e Mnemósine, a deusa da memória. Julião (2001, p. 20), “esses templos não se destinavam a reunir coleções para fruição dos homens; eram locais reservados à contemplação e aos estudos científicos, literários e artísticos.” No quadro abaixo, representa-se as nove musas responsáveis pelas artes e ciências.

Quadro 1: Nove musas da mitologia grega

Musa	Atribuição
Calíope	Canção heroica; poesia épica
Clio	História
Erato	Amor; canções nupciais
Euterpe	Harmonia; música
Melpomene	Tragédia
Polímnia	Hinos sagrados
Tália	Comédia
Terpsícore	Dança
Urânia	Astronomia

Fonte: Elaborado com base em: Berens, 2009, p. 134-135.

Saindo da abordagem grega e buscando outros formatos, museus para os egípcios consistiam em locais onde se reuniam os “sábios e os filósofos mais célebres do seu tempo.” Segundo Costa (2006, p.8), foi o primeiro estabelecimento cultural que recebeu

o nome de museu. Tal lugar também fazia guarda de jardim botânico, jardim zoológico, assim como obras de artes, esculturas, pedras preciosas dentre outros artefatos. Ainda sob uma perspectiva conceitual, os museus já foram compreendidos como templos, palácios, cemitérios de objetos, escolas, centros culturais, entre muitos outros. Todas essas imagens e outras mais sobrevivem na atualidade sem que uma elimine definitivamente a outra, e sem que nenhuma delas também abarque na sua totalidade a complexidade que é esta instituição (Chagas, 2009).

Museu enquanto lugar de guarda e preservação, tem por responsabilidade garantir a integridade física e a durabilidade das coleções que são mantidas em seu acervo. A preservação tem como objetivo proteger os objetos e documentos que compõem o patrimônio cultural, garantindo que eles possam ser apreciados pelas gerações futuras. Sobre o início desses processos de preservação Choay (2006, p. 14) comenta que “[...] a cultura viva por assim dizer recebeu uma reconstrução ritual [...] passava pelo reconhecimento de uma história universal, pela adoção do museu e pela preservação dos monumentos como testemunhos do passado”.

Para que a preservação seja efetiva, é necessário que os museus adotem medidas preventivas e corretivas que minimizem os danos causados por fatores externos, como a luz, a umidade, a temperatura, o manuseio e o transporte inadequado. Além disso, é preciso estabelecer procedimentos de conservação e restauração que permitam a recuperação de objetos e documentos danificados. A preservação é uma tarefa complexa e contínua, que requer investimento em equipamentos e recursos humanos especializados. É necessário que os museus estejam constantemente atualizando suas técnicas e metodologias de preservação, a fim de garantir que suas coleções estejam sempre protegidas e em boas condições.

A importância da preservação para os museus é evidente quando se considera que muitas das coleções mantidas em seus acervos são únicas e insubstituíveis. Esses objetos e documentos representam um legado histórico e cultural que precisa ser protegido e mantido para que possam continuar a transmitir conhecimento e inspirar as pessoas por muitas gerações. Segundo David Lowenthal, em seu livro *"The Past is a Foreign Country"* (1985), o patrimônio é um meio para a compreensão do passado e para a construção do futuro, sua preservação é uma responsabilidade coletiva que deve ser assumida por todos os membros da sociedade.

O equipamento museu conhecido como espaço de guarda da memória de um povo, levanta a necessidade de reflexão sobre a memória de uma sociedade. Santo Agostinho,

em seu livro X de Confissões, descreve a ideia de guarda de memória da seguinte forma: [...] planície e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram. Aí está escondido também tudo aquilo que se sentiram. (Santo Agostinho, 2010, p. 53). Mediante à ótica de memória, Bergson (2010, p. 2010) diz que: “A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, numa progressão do passado ao presente”. Dito isso, entende-se há quem considere que os museus nos levam ao passado, mas segundo os autores supracitados, eles consistem em espaços de memória que demonstram os processos de construção do presente, despertando sensações nos sujeitos.

Os museus são espaços de tradução, da fusão de horizontes, de encontro entre os diferentes olhares. Essas casas da memória são realização humana do desejo de encontro. Desejo esse de construir os fatores que nos fazem pertencer, existir, ou seja, são locais da sensibilidade, das emoções que os suportes de memória possibilitam”. (IBRAM,2011, p.11)

Ainda que o conceito de museu tenha evoluído, a definição mais recente provém do Conselho Internacional de Museus (ICOM), que desde 2019 define que

“Os museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos que atuam para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros. Reconhecendo e abordando os conflitos e desafios do presente, mantêm artefatos e espécimes de forma confiável para a sociedade, salvaguardam memórias diversas para as gerações futuras e garantem a igualdade de direitos e a igualdade de acesso ao patrimônio para todos os povos. Os museus não têm fins lucrativos. São participativos e transparentes, e trabalham em parceria ativa com e para as diversas comunidades, a fim de colecionar, preservar, investigar, interpretar, expor e ampliar as compreensões do mundo, com o propósito de contribuir para a dignidade humana e a justiça social, a equidade mundial e o bem-estar planetário.”

Os museus ostentam uma trajetória histórica que se estende desde a antiguidade, porém, a concepção moderna de museus como entidades dedicadas à preservação, investigação e exposição de artefatos culturais começou a tomar forma no século XVIII, primordialmente na Europa. Inicialmente e frequentemente, consistiam em coleções privadas acessíveis exclusivamente à elite educada. Contudo, ao longo do tempo, a concepção dos museus evoluiu para abranger a noção de instituições públicas voltadas à instrução e ao entretenimento do público em geral. O século XIX testemunhou um crescente reconhecimento da importância do patrimônio cultural, refletido na fundação de instituições dedicadas à preservação e exibição de artefatos, obras de arte e documentos históricos. Localizado no Centro de São Luís do Maranhão, o Museu Histórico e Artístico do Maranhão é também um local privilegiado para a difusão cultural, dinamizando seus espaços para atividades que fortalecem a identidade cultural

maranhense, sejam com projeções de filmes, exposições de curta duração apresentações culturais, visitas monitoradas, espetáculos teatrais, palestras que possibilitam encontros, geram reflexão, debates, fruição artística e difusão cultural.

Um dos autores renomados sobre políticas museais, Rubim diz que museu envolve uma abordagem reflexiva e integrada da gestão de organizações culturais. Segundo suas pesquisas, as organizações culturais, incluindo museus, possuem singularidades como hipersensibilidade, hipertensão e hiper incerteza. Destaca o paradoxo como um eixo teórico-conceitual crucial para compreender melhor essas instituições. Desse modo, para Rubim (2011, p. 55), as políticas culturais são como redes e “para garantir isso, torna-se necessário um pacto de constituição e funcionamento acordado de modo cristalino entre Estado e parceiros da sociedade civil”.

A Nova Museologia², que ganhou destaque a partir da década de 1960, representou uma mudança significativa nos objetivos e abordagens dos museus. Foi uma reação ao modelo tradicional de museu, que muitas vezes era percebido como elitista e autoritário. Enfatizou a importância da participação da comunidade, da contextualização cultural e da responsabilidade social dos museus. Ela encorajou os museus a se envolverem em diálogos mais amplos com suas comunidades e a abordarem questões contemporâneas. Essa mudança de paradigma também levou à reconsideração dos métodos de exposição, com uma ênfase crescente na experiência do visitante, na narrativa inclusiva e na utilização de tecnologias contemporâneas para envolver o público.

Museus contemporâneos, como o Museu da Vale (CCV), refletem os princípios da Nova Museologia. Eles não apenas buscam preservar e exibir o patrimônio, mas também se envolvem ativamente com as comunidades locais, promovem a diversidade e abordam questões sociais e ambientais relevantes. O CCV, por exemplo, pode incorporar aspectos interativos, exposições temáticas e iniciativas educacionais para criar uma experiência mais envolvente e inclusiva para seus visitantes.

Em um contexto nacional, pode-se apontar que as políticas evoluíram consideravelmente no século XX onde foi estabelecido segundo o Instituto Brasileiro de

² Segundo Veiga (2017), o conceito de Nova Museologia envolve uma abordagem interdisciplinar e participativa na gestão de museus contemporâneos. Essa perspectiva busca democratizar o acesso ao conhecimento, dar voz aos excluídos e valorizar não apenas a exposição das peças, mas também a participação ativa do público. A Nova Museologia promove a inclusão de classes sociais anteriormente marginalizadas, tornando-se um movimento ativo na sociedade, com foco na arte para o povo e pelo povo.

Museus (IBRAM), a definição de museus na Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, onde há a criação de um Estatuto de Museus e orienta da seguinte forma:

Art. 1 Consideram-se museus, para efeitos dessa Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, contemplação, educação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Brasil, 2009a).

Enquanto instituições culturais voltadas para o serviço público, cujo propósito é a salvaguarda e preservação de artefatos e documentos que representam os patrimônios materiais e imateriais da humanidade, proporcionando espaços para comunicação, educação e divulgação, é pertinente salientar que os conceitos delineados neste contexto, embora incluam uma breve explanação sobre sua origem etimológica, são intrinsecamente dinâmicos. A evolução e adaptação desses conceitos ocorrem continuamente, em resposta às transformações que caracterizam diferentes períodos e realidades sociais.

Levando em consideração ao ponto supracitado, o ICOM criou em 2016 um Comitê Permanente, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as definições do termo museu. “Não há, portanto, uma única definição do museu, mas uma multiplicidade de definições que existem simultaneamente e variam de acordo com o falante, o destinatário e contexto do seu uso.” (Botte, Doyen, Uzlyte, 2017, p.17).

Sob a perspectiva das diretrizes culturais, assumem uma posição de destaque no contexto das políticas culturais de um país, pois são encarregados da preservação e divulgação do patrimônio cultural e artístico nacional. Como agentes estratégicos, cabe a eles promover e implementar intervenções ou iniciativas que visem à gestão e promoção da cultura, desempenhando um papel crucial nesse processo. A formulação de políticas culturais, por sua vez, apresenta uma série de desafios, que vão desde a definição de critérios para seleção dos acervos até a concepção de programas educativos e formação de públicos, além da captação de recursos financeiros e o estabelecimento de parcerias com outras instituições.

No contexto atual, marcado por ataques e cortes de recursos direcionados às manifestações culturais, as políticas culturais direcionadas aos museus assumem uma relevância ainda maior, tornando-se essenciais para assegurar a preservação e difusão do patrimônio cultural e artístico nacional. Tais estratégias devem ser concebidas de maneira

participativa e inclusiva, contemplando as diversas expressões culturais e valorizando a diversidade presente na sociedade. Além disso, é imprescindível que essas políticas estejam alinhadas com as demandas da sociedade, buscando satisfazer as necessidades de formação, informação e entretenimento do público em geral.

Nesse sentido, a gestão transparente e democrática dos museus, com a participação ativa da sociedade na definição de suas prioridades e metas, é fundamental para o sucesso e eficácia dessas políticas. A relação entre as políticas culturais e os museus é intrínseca e complexa, evidenciando a importância das políticas públicas na promoção, preservação e acessibilidade do patrimônio cultural para a sociedade como um todo.

A trajetória brasileira das políticas culturais produziu tristes tradições e enormes desafios. Estas tristes tradições podem ser emblematicamente sintetizadas em três palavras: ausência, autoritarismo e instabilidade. (RUBIM, 2007a)

Algumas dimensões dessa relação são:

- a) Políticas culturais podem influenciar diretamente a acessibilidade dos museus à população. Iniciativas que buscam a democratização cultural, promovendo o acesso de diversos grupos sociais aos museus, frequentemente fazem parte de políticas culturais inclusivas;
- b) Muitas vezes abrangem estratégias para a preservação e conservação do patrimônio cultural. Isso pode incluir diretrizes sobre como museus devem cuidar de suas coleções, edifícios históricos e artefatos para garantir sua integridade a longo prazo;
- c) Podem orientar museus na promoção da diversidade cultural em suas exposições e programações. Isso envolve considerar a representação de diferentes grupos étnicos, culturais e sociais, bem como a incorporação de perspectivas diversas nas narrativas apresentadas;
- d) O financiamento para museus muitas vezes está vinculado a políticas culturais. Governos e instituições culturais podem definir orçamentos e programas de financiamento que impactam diretamente a capacidade dos museus de operar, realizar exposições e realizar atividades educacionais.
- e) Incentivar museus a desempenhar um papel ativo na educação e no envolvimento comunitário. Isso pode envolver programas educacionais, parcerias com escolas e outras iniciativas destinadas a integrar os museus na vida cultural e educacional da comunidade.

- f) À medida que a tecnologia desempenha um papel crescente na cultura, políticas podem influenciar como os museus incorporam inovações tecnológicas em suas exposições e interações com o público. Isso pode incluir estratégias para digitalização de coleções, experiências de realidade virtual, entre outros;
- g) Políticas culturais muitas vezes estabelecem leis e regulamentos para a proteção legal do patrimônio cultural. Isso pode incluir medidas para prevenir o tráfico ilegal de artefatos, a proteção de sítios arqueológicos e a preservação de edifícios históricos.

“Neste horizonte teórico-conceitual, falar em políticas culturais implica, dentre outros requisitos, em, pelo menos: intervenções conjuntas e sistemáticas; atores coletivos e metas. Vital no mundo atual, o caráter transnacional pode ser desconsiderado para o século XIX. Outras exigências, sem dúvida, podem e devem ser reivindicadas em uma formulação mais plena da noção. Mas este empreendimento, além de não ser adequado ao propósito deste trabalho, já foi desenvolvido em texto anterior que pretende delimitar a abrangência da noção de políticas culturais (Rubim, 2006).”

A citação em análise elucida os pilares basilares que norteavam a política cultural em um determinado contexto histórico. Ao conferir primazia ao nacionalismo, à brasilidade e à concórdia entre as distintas camadas sociais, essa política almejava fomentar uma identidade cultural coesa e inclusiva, congruente com as peculiaridades singulares do povo brasileiro. Ademais, ao sublinhar a relevância do labor e a natureza mestiça da população, tal política cultural reconhecia a diversidade e a riqueza cultural do país, concomitantemente promovendo a coesão social e o avanço econômico. Tais premissas, não obstante passíveis de mutação ao sabor das contingências temporais e do contexto político e social vigente, configuram-se como baluartes axiológicos que concorrem para a edificação e consolidação da identidade nacional.

2.2 Tipologias Museais

Haja vista o objeto de estudo desta pesquisa, isto é, o museu, faz-se necessária uma explanação sobre suas tipologias. Isso acontece, porque os museus ainda eram/são vistos sob a ótica de arquétipos antigos como, por exemplo, lugar de objetivos antigos, templo, túmulos.

Autores e estudiosos da área acreditam ser pertinente classificar museus mediante tipologias específicas, no sentido de fomentar as características que diferem cada forma existente. É válido ressaltar que as primeiras tipologias de coleções datam das origens da

museografia, isto é, da época moderna, tanto na Itália (Impey, McGregor, 1985), quanto na Europa do Norte, nas obras de Quiccheberg, Major, Valentini, Neickelius (Schulz, 1990). Com a proliferação dos museus no fim do século XVIII, era natural que eles se especializassem cada vez mais, resultando em uma tipologia multiforme.” (Meneses, 2005, p.22).

Ainda não existe um consenso sobre as tipologias de museus em detrimento a amplitude do conceito. Tal afirmação se baseia no fato de que todos os dias novos museus são criados mediante às transformações da sociedade. Scheiner (2012, p.18) categoriza os museus da seguinte forma: “Museus tradicionais, baseados no objeto; museus de território, relacionados ao patrimônio material e imaterial das sociedades do passado e do presente; museus da natureza; museus virtuais/digitais.”. Já Zein (1991) propõe a categorização a seguir:

- h) Complexos culturais e cívicos: possuem um programa multifuncional e, além das áreas de exposição, podem reunir bibliotecas, auditórios, salas de aula, centros de pesquisa, dentre outros;
- i) Museus nacionais: abrigam grandes coleções nacionais, de importância para a identidade de uma nação;
- j) Museus de conhecimento humano: caracterizam-se como museus didáticos, interativos e formadores de cultura científica;
- k) Museus monográficos de temas variados: reúnem toda variedade e multiplicidade dos museus que colecionam elementos de temas específicos;
- l) Museus históricos/arqueológicos: museus de ambientes naturais e/ou sítios históricos e arqueológicos;
- m) Museus de arte moderna/contemporânea: edifício com dimensões médias, em geral adaptáveis, e coleção restrita e específica;
- n) Galerias e centros de arte contemporânea: A princípio não se constituem museus, porém tendem a adquirir coleções ao longo do tempo.

Segundo Costa (2020, p.42-49), as tipologias de museus podem ser visualizadas da seguinte forma:

- Museu ao ar livre: são espaços que rompem ao modelo tradicional de museus que concentram sua coleção em um ou mais edifícios. O objetivo é preservar as tradições do local e os elementos naturais que delem fazem

parte, como cemitérios, jardins e paisagens naturais, integrando os objetos, as obras de artes que são expostas e a população. O primeiro museu deste tipo foi fundado em 1891 na Suécia, e chama-se Skansen. Ele produz casas, oficinas e lojas que retratam a vida cotidiana dos antigos suecos. No Brasil, destaca-se o Instituto Inhotim, na cidade de Brumadinho, Minas Gerais, considerado o maior museu a céu aberto do mundo, com quase 800 hectares. Os museus ao ar livre foram os precursores dos ecomuseus;

- Museu de arte: são especializados em obras de arte como aquarelas, desenhos, gravuras, pinturas e esculturas. Destaca-se nessa categoria a Galeria Uffizi, na Itália, que foi o primeiro museu especializado em arte, a Galeria Nacional em Londres; o Museu de Orsay em Paris; o Museu de Arte Latino-Americana em Buenos Aires; o Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba; e o Museu de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Alguns museus enciclopédicos ou históricos, também podem ser reconhecidos como museus de arte, como o Museu Metropolitano de Artes, nos Estados Unidos;
- Museus-casas (ou casas-museus): a história da propriedade ou de seu proprietário é basilar para conservação de sua memória e posterior comunicação ao público. Concebidos no decorrer do século XIX, geralmente são transformados em museus após a mudança ou morte de seus proprietários e visam retratar a vida dele por meio de objetos pessoais, documentos, cartas, fotografias, móveis, indumentárias e demais artefatos que se transformam em acervo. São exemplos de museus-casas: Fundação Casa de Rui Barbosa, que compreende museu, biblioteca e arquivo histórico, situada na cidade do Rio de Janeiro; Museu Casa de Anita Garibaldi, em Laguna, Santa Catarina (que difere do Museu Histórico Anita Garibaldi, na mesma cidade); e as três casas-museus do poeta chileno Pablo Neruda: *La Chascona*, em Santiago; *La Sebastiana*, em Valparaíso; e *Isla Negra*, em El Quisco, todas no Chile.
- Museu de ciências naturais: procuram representar o meio ambiente e seus componentes, especialmente os espécimes de fauna e flora (incluindo exemplares de espécies que não existem mais ou estão próximas de extinção). Alguns animais podem ser apresentados taxidermizados e outros em vidros com substâncias químicas, em espaços anexos esses

locais podem apresentar animais vivos. Entre os recursos expográficos estão os dioramas e as réplicas que procuram representar o habitat natural da fauna e da flora. Alguns fazem parte de grandes centros universitários, como o Museu de Ciências Naturais (MUCIN) da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), situado no litoral norte do Estado.

- Museu de ciência e tecnologia: nascidos no contexto de Revolução Industrial e Feiras Mundiais, são instituições que primam pela tecnologia e interação: “alguns desses museus evoluíram para centros de ciência, com menos ênfase na preservação de coleções para estudo e para futuras gerações e mais atenção em educar o público sobre a ciência e seus princípios.” (Alexander; Alexander, 2008, p.86). Como exemplos: Museu Deutsches, na Alemanha; o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), no Rio de Janeiro; o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.
- Museus comunitários: caracterizam pela participação ativa da comunidade em todas as atividades museais: na coleta dos objetos, na organização da documentação, no planejamento das exposições, na pesquisa, nas ações educativas, na gestão, entre outras. Seu objetivo maior é promover a integração e o envolvimento da população com as atividades do museu.
- Museus enciclopédicos: de caráter público e universalista, foram os primeiros museus a surgir, com o objetivo de representar, por meio de suas vitrines, a história de toda a humanidade. Por isso as coleções são muito diversas e oriundas de várias partes do globo. São exemplos: o Museu Britânico, em Londres; o Museu do Louvre, em Paris; e o Museu Metropolitano de Arte, em Nova York;
- Museus históricos: como salientou o diretor do museu George Burcaw (1997, citado por Alexander; Alexander, 2008, p. 114) “todos os museus são museus de história, no sentido de que todos preservam objetos referentes à eventos e situações passados.”, porém esses podem ser datados do século XVIII, formados por base em coleções de história natural que passaram a se especializar.
- Museus nacionais: criados inicialmente na Europa com o objetivo e exaltar a história e os valores de cada nação, tiveram como precursor o Museu

Britânico. No Brasil, o Museu Nacional, o qual “rompeu com a tradição enciclopédica, inaugurando um modelo de museu consagrado à história, à pátria, destinado a formular, através da cultura material, uma representação da nacionalidade.” (Julião, 2001, p. 22).

- Museu de território: procuram desvincular-se das coleções que tradicionalmente são apresentadas em edifícios específicos. Encaixam-se nessa categoria os ecomuseus, os museus comunitários, os museus ao ar livre e os museus de vizinhança;
- Museus universitários: são originários de algum tipo de coleções especializadas e criadas no interior de alguma instituição de ensino superior. Podem ser antropológicos, históricos, de arte, científicos, dentre outros.
- Museus virtuais: com o desenvolvimento de novas tecnologias ligadas à expansão e à democratização do acesso à internet, houve um aumento significativo no número de sites que hospedam museus virtuais. Segundo Piacente (1996, citada por Henriques, 2004) os museus virtuais podem ser divididos em três tipos: folheto eletrônico, que apenas apresenta o museu; museu no mundo virtual, no qual o acervo é bem mais apresentado, inclusive de forma virtual; e museus interativos, que visam interagir com o público por meio de conteúdos diferentes dos que são oferecidos no espaço físico. No Brasil, desde 2008, é desenvolvido o Projeto Era Virtual, que pretende divulgar o patrimônio cultural do país ao permitir visitas virtuais por coleções museológicas, exposições, parques nacionais e sítios considerados patrimônios da humanidade.
- Jardins botânicos, aquários e zoológicos: já são contemplados nas primeiras definições do ICOM, assim como na Associação Americana de Museus (AAM). A principal diferença em relação aos demais museus é que os itens dessas coleções são espécimes de animais ou plantas vivas.

Os museus ainda podem apresentar tipologias mediante diferentes critérios, como institucional, temático, de coleções, de perfil de visitantes, de localização e de tamanho.

- Tipologia institucional: esta tipologia classifica os museus de acordo com a instituição que o administra, podendo ser públicos, privados, mistos ou comunitários. Os museus públicos são administrados por órgãos

governamentais e financiados com recursos públicos, enquanto os museus privados são de propriedade de empresas ou pessoas físicas e financiados com recursos privados. Os museus mistos são aqueles que possuem uma combinação de características públicas e privadas, enquanto os museus comunitários são gerenciados por comunidades locais. (Almeida, 2007; Lima, 2017)

- Tipologia temática: esta tipologia classifica os museus de acordo com o tema que abordam, podendo ser de arte, história, ciência, tecnologia, antropologia, etnografia, entre outros. Cada museu temático apresenta particularidades em relação ao seu acervo, exposições e público-alvo, refletindo a diversidade cultural e histórica da sociedade em que está inserido. (Almeida, 2007; Meneses, 2013)
- Tipologia de coleções: esta tipologia classifica os museus de acordo com o tipo de coleção que possuem, podendo ser de arte moderna, arte contemporânea, arte popular, arqueologia, história natural, numismática, filatelia, entre outras. A escolha do tipo de coleção pode estar relacionada com a história, a geografia, a economia ou a cultura da região em que o museu está localizado. (Almeida, 2007; Meneses, 2013)
- Tipologia de perfil de visitantes: esta tipologia classifica os museus de acordo com o perfil dos visitantes que recebem, podendo ser geral, infantil, acadêmico, turístico, entre outros. Cada perfil de visitante exige uma abordagem específica em relação à exposição, comunicação e programação do museu, buscando atender às expectativas e necessidades de cada público. (Almeida, 2007; Lima, 2017)
- Tipologia de localização: esta tipologia classifica os museus de acordo com o local onde estão instalados, podendo ser urbanos, rurais ou de região específica. A localização do museu pode estar relacionada com a história, a geografia ou a cultura da região em que está inserido, influenciando na forma como o museu é gerido, promovido e visitado. (Meneses, 2013; Lima, 2017)
- Tipologia de tamanho: esta tipologia classifica os museus de acordo com o tamanho e a quantidade de acervo, podendo ser grandes, médios ou pequenos. O tamanho do museu está relacionado com sua capacidade de receber visitantes, expor acervos e promover eventos, sendo influenciado

por fatores como financiamento, espaço físico e público-alvo. (Almeida, 2007; Lima, 2017).

É relevante destacar que todas as tipologias de museus mencionadas têm como finalidade primordial a preservação, conservação e exibição de objetos e/ou elementos que enriqueçam, em um contexto cultural, a narrativa histórica de uma sociedade. Tanto os museus físicos tradicionais quanto os museus virtuais demonstram a integração crescente da tecnologia no paradigma de curadoria estabelecido pelo cenário artístico e cultural contemporâneo. A gestão eficiente e o uso estratégico da tecnologia são elementos intrínsecos a qualquer tipo de museu, independentemente de sua forma de apresentação ao público.

Para Kolarevic (2003), não resta dúvida: uma nova arquitetura está emergindo da revolução digital, ao encontrar sua expressão em formas curvilíneas de alta complexidade que, pouco a pouco, vão se incorporando às principais tendências. Quando se fala sobre o acesso a museus, o mesmo pode ocorrer de diversas formas e os tipos de acesso são influenciados não somente pela arquitetura física dos prédios que abrigam essas instituições, mas também pela arquitetura digital dos espaços virtuais. Nesse sentido, é interessante destacar a contribuição de Oliveira (2007), que listou as formas e tipos de acessos a museus no que se refere aos tipos arquitetônicos. No que se refere aos tipos arquitetônicos, é válido ressaltar que, no ciberespaço também existe uma arquitetura que se distingue entre si, entre modelos e formas e entre a arquitetura tradicional.

Quadro 2: Tipos arquitetônicos de museus

Categorias	Formas	Acesso
Museu casa, residência histórica	90% do partido arquitetônico original	Presencial
Edifício convertido ou adaptado	Estrutura antiga ou nova aproveitada para museu, com bastante alteração no partido arquitetônico	Presencial
Edifício concebido Criado.	Especialmente para ser museu	Presencial
Museu ao ar livre	Museu in situ, Museu jardim e Ecomuseu. Estruturas ao ar livre	Presencial
Museu virtual	Museus que advêm da concepção de Malraux ² e que podem ser estendidos em CD ROM, DVD e VHS, mas que se off-line, não possuem novidade no suporte apresentado	Remoto

Museu digital	Possui interface presencial e está na Web e <i>Cibermuseu</i> - CM que disponíveis somente na Web	Presencial e Remoto
<i>Museum bus</i>	Estrutura criada em um carro, com mobilidade	Presencial
Para-museus	Parques temáticos e zoológicos. Estruturas possíveis de serem museus	Presencial

Fonte: Adaptação de Oliveira (2007, p. 13)

Com a evolução da tecnologia e a crescente presença da internet na vida das pessoas, surgiram novas formas de acesso aos museus, que se dão através da chamada arquitetura digital. A presença dos museus no ciberespaço é cada vez mais comum, permitindo que o público tenha acesso às coleções e exposições a partir de qualquer lugar do mundo, por meio de um computador ou dispositivo móvel conectado à internet. Essa arquitetura digital se distingue entre si, apresentando diferentes modelos e formas de acesso aos museus. Algumas instituições oferecem visitas virtuais, permitindo ao usuário percorrer as galerias e visualizar as obras de arte em alta resolução, com descrições e informações detalhadas. Outras disponibilizam também conteúdos educativos, como jogos, vídeos e tutoriais, que auxiliam na compreensão e contextualização das obras.

Diante dessa realidade, é importante que as instituições museológicas considerem a importância da arquitetura digital em suas estratégias de comunicação e alcance de público, ampliando os meios de acesso às suas coleções e exposições. Assim, a arquitetura dos museus se estende para além dos seus edifícios físicos, abrangendo também a arquitetura digital, que possibilita o acesso democrático e universal à cultura e ao patrimônio histórico e artístico.

3 MUSEU ENQUANTO ESPAÇO DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

Como espaços físicos, museus desempenham um papel crucial na preservação do patrimônio material, garantindo sua conservação e acesso ao público. Os objetos expostos são cuidadosamente conservados e protegidos, permitindo que as gerações presentes e futuras tenham acesso a eles. Além disso, os museus atuam como mediadores entre o patrimônio material e a sociedade, criando diálogos e conexões significativas fortalecendo o senso de pertencimento, reforçando a importância da memória e do patrimônio material na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua história.

Ao conectar-se com o patrimônio material e imaterial em um museu, os visitantes têm a oportunidade de se conectar com sua própria identidade e com a riqueza cultural que os cerca, fortalecendo assim a importância da memória coletiva na construção de um futuro enriquecido por seu passado. Nesta seção, será apresentado um diálogo entre museu, espaço e memória do patrimônio.

3.1 Espaço

Geógrafos destacados na era contemporânea, como Milton Santos e David Harvey, abordam questões conceituais fundamentais sobre o espaço e sua interconexão com as transformações sociais, econômicas e tecnológicas que se desdobram na era da globalização. O conceito de espaço para Milton Santos (1997) se apoia na argumentação de que ele é formado por um conjunto híbrido de sistemas de objetos e sistemas de ações. Essa formação indissociável deve ser analisada conjuntamente para a compreensão da dinâmica espacial.

O sistema de ações compreende a interação e a apropriação humana do sistema de objetos em sua totalidade: ações transformadoras dos objetos e ações que recaem sobre o próprio homem. Dessa forma, o pesquisador reitera o caráter técnico e simbólico das ações humanas. O sistema de objetos e suas transformações se apoiam na utilização da técnica desenvolvida durante o processo histórico do homem; em contrapartida, “as ações humanas são permeadas por representações simbólicas, ou seja, intencionalidades, sobre os objetos e sobre as próprias pessoas” (Santos, 1997, p. 66-67).

A análise da demarcação simbólica do espaço por meio do território é possibilitada pela intencionalidade. O território, por sua vez, simboliza a influência de uma determinada forma de poder sobre o sistema de ações, desencadeando a construção do espaço. Essa manifestação intencional de poder pode estar vinculada a questões políticas,

econômicas, culturais e sociais, resultando na constante transformação tanto dos objetos quanto das ações como um todo. O espaço urbano, por exemplo, revela diversas territorialidades que se manifestam em diferentes naturezas e escalas de poder. Segundo Santos (1997), as territorialidades acabam por influenciar as mudanças espaciais no tempo, transformando objetos, ações e suas representações simbólicas.

Entendida como uma essência intrínseca à natureza humana manifesta nas interações entre sujeito e objeto, a intencionalidade reflete as crenças, desejos, e intenções dos indivíduos, bem como suas ações em relação aos objetos. Ela pode elucidar a essência das ações humanas sobre os objetos, revelando o favorecimento da apropriação humana por meio de técnicas. A intencionalidade também evidencia como os grupos sociais moldam os espaços, adaptando-os aos interesses da produção econômica, das classes dominantes, e até mesmo em resposta às diretrizes hegemônicas locais ou globais.

A relação entre museu, espaço e memória é complexa e multifacetada. Os museus são instituições dedicadas à preservação, pesquisa, exposição e interpretação de objetos e informações relacionados à cultura, história, ciência, arte e outros campos do conhecimento humano. Eles desempenham um papel fundamental na preservação da memória coletiva e individual das sociedades. Espaço, no contexto dos museus, refere-se tanto ao ambiente físico onde estão localizados quanto ao espaço simbólico que eles representam. O espaço físico do museu pode ser um edifício histórico, uma estrutura moderna projetada especificamente para esse fim ou até mesmo um local ao ar livre. Esse espaço é cuidadosamente projetado para criar uma experiência significativa para os visitantes, onde os objetos expostos são colocados em um contexto adequado e relevante.

Figura 1: Museu do Ipiranga



Fonte: Site oficial do Museu do Ipiranga

Tony Bennett (1995), em sua obra "*The Birth of the Museum: History, Theory, Politics*", discute a relação entre museu, espaço e memória. O autor argumenta que os museus desempenham um papel crucial na construção da memória cultural, ao selecionar, exhibir e interpretar objetos em um determinado espaço. Bennett destaca a importância do espaço do museu na formação de identidades individuais e coletivas, bem como na representação e negociação de narrativas históricas e políticas. De acordo com Tony Bennett (1995), o conceito de espaço refere-se ao ambiente físico onde os museus estão localizados. Ele argumenta que o espaço do museu é um elemento central na construção da experiência do visitante e na formação da memória cultural.

Há um destaque para o espaço do museu, não apenas como um recipiente neutro para os objetos expostos, mas sim um ambiente projetado para criar uma experiência significativa. O layout, a arquitetura, a disposição dos objetos e a organização do espaço desempenham um papel importante na forma como os visitantes interagem com as exposições e constroem significados. Assim sendo, museus podem ser considerados como locais onde diferentes perspectivas e memórias podem se encontrar e entrar em diálogo, onde o espaço físico do museu é um ponto de encontro para a negociação e a contestação de narrativas históricas e políticas, permitindo que diferentes grupos e comunidades se expressem e se reconheçam.

Desta forma, o espaço do museu é mais do que um local físico; é um ambiente projetado para moldar a experiência do visitante, facilitar a construção da memória

cultural e proporcionar um espaço de encontro e diálogo entre diferentes perspectivas. Além disso, o espaço simbólico do museu é uma representação simbólica da sociedade, da cultura e da história. O museu é um lugar onde a memória é preservada e transmitida, onde histórias são contadas e onde as pessoas podem se conectar com o passado. O espaço do museu é uma plataforma para a expressão da identidade cultural, bem como um meio de reflexão crítica sobre o passado e o presente.

A memória desempenha um papel fundamental na relação entre museu e espaço. Os museus coletam, preservam e exibem objetos e informações que evocam memórias individuais e coletivas. Eles fornecem um local onde as memórias podem ser compartilhadas, revividas e reinterpretadas. Os objetos expostos em um museu têm o poder de despertar lembranças, estimular a reflexão e gerar um senso de conexão com o passado.

Figura 2: Museu Histórico e Artístico do Maranhão



Fonte: Site oficial do Museu Histórico e Artístico do Maranhão

Segundo Sharon Macdonald (1995), em seu livro "*Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today*", os museus moldam e são moldados por narrativas históricas e políticas, e como a memória é construída e contestada nesses contextos. Macdonald (1995) destaca a importância do espaço físico do museu como um lugar onde diferentes memórias e perspectivas podem se encontrar e entrar em diálogo. Os museus também têm a responsabilidade de apresentar uma narrativa precisa e inclusiva, reconhecendo a diversidade de perspectivas e experiências. Apesar dessa responsabilidade, deve-se deixar em evidência que os museus não são imparciais e apresentam uma diversidade limitada

perspectivas, isso porque as concepções de narrativas precisas não são neutras, haja vista que são motivadas por condições políticas, sociais, econômicas e culturais.

Andreas Huyssen (1995), em seu trabalho "*Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia*", explora a relação entre memória, museus e cidades. Ele examina como os museus desempenham um papel na preservação do passado, na construção da memória coletiva e na transformação urbana. Huyssen (1995) destaca a importância do espaço do museu como um local onde as memórias são negociadas, reinterpretadas e contestadas, e como essas negociações podem influenciar a identidade cultural e a política da cidade. O que leva a crer que a relação entre museu, espaço e memória é intrincada. Os museus, como espaços físicos e simbólicos, desempenham um papel central na preservação e transmissão da memória coletiva e individual, permitindo que as pessoas se conectem com o passado, reflitam sobre o presente e construam narrativas significativas sobre a identidade e a cultura.

3.2 Memória

Os museus desempenham um papel fundamental na preservação da memória coletiva, uma vez que guardam objetos e documentos que testemunham o passado, como também permitem que as gerações futuras tenham acesso a informações sobre a história e a cultura de uma determinada sociedade ou comunidade. O termo memória já foi tratado com exaustão no campo das ciências humanas, na psicologia, na neurociência e no ramo da administração, no neuro-empendedorismo. Na esfera dos museus, mediante processo de abertura política, democratização à informação, o escopo de memória e identidade, foi possível ressignificar a prática museológica no que tange ao patrimônio cultural na atualidade.

O historiador francês Le Goff (1990, p.477) declara que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” No que tange uma característica técnica, Le Goff (1990) explica que a memória – vista pelo autor como um fenômeno que tem características biológicas e psicológicas – tem a propriedade de conservar algumas informações possíveis de serem investigadas no estudo da memória histórica e social.

A memória é uma construção social que se desenvolve a partir das relações estabelecidas entre indivíduos, grupos e instituições, sendo influenciada pelas condições políticas, sociais, econômicas e culturais de cada época. Dessa forma, os museus, como

espaços de preservação da memória, têm o papel de contribuir para a construção e difusão de narrativas que permitam aos visitantes compreenderem a diversidade cultural e histórica de um determinado lugar. Segundo Netto (2015, p.12), a museologia se debruça sobre duas vertentes de problemas. Por um lado, estuda as relações que as sociedades estabelecem com a sua herança cultural musealizada e, por outro, elabora novas relações entre as sociedades e suas expressões culturais, com vistas a contribuir para a constituição do legado patrimonial.

Memória é uma construção no presente, a partir de indicadores culturais relativos às experiências que os indivíduos e os grupos sociais elaboram com seus semelhantes (expressões), com as paisagens (lugares) e com as coisas (artefatos), em suas formas de subsistência, sociabilidade, celebração e representação. Já o Patrimônio é o conjunto seletivo e preservado de bens materiais e imateriais (indicadores culturais), fruto das relações que os homens estabelecem, ao longo do tempo, com o meio ambiente e em sociedade, e suas respectivas interpretações. (Netto, 2015, 13).

É importante que os museus considerem a dimensão da memória em suas práticas e estratégias de gestão, buscando estabelecer uma relação de diálogo e intercâmbio com as comunidades de origem das coleções e documentos, bem como com os grupos e movimentos sociais que atuam na preservação do patrimônio e da memória. Assim sendo, museus enquanto lugares de memória, asseguram a conservação de uma herança cultural e natural de uma sociedade, promovem desenvolvimento da comunidade a qual estão inseridos, criando um espaço de conexão entre ciência, cultura e sociedade.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela ignora. É a desritualização do nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. (...) os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (Nora, 1993, p.12-13).

Ainda que, como afirmou Pierre Nora (1993, p. 15, 21), o que chamamos memória seja na verdade “constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar”, museus são “lugares de memória” - lugares “nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional”. Nora (1993) reflete sobre a história dos lugares de memória, entendidos como unidades significativas de ordem material ou imaterial que a vontade dos homens, com o passar dos anos, os transformou num momento expressivo do patrimônio da comunidade, na sua relação com a afirmação de identidades.

Os museus precisam atentar para a diversidade cultural e para as múltiplas perspectivas que compõem a memória coletiva, evitando a imposição de uma única narrativa ou interpretação dos fatos históricos. A exposição de diferentes pontos de vista e o incentivo à participação do público na construção do conhecimento são estratégias importantes para a promoção do diálogo intercultural e para a construção de uma memória plural e democrática. Para Von Simson (2003), os lugares de memória são os memoriais, os monumentos mais importantes, os hinos oficiais, quadros célebres, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.

O equipamento museológico guarda memórias e conta histórias através de seus objetos, preservam e disseminam de forma efetiva a história de uma comunidade e ainda proporcionam valorização da cidadania e dignidade humana, mesmo havendo manipulação política quanto a coleta e guarda dos objetos a serem conservados. Segundo Huyssen (1996), o museu expõe uma dialética gravada em procedimentos de colecionar e exibir, ações perdidas por aqueles que celebram o museu como proprietário de bens inquestionáveis. Percebe-se que, mesmo diante dessa transitoriedade em seus processos museológicos, e mesmo sendo considerados por muito tempo como um espaço de dogmas inquestionáveis, o museu ainda se “mantém como um espaço e um campo para reflexões sobre a temporalidade, a subjetividade, a identidade e a alteridade.” (Huyssen, 1996, p.226).

Em 1929, ocorreu na França um projeto chamado Nova História via Revista *Annales* por meio da atuação de um pequeno grupo de historiadores, entre eles Jacques Le Goff, com o objetivo de:

A substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. [...] a história de todas as atividades humanas e não somente história política. [...] a colaboração com outras disciplinas tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social e tantas outras. (Burke 1997, p. 11- 12)

Ressignificando a atual realidade e seguindo na tentativa de mitigar tal manipulação: “a memória é um tipo de justiça. Em outras palavras, a memória lembra e a História esquece. Hoje em dia, a História deve proporcionar o conhecimento, mas a memória dá o significado.” (Nora 2009, p.9). A Primeira e Segunda Guerra Mundial marcaram a história sob vários fatores. Mais especificamente no âmbito de patrimônio houve uma necessidade em preservar o que no mundo pós-guerra ficou intacto ou parcialmente destruído. Homenagens aos mortos puderam ser percebidas, nos locais mais

traumatizados, a “chamada comemoração funerária”, segundo Le Goff (1990, p.465), além de ações de musealização dos espaços que vivenciaram esses horrores.

Há de se destacar os memoriais relacionados ao Holocausto, como por exemplo a Casa de Anne Frank, onde a família judia permaneceu escondida por dois anos na cidade de Amsterdã, Holanda. Existe um outro museu do Holocausto, situado ao sul da Polônia, por nome Auschwitz-Birkenau, campo de concentração onde milhares de pessoas foram assassinadas, inclusive Anne Frank e sua mãe. Os museus em locais de barbárie possibilitam análise sobre sua finalidade mediante à rememoração de tempos dolorosos. Quanto a isto, entende-se que a cultura é “desde sempre um lugar de conflitos em que a própria história ganha forma e visibilidade no cerne mesmo das decisões e atos, por mais ‘bárbaros’ e ‘primitivos’ que estes sejam.” (Didi-Huberman, 2013, p.105).

No Brasil, ainda sobre a Segunda Guerra Mundial, foi inaugurado em Curitiba, o Museu do Holocausto, o primeiro do país a mostrar os atos brutais sobre o tema. O objetivo é ampliar o conhecimento da população sobre o assunto e atentar sobre questões sociais quanto a intolerância e preconceito. Mais recentemente, o 9/11 Memorial & Museum, memorial americano dedicado às 3 mil pessoas que tiveram suas vidas ceifadas por ataques terroristas em 11 de setembro de 2001.

Os eventos históricos listados tornam o estudo da memória mais interessante mediante reflexão sobre a dialética esquecer ou lembrar, sem deixar de considerar o aspecto identidade. É preciso que as instituições museais considerem a dimensão da memória em suas práticas e estratégias de gestão, buscando estabelecer uma relação de diálogo com as comunidades de origem das coleções e documentos, além de incentivar a diversidade cultural e a participação do público na construção do conhecimento.

3.3 Educação

Os museus desempenham um papel fundamental como difusores de conhecimento e educação na sociedade. Ao longo dos séculos, eles se tornaram espaços de aprendizagem, nos quais o público pode explorar, descobrir e se envolver com uma variedade de assuntos, desde arte e história até ciência e tecnologia.

Uma das principais características dos museus como difusores de conhecimento é a sua capacidade de apresentar informações de forma acessível e envolvente. Por meio de exposições interativas, instalações multimídia, programas educativos e atividades práticas, os museus estimulam a curiosidade e proporcionam experiências de aprendizado memoráveis. Eles oferecem um ambiente propício para a exploração autônoma e

promovem a interação entre visitantes, permitindo a troca de ideias e o compartilhamento de perspectivas.

Os museus, adicionalmente, exercem o poder de conservar e apresentar a história, cultura e patrimônio de uma comunidade. Proporcionam uma análise aprofundada do passado, permitindo que os indivíduos compreendam as origens e desenvolvimentos das várias culturas e civilizações. Igualmente, desempenham uma função relevante na proteção do patrimônio físico e abstrato, resguardando artefatos, registros e práticas preciosas para as próximas gerações. Transcendem a mera transmissão de conhecimento, pois têm a capacidade de estimular a imaginação, nutrir a criatividade e fomentar o pensamento crítico. São ambientes propícios para questionamentos, reflexões e a exploração de ideias inovadoras. Suas exposições e acervos frequentemente abordam temáticas sociais, científicas e contemporâneas, promovendo a participação do público em debates e reflexões sobre assuntos pertinentes.

Ademais, desempenham um papel significativo na educação formal e informal, oferecendo programas educacionais voltados para escolas e outras instituições de ensino. Tais programas proporcionam aos alunos a oportunidade de enriquecer suas experiências em sala de aula por meio de atividades práticas e imersivas. Essas visitas educativas aos museus têm o potencial de estimular o interesse dos alunos por diversas áreas do conhecimento, despertar vocações e promover uma cultura de aprendizado contínuo ao longo da vida.

Canclini (1989, p. 159), em seus estudos acerca do patrimônio, esclarece a importância dos museus no contexto educacional, além de um importante elemento de difusão cultural.

Muitos museus assumem o papel que receberam desde o século XIX, quando foram abertos ao público, complementando a escola, para definir, classificar e preservar o patrimônio histórico, ligando as expressões simbólicas capazes de unificar as regiões e classes de uma nação, ordenar a continuidade entre o passado e o presente, entre o próprio e o estrangeiro.

Verdadeiros difusores de conhecimento e educação, promovendo o acesso à informação, à reflexão crítica e à compreensão do mundo que nos cerca. Eles são espaços inclusivos, nos quais pessoas de todas as idades e origens podem se engajar e aprender de maneiras diversas. Ao desempenharem esse papel, os museus contribuem para o desenvolvimento cultural, social e intelectual das sociedades, enriquecendo a vida de seus visitantes e inspirando a busca contínua pelo conhecimento.

Sob um papel fundamental na contemporaneidade, consistem em instituições essenciais para compartilhar conhecimento e compreensão sobre as origens da humanidade, a formação de uma cultura e a preservação do patrimônio nacional e internacional. Sua importância reside na capacidade de alcançar o maior número possível de pessoas, proporcionando acesso a informações valiosas e promovendo a disseminação do saber. Essas instituições são guardiãs do conhecimento, conectando as pessoas com suas raízes históricas e culturais, despertando a consciência coletiva e fomentando um senso de identidade e pertencimento. Ao permitirem o acesso a esse patrimônio, os museus desempenham um papel crucial na construção de uma sociedade informada, educada e culturalmente enriquecida. Disso decorre a ampliação da educação, que oferece aprendizado, diversão e discussão, acrescentando valores especiais ao sistema educacional, tanto escolar quanto universitário (Brüninghaus-Knubel, 2015).

A educação e os museus possuem uma intrínseca relação. Na Antiguidade, ao reunir eruditos dedicados a estudos e meditações em determinados ambientes guardadores de artes, a educação começa a ser associada aos museus (Leigh-Browne, 1967). O diálogo entre a escola, o museu e a consciência crítica desempenham um papel fundamental no processo educacional, pois promove uma abordagem ampla e enriquecedora para o desenvolvimento dos estudantes.

A escola é o ambiente formal de aprendizagem, onde os alunos têm acesso a um currículo estruturado e conteúdos acadêmicos. No entanto, a interação com os museus traz uma dimensão complementar e dinâmica ao processo educativo. Os museus são espaços de exposição e preservação do patrimônio cultural e artístico, oferecendo a oportunidade de vivenciar experiências sensoriais e visuais, que vão além do aprendizado teórico em sala de aula. Tal diálogo permite então que os estudantes ampliem sua compreensão sobre os temas abordados, relacionando-os com o mundo real e com a diversidade de perspectivas. Ao explorar as exposições, os alunos são desafiados a observar, analisar e interpretar as obras, desenvolvendo habilidades críticas e criativas. Essa interação estimula a curiosidade e promove um aprendizado mais significativo, já que os estudantes têm a oportunidade de fazer conexões entre o conhecimento adquirido na escola e sua aplicação prática.

É válido enfatizar que essa conversa entre a escola, o museu e a consciência crítica permitem que os estudantes questionem e examinem diferentes pontos de vista. Eles são incentivados a refletir sobre as narrativas apresentadas nas exposições, a analisar os contextos históricos e sociais e a considerar as diferentes perspectivas culturais. Esse

processo fomenta a consciência crítica, capacitando os alunos a se tornarem cidadãos ativos e engajados, capazes de avaliar e compreender o mundo ao seu redor. A interação entre a escola, o museu e a consciência crítica também contribuem para uma educação mais inclusiva e diversificada. Os museus abordam uma ampla gama de temas e culturas, permitindo que os alunos tenham acesso a diferentes perspectivas e experiências. Isso promove a valorização da diversidade cultural, o respeito às diferenças e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Nesse sentido, o diálogo entre escola e museu, com inserção da arte no âmbito educacional, não se limita apenas a um universo pedagógico, mas também, a luta por uma conscientização que visa a aniquilação da ignorância e da manipulação política, contribuindo, sobremaneira, na formação cidadã de homens e mulheres. Nesse sentido, Chiovatto (2018, p. 5):

Partindo do pressuposto de que a arte presente nos museus é fruto de uma seleção da cultura material humana, podemos entendê-la como parte do que somos e como reveladora de como somos, transformando-se em valioso instrumento de autoconhecimento e de conhecimento da sociedade de entorno, podendo contribuir positivamente na formação dos indivíduos.

Portanto, a principal missão do museu contemporâneo é promover a criação de uma consciência crítica, de forma que as informações obtidas nesse ambiente facilitem a ação transformadora do ser humano. Ao oferecer exposições, programas educacionais e interações significativas, os museus incentivam os visitantes a refletirem, questionar e analisar o mundo ao seu redor. O objetivo é capacitar as pessoas a irem além da mera absorção passiva de informações, buscando uma compreensão profunda e uma postura ativa diante dos desafios sociais, culturais e ambientais. Dessa forma, os museus se tornam agentes de mudança, estimulando o engajamento cívico e a busca por soluções inovadoras para os problemas contemporâneos.

Na linha da filosofia pedagógica de Freire (1983), a consciência crítica produz uma ação transformadora na sociedade. O conhecimento, enquanto situação dialética, resulta da interação de seres humanos com o mundo ou com a sociedade e cultura, não se fazendo na individualidade, mas na coletividade. Assim, pode-se dizer que o conhecimento acaba por se perfazer na reflexão crítica sobre o que se conhece, visando a transformação social.

A obra pedagógica de Freire (1983, p. 27) explica do que se trata se “ação transformadora” e elenca alguns de seus requisitos:

[...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em

invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato.

Logo, as ações desenvolvidas pelo museu, inclusive as de cunho educacional, ampliam ainda mais a percepção dessas instituições para um âmbito cada vez mais público e social, sendo um instrumento poderosíssimo de educação e, como tal, viabilizando à transformação do seu meio, ante a consciência social transformadora inculcada nos indivíduos (LIMA, 2009). Em suma, o diálogo entre a escola, o museu e a consciência crítica proporcionam aos estudantes uma educação mais abrangente e significativa. Essa interação estimula o pensamento crítico, a reflexão, a apreciação estética e a compreensão do mundo em sua complexidade. Ao unir o ambiente formal de aprendizagem com a experiência prática e o questionamento crítico, os alunos são preparados para se tornarem cidadãos informados, engajados e capazes de contribuir de forma ativa para a sociedade.

Hoje em dia, a abertura das visitas e a comunicação entre os museus permitem que diversos grupos tenham experiências distintas daquelas proporcionadas em seus ambientes de aprendizagem usuais. Isso significa que as pessoas podem desfrutar de interações mais informais e acessíveis, permitindo uma maior diversidade de experiências e perspectivas. Essa abordagem facilita o acesso ao conhecimento e promove uma maior inclusão, tornando os museus espaços de aprendizado enriquecedores para um público mais amplo. Os serviços educacionais dos museus reforçam e complementam a compreensão e o aproveitamento dos acervos e mostras disponíveis, sendo, portanto, parte dos objetivos gerais dessas instituições (Brüninghaus-Knubel, 2015).

A autora Marandino (2001, p. 89) lança luz acerca dessa íntima relação museu-educação:

Assim, levando em conta as diferenças entre a escola e o museu, a relação do sujeito com o conhecimento e com os demais sujeitos neste ambiente também se diferenciam, o que aponta para rotinas particulares de produção e aquisição do saber. Percebe-se assim, em linhas gerais, que a relação entre o museu e a escola não é de continuidade, mas implica num confronto de expectativas dos sujeitos em jogo neste processo.

As obras encontradas nos museus têm a capacidade de transmitir as características de uma época e sociedade específicas. Através do conhecimento histórico, os visitantes podem estabelecer conexões entre o material exposto e sua importância cultural, bem como o impacto político e social que ele provocou. Nesse sentido, as exposições oferecem uma oportunidade para uma abordagem mais complexa, desenvolvendo estratégias de

interpretação histórica que relacionam os significados da obra com o período em que foi criada.

Portanto, é inegável a importância da utilização da arte na educação, especialmente no que diz respeito à formação de uma consciência social. Através da apreciação e análise da arte, os visitantes dos museus são incentivados a refletir sobre questões sociais, a questionar normas estabelecidas e a desenvolver uma maior consciência dos desafios e dilemas enfrentados pela sociedade ao longo do tempo. A arte desempenha um papel fundamental na formação de uma educação mais abrangente e inclusiva, que promove a conscientização e a reflexão crítica.

Vale ressaltar que assim como os museus contribuem para formação intelectual dos estudantes que os frequentam, a presença da escola no museu contribui para seu funcionamento e existência, uma vez que, grande parte dos visitantes são provenientes de instituições escolares. Essa relação mutualista garante uma experiência educacional e intelectual ao indivíduo, permitindo uma compreensão mais profunda do contexto histórico e cultural, como também contribui para preservação, valorização e funcionamento dos museus.

4 TECNOLOGIA E GESTÃO MUSEAIS

A relação entre museus e tecnologia tem se fortalecido cada vez mais, transformando a forma como as pessoas interagem e se envolvem com as exposições e o patrimônio cultural. A incorporação de tecnologia nos museus tem aberto novas possibilidades de experiências imersivas, educativas e interativas para os visitantes. Uma das principais formas de integração da tecnologia nos museus é por meio da realidade virtual e aumentada. Com essas tecnologias, os visitantes podem explorar ambientes virtuais que recriam cenários históricos, obras de arte ou contextos culturais específicos. Eles podem caminhar por ruínas antigas, interagir com personagens históricos ou ver como eram as pinturas antes de sua deterioração. A realidade virtual e aumentada proporciona uma experiência sensorial única, permitindo que os visitantes mergulhem na história e na cultura de maneira envolvente.

A tecnologia também tem possibilitado a criação de exposições interativas nos museus. Telas sensíveis ao toque, projeções interativas, jogos educacionais e aplicativos móveis são alguns exemplos de como a tecnologia está transformando a experiência museológica. Os visitantes podem, por exemplo, explorar diferentes camadas de informações sobre uma peça, assistir a vídeos explicativos, participar de atividades interativas e compartilhar suas experiências nas redes sociais. Essas ferramentas tecnológicas ampliam o acesso ao conhecimento, tornando as exposições mais acessíveis e atrativas para diferentes públicos.

A digitalização de coleções permite que os museus preservem registros virtuais de objetos valiosos, evitando o desgaste causado pelo manuseio constante. Além disso, a tecnologia também ajuda na análise e na pesquisa de artefatos, possibilitando a identificação de detalhes ocultos e a realização de estudos aprofundados. Essas ferramentas digitais contribuem para a documentação e a disseminação do patrimônio cultural, ampliando seu alcance para além das paredes físicas do museu. No entanto, é importante ressaltar que a incorporação da tecnologia nos museus deve ser feita de forma equilibrada e consciente. É essencial preservar a essência e a autenticidade das coleções, evitando que a tecnologia se torne o foco principal, em detrimento da experiência real do visitante. A tecnologia deve ser utilizada como uma ferramenta complementar, enriquecendo a experiência museológica e promovendo um diálogo criativo entre o passado e o presente.

Desta forma, a tecnologia vem desempenhando um papel revolucionário nos museus, abrindo novas perspectivas de interação, acesso e preservação do patrimônio cultural. Ela permite que os museus ofereçam experiências imersivas e educativas, estimulando o interesse e o engajamento do público. Ao unir a riqueza do patrimônio cultural com as possibilidades tecnológicas, os museus estão se reinventando e cumprindo sua missão de preservar e divulgar a cultura para as gerações presentes e futuras. Nesta seção, será feita uma explanação sobre as principais tecnologias utilizadas em equipamentos museais.

4.1 Tecnologia museal

Tecnologia pode ser definida como o conjunto de técnicas, conhecimentos, habilidades, métodos e processos utilizados na produção de bens e serviços, bem como na solução de problemas e no desenvolvimento de novas possibilidades e oportunidades. De acordo com o sociólogo Manuel Castells (2000), a tecnologia é uma das principais forças que impulsionam as mudanças na sociedade contemporânea, sendo responsável pela transformação de muitos aspectos da vida cotidiana, da economia e da cultura.

Já o filósofo da tecnologia, Martin Heidegger (1979) destaca a importância de compreender a tecnologia como um modo de ser no mundo, que influencia profundamente a forma como os seres humanos se relacionam com a natureza, a sociedade e a si mesmos. Outra abordagem importante é a proposta de Andrew Feenberg (2002), o qual defende a ideia de que a tecnologia consiste em um processo social e histórico, que deve ser analisado em relação aos seus impactos na distribuição de poder, nas relações de classe e nas possibilidades de democratização da sociedade.

Como as demais instituições sociais, os museus, não em sua maioria, vêm acompanhando as transformações e se adaptando às realidades vigentes. Um dos pontos de reflexão da Museologia Contemporânea é analisar as formas e graus de impacto das novas tecnologias sobre a teoria museológica e sobre a prática em museus (e para museus). Nesse interim, com o advento da tecnologia, várias ferramentas foram inseridas nessas organizações no sentido de gerar eficiência operacional de seus processos.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) consistem em recursos de hardware e software que ajudam a otimizar a comunicação entre organizações. Elas fomentam a automação de processos nas indústrias, no comércio, além de fornecerem ferramentas integradas em gestão e em fintechs, garantem segurança para lidar com grandes bancos de dados. Yamaoka (2006) esclarece que os avanços das TICs permitiram

o surgimento e a popularização da internet, propiciando maior velocidade na produção e disseminação de informações.

Para museus, a utilização das TICs foi tragicamente acelerada pelo COVID 19, oportunizando acesso ao acervo museológico uma vez que, em tempo de pandemia, era de extrema necessidade o distanciamento social no sentido de mitigar o processo de dispersão do vírus. Com este novo cenário, o uso do recurso digital foi o único caminho encontrado pelos museus para se comunicarem com seus públicos. A pandemia acelerou o processo de inserção tecnológica no equipamento cultural trazendo para os museus palavras-chave como tecnologia digital, conectividade, interatividade e virtualidade. É válido dizer que foi a partir do estreitamento da relação entre museus e tecnologias que se desenvolveram propostas museais com novas linguagens, mídias e processos digitais como, por exemplo, os museus virtuais e as coleções digitais (Rocha, 2009).

O processo de reinvenção dos museus e o uso de tecnologias, contempla não somente o fato histórico oportunizado por uma pandemia, mas também leva em consideração que o público já vinha se tornando mais exigente, mais conectado e usufruindo de recursos tecnológicos, como computadores, smartphones, tablets e internet em seus meios pessoais e profissionais.

Quadro 3: Tecnologias utilizadas em museus

Tecnologia	Principais Conceitos
Audioguia	Dispositivo portátil que fornece informações sobre exposições em formato de áudio.
Realidade Virtual	Tecnologia que cria um ambiente virtual imersivo, permitindo experiências interativas e imersivas.
Realidade Aumentada	Tecnologia que adiciona elementos virtuais ao ambiente real, permitindo interação entre o usuário e a exposição.
Projeção Mapeada	Tecnologia que projeta imagens em superfícies irregulares, criando um efeito tridimensional e imersivo.
Telas Interativas	Telas sensíveis ao toque que permitem a interação do usuário com a exposição.
Beacon	Dispositivo que usa tecnologia de Bluetooth para transmitir informações sobre a exposição para dispositivos móveis próximos.
QR Code	Código bidimensional que pode ser escaneado por dispositivos móveis para fornecer informações sobre a exposição.

Internet das Coisas	Tecnologia que conecta dispositivos físicos à internet, permitindo a coleta de dados sobre a exposição e sua interação com os visitantes.
Inteligência Artificial	Tecnologia que permite a criação de sistemas que aprendem e tomam decisões baseadas em dados, podendo ser utilizada para personalizar a experiência do visitante.
Big Data	Conjunto de dados muito grande que pode ser analisado para fornecer insights sobre a exposição e a interação dos visitantes.

Fonte: site oficial da JSTOR (1995)

Algumas estratégias foram criadas para gerar aproximação de museus com o ambiente privado, uma vez que o equipamento museológico demanda uma série de investimentos e custos para manutenção da sua atividade. Os museus virtuais são resultado desse cenário. Esse novo modelo vem proporcionando ao público um novo meio de transitar pelas galerias dos museus, de imergir em contextos de arte e cultura, sem a necessidade de sair de casa. Além disso, o museu virtual, configura-se como um meio de recuperação de informação especializada, auxiliando tanto estudantes e professores, quanto a pessoas comuns que buscam se informar mais sobre determinado assunto. (Carvalho, 2005)

Os desafios contemporâneos que englobam a museologia e a tecnologia são:

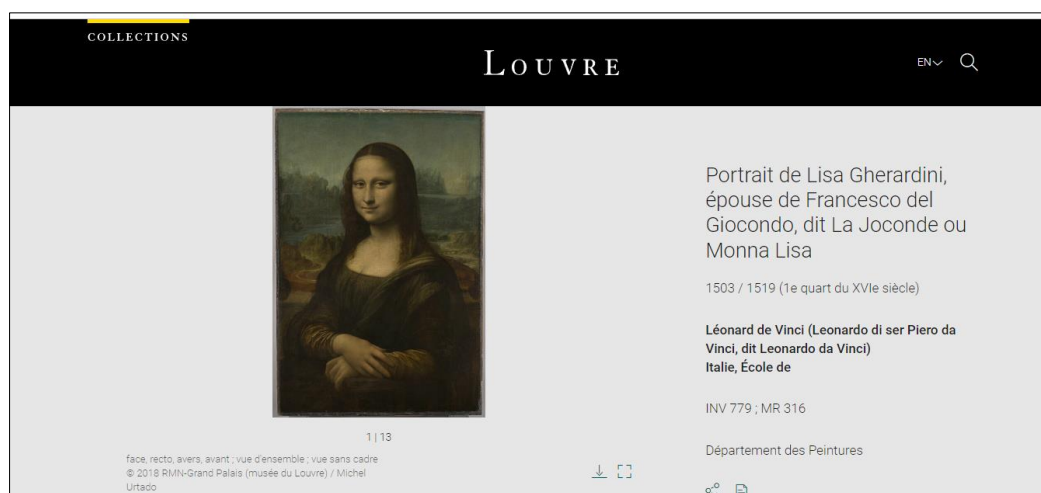
Assegurar a função tradicional dos museus de preservar e estudar um patrimônio, material e imaterial, ao mesmo tempo que enfrenta questões e relações criadas na atualidade pela ciência e tecnologia, que transformam em ritmo acelerado o ambiente da sociedade. (Valente, 2001, p.267)

Para Pinho (2007), as visitas presenciais são insubstituíveis na medida em que a experiência estética do contato direto com o bem cultural não se pode reproduzir, nem num ambiente digital. Cabe a cada instituição verificar a coerência e pertinência da virtualização em conjunto com as tecnologias digitais existentes fomentando processos eficientes de comunicação em espaços museológicos. De acordo com Cury (2005), a comunicação museológica só é efetivada quando o visitante incorpora o discurso expositivo, integra-o em seu cotidiano, (re)elabora-o na forma de um novo discurso do qual o museu se apropria, adapta e difunde novamente. Sendo assim, destaca-se que

tradicionalmente, os museus comunicavam suas coleções e informações associadas através de uma variedade de meios, mas o advento de novas tecnologias apresentou a oportunidade de desenvolver novas formas de comunicação que permitem ao visitante explorar a riqueza e diversidade das coleções ao seu próprio ritmo e às suas próprias necessidades. (FAHY, 1995, p. 82).

Desta forma, entende-se que o uso da tecnologia transforma o jeito de pensar o mundo, produzindo novos modelos, novos usuários, novas habilidades e exigências. No mundo virtual, os museus oportunizam em tempo real visitas às exposições, visitas 360°, em ritmo definido pelo usuário. Já existem vários exemplos de museus que absorveram tecnologias e usufruem de metodologias de virtualização. O Museu do Louvre em Paris gera longas filas, uma vez que a maioria de seus visitantes tem por objetivo observar o quadro da Mona Lisa e Leonardo da Vinci. Para evitar tal espera, o museu oferece uma experiência virtual para que o usuário possa observar detalhes das obras de arte (muitas delas com um grande requinte de detalhes) e corredores sem as dezenas de pessoas, além de vídeos com tour e explicações sobre as principais obras de arte.

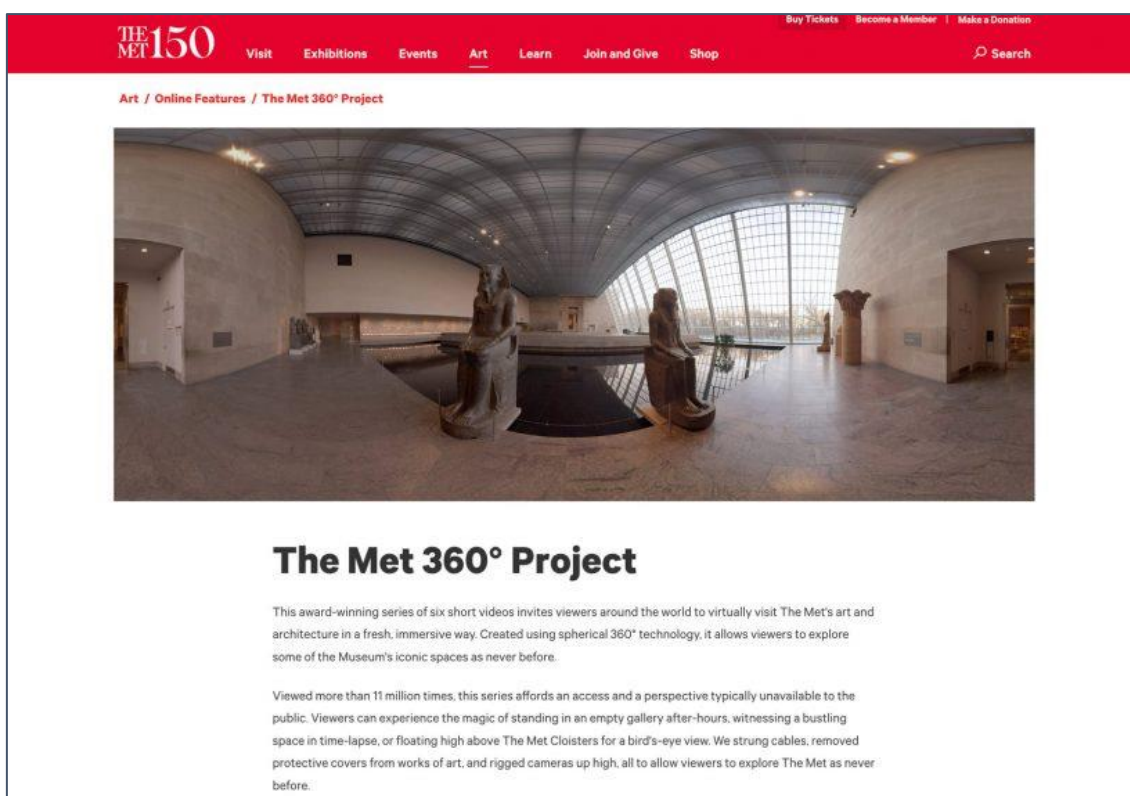
Figura 3: Site do Museu do Louvre



Fonte: Site oficial do Louvre

No que diz respeito ao Metropolitan de Nova York, a visita é feita pela página do *Google Arts & Culture* que oportuniza uma experiência virtual em formato 360°, como se fosse um *Google Street View* de arte, em inglês. Segundo o site, o MET é o mais visitado da cidade e o sétimo do mundo com mais de seis milhões de visitas por ano. Além da experiência em 360°, o museu oferece uma série de outros benefícios como áudio, *streaming*, publicações online, pesquisas científicas sobre conservação e eventos virtuais.

Figura 4: MET com as imagens em 360°

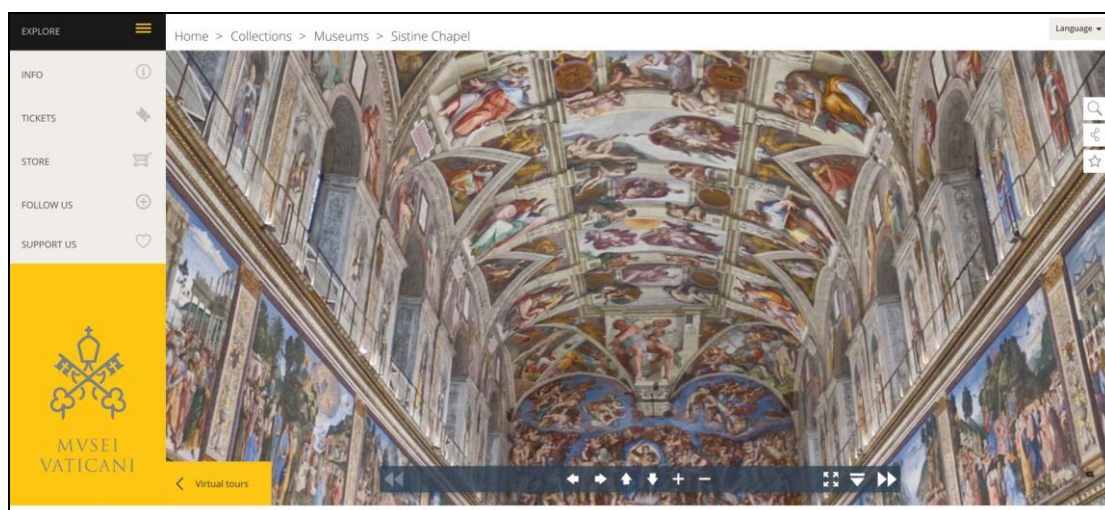


The screenshot shows the official website of The Metropolitan Museum of Art (MET) celebrating its 150th anniversary. The top navigation bar is red with white text for 'THE MET 150' and links for 'Visit', 'Exhibitions', 'Events', 'Art', 'Learn', 'Join and Give', and 'Shop'. A search icon is also present. Below the navigation bar, the breadcrumb trail reads 'Art / Online Features / The Met 360° Project'. The main content area features a large, panoramic 360-degree image of a grand gallery with a high, vaulted ceiling and a large window. Two large, classical statues are prominently displayed in the foreground. Below the image, the section is titled 'The Met 360° Project' in bold. The text describes the project as an award-winning series of six short videos that allow viewers to virtually visit the museum's art and architecture in a fresh, immersive way. It mentions that the project was created using spherical 360-degree technology and allows viewers to explore some of the museum's iconic spaces as never before. The text also notes that the series has been viewed more than 11 million times and provides unique perspectives, such as standing in an empty gallery after hours, witnessing a bustling space in time-lapse, or floating high above the museum's cloisters for a bird's-eye view.

Fonte: Site oficial do MET.

O Museu do Vaticano tem sua visita virtual em inglês, francês, italiano, alemão e espanhol. O usuário pode observar os detalhes da Capela Sistina feita por Michelangelo, além de artistas como Rafael, Leonardo Da Vinci, Caravaggio, dentre outros. As obras podem ser vistas por vídeos e fotos em formato 360°.

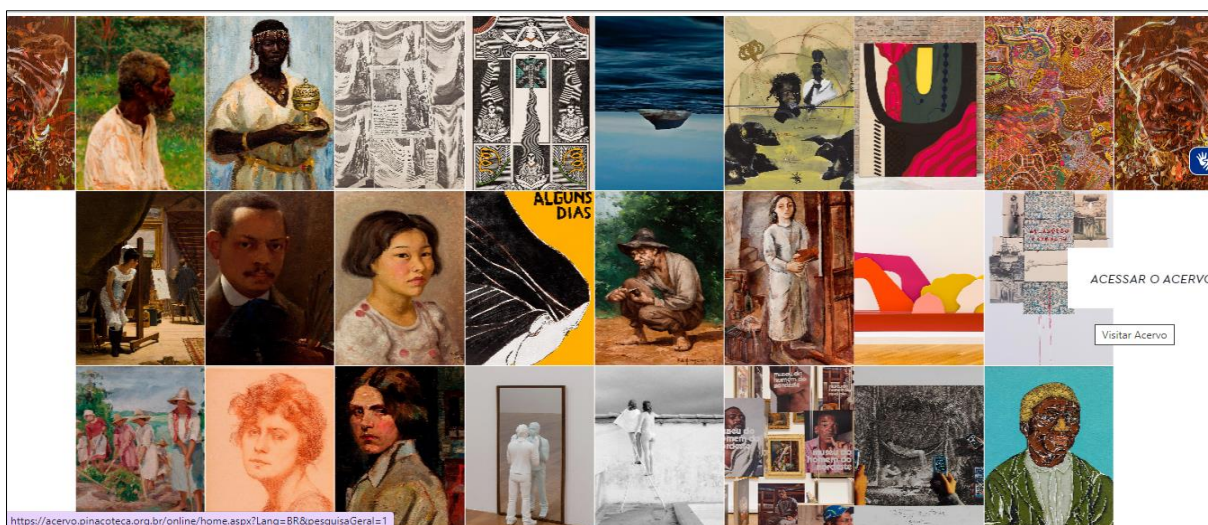
Figura 5: Imagem 360° da Capela Sistina do Museu do Vaticano



Fonte: Site oficial do Museu do Vaticano

No Brasil, a Pinacoteca, em São Paulo, oferece um tour virtual em português, inglês e espanhol via *Google Arts & Culture*, com ênfase para a obra *Mestiço*, de Candido Portinari. Fisicamente, ela fica localizada no antigo prédio Liceu de Artes e Ofícios, projetado no final do século XIX e apresenta mais de 9000 obras no seu acervo atualmente, mesmo tendo-o iniciado com somente 26 quadros. Os artistas nacionais são o maior destaque da Pinacoteca, sendo dos séculos XIX e XX, tais como Anita Malfatti, Benedito Calixto, Victor Meirelles, Eliseu Visconti, Pedro Alexandrino e José Ferraz de Almeida Junior.

Figura 6: Pinacoteca do Brasil



Fonte: Site oficial da Pinacoteca

O Museu do Amanhã é um museu localizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, e é conhecido por sua abordagem inovadora e interativa, explorando temas relacionados ao futuro, ciência, tecnologia, sustentabilidade e impacto humano no planeta. Foi inaugurado em dezembro de 2015 como parte da revitalização da região portuária do Rio de Janeiro em preparação para os Jogos Olímpicos de 2016. Projetado pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava, o edifício é uma obra arquitetônica impressionante, com uma estrutura moderna e sustentável.

Aborda questões e desafios globais relacionados ao futuro da humanidade e do planeta. Os temas centrais incluem mudanças climáticas, biodiversidade, crescimento populacional, avanços tecnológicos, entre outros. Uma característica distintiva do Museu do Amanhã é sua abordagem interativa e imersiva. Os visitantes participam de exposições envolventes, instalações multimídia, projeções audiovisuais e experimentos práticos, oferecendo uma experiência educativa e reflexiva. O museu incorpora princípios de sustentabilidade em sua arquitetura e operações. Isso inclui a utilização de tecnologias ecoeficientes, como sistemas de captação de água da chuva, iluminação natural e painéis solares.

Figura 7: Museu do Amanhã



Fonte: Site oficial do Museu do Amanhã

Além das exposições permanentes, o Museu do Amanhã oferece uma variada programação cultural e educativa, incluindo palestras, workshops, atividades para escolas

e eventos especiais. Isso contribui para criar um espaço dinâmico de aprendizado e discussão. O museu busca ter um impacto social positivo, promovendo a conscientização sobre desafios globais e inspirando ações para um futuro sustentável. A abordagem interdisciplinar e a conectividade entre ciência, arte e tecnologia são destacadas para estimular o pensamento crítico. O Museu do Amanhã é reconhecido internacionalmente como um exemplo de inovação museológica, explorando temas complexos de maneira acessível e inspiradora. Sua abordagem única e seu compromisso com a sustentabilidade fazem dele uma atração significativa na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Christensen (2011), pode-se estabelecer paralelos de aproximação entre esses dois campos desde acontecimentos como o desenvolvimento das técnicas de reprodução gráfica trazidos pela imprensa, a invenção da fotografia, e a ampliação do uso de áudio-guias nas exposições. Assim, é importante lembrar que a relação entre museus e tecnologia existe há bastante tempo no sentido de promover o desenvolvimento cultural, apoiar a cultura propriamente dita, fomentar a produção intelectual da sociedade e valorizar a radiografia da história de um povo.

Existem algumas dúvidas ainda sobre o uso tecnologias de forma interativa em equipamentos museológicos no sentido de entender como vem se estabelecendo a interface de comunicação com a sociedade. É importante frisar o potencial educativo da musealização em articular a produção de saberes de forma sistematizada. Muito além do que somente exposições, os museus oferecem um espaço para despertar a curiosidade, estimular a reflexão e o debate, promover a socialização e os princípios da cidadania, e colaborar para a sustentabilidade das transformações culturais. Os museus continuam vivos e fundamentais para a sociedade. (Muniz, 2018).

Ainda segundo Muniz (2018), a constante busca pela inovação e o desenvolvimento tecnológico da sociedade contemporânea, vem reformulando o comportamento da sociedade e suas organizações. Diante deste contexto, as instituições culturais e demais espaços de promoção do patrimônio cultural vem buscando alternativas para acompanhar esse fenômeno social. Os museus, como espaços culturais, têm também se preocupado em ajustar sua rotina à essa realidade trazida pelo uso das novas tecnologias. Existem alguns estudos que correlacionam a aplicabilidade da visita tradicional em detrimento ao acesso virtual. O modelo tradicional faz uma conexão direta com o usuário, uma experiência individual mediante leitura das informações. O aspecto

virtual permite ao usuário acesso a uma realidade distante desconstruindo assim a imagem de que museus são locais somente para a guarda de objetos antigos.

A virtualização de museus pode alterar o conceito de espaço e tempo, causando assim um desprendimento daqui e agora. Muitas discussões ainda estão sendo feitas sobre o que seria um museu virtual ou somente um site de museu, sobre o virtual e o digital e suas configurações. O que ficou evidente durante a construção desta seção é que o uso das TICs ou como muitos chamam de museu virtual, prioriza a interação entre indivíduo e acervo e não necessariamente a sua localização física, o que também não impede que museus tradicionais, utilizem tecnologias que permitam visitas mais eficientes e elucidativas.

4.2 Gestão museal

A gestão de um museu é um elemento essencial para o seu bom funcionamento e para a preservação adequada do seu acervo. Envolve uma série de atividades, como aquisição de peças, conservação, planejamento de exposições, desenvolvimento de programas educacionais, captação de recursos financeiros e processos administrativos. Uma gestão eficiente garante a organização e a eficácia das operações internas do museu, bem como a implementação de estratégias para a promoção do acesso público e do engajamento com a comunidade. Em suma, uma gestão competente e estratégica é fundamental para garantir que o museu cumpra sua missão de preservar, pesquisar e divulgar o patrimônio cultural para o público.

Quando se fala de criação ou gestão de um museu, existe a necessidade de um projeto. Não basta apenas possuir uma coleção ou um edifício, pois estes não constituem, por si só, um projeto. Portanto, esse empreendimento requer a formulação de um plano museológico fundamentado em uma missão distinta daquelas já desempenhadas por outros museus. Este plano delineará a direção que o museu irá tomar e servirá como base para sua implementação.

4.2.1 Plano Museológico

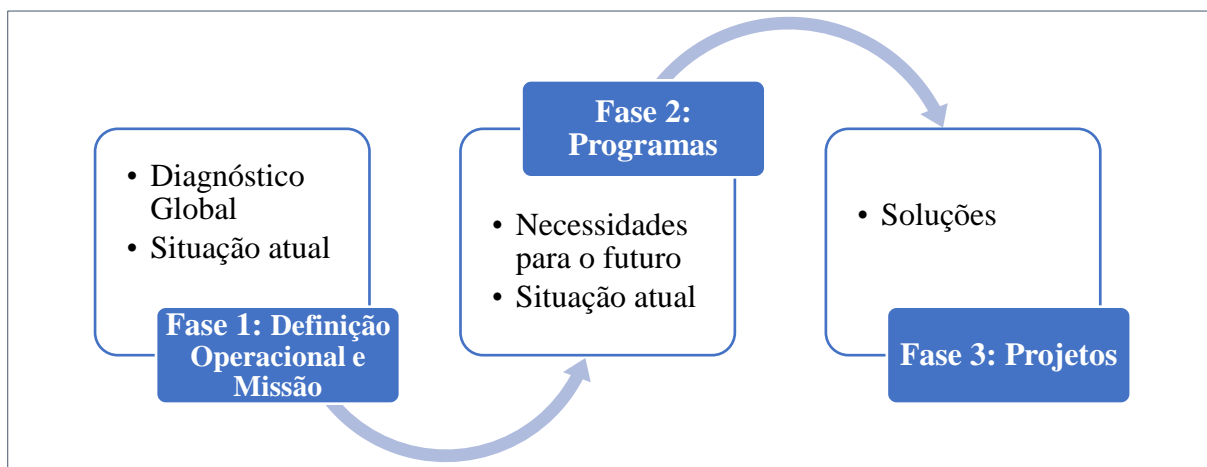
O plano museológico é um documento estratégico que estabelece as diretrizes, metas e ações para a gestão de um museu. Ele é elaborado com o objetivo de orientar as atividades e decisões relacionadas à preservação, pesquisa, divulgação e gestão do acervo, bem como à gestão administrativa e financeira da instituição. É uma ferramenta

importante para garantir a sustentabilidade e o desenvolvimento do museu a longo prazo, fornecendo uma visão clara dos objetivos e diretrizes da instituição. Ele normalmente abrange um período específico, como cinco ou dez anos, e é revisado e atualizado periodicamente para acompanhar as mudanças no contexto e nas necessidades do museu. Dentre os elementos que podem estar presentes em um plano museológico, destacam-se:

- Missão e visão: declaração que define a razão de existir do museu e a visão de futuro desejada.
- Diagnóstico: análise da situação atual do museu, considerando aspectos internos e externos que possam influenciar suas atividades.
- Objetivos e metas: estabelecimento de metas e objetivos específicos que o museu pretende alcançar em um determinado período.
- Estratégias e ações: definição das estratégias e ações a serem adotadas para atingir os objetivos propostos. Isso inclui aspectos relacionados à gestão do acervo, exposições, programas educativos, gestão financeira, captação de recursos, entre outros.
- Plano de gestão: diretrizes e procedimentos para a gestão administrativa, financeira e de recursos humanos do museu.
- Monitoramento e avaliação: definição de indicadores e mecanismos de acompanhamento e avaliação do desempenho do museu em relação aos objetivos estabelecidos.

O plano museológico é documento estratégico que estabelece as diretrizes, metas e ações para a gestão de um museu. Ele é elaborado com o objetivo de orientar as atividades e decisões relacionadas à preservação, pesquisa, divulgação e gestão do acervo, bem como à gestão administrativa e financeira da instituição. Tal plano pode ser dividido da seguinte forma:

Figura 8: Fases do plano museológico



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Figura 9: Tipos de programas do plano museológico

2.1 Programa Institucional	2.2 Programa de Gestão de pessoas	2.3 Programa de Acervos	2.4 Programa Exposições	2.5 Programa Educativo e Cultural
2.6 Programa de Pesquisa	2.7 Programa Arquitetônico	2.8 Programa de Segurança	2.9 Programa de Financiamento e Fomento	2.10 Programa de Difusão e Divulgação

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

É crucial estabelecer um diálogo entre todas essas informações e orientações quanto a construção do plano. É preciso tomar decisões conceituais, políticas e éticas, as quais também influenciarão a abordagem única que cada museu adotará no decorrer do processo. A Fase 3, por exemplo, leva em consideração itens como clareza, coesão, viabilidade, ética e ressonância do museu na comunidade a qual será inserido e que devem ser expressas nas diretrizes e/ou políticas organizacionais do equipamento supracitado.

As políticas organizacionais desempenham um papel de extrema importância na orientação e governança dessas instituições culturais. Elas abrangem um conjunto de diretrizes que norteiam a gestão, preservação e apresentação do patrimônio museológico. Podem envolver decisões estratégicas sobre aquisição e catalogação de acervos, políticas de exposição, abordagens educacionais e interação com o público, gestão de pessoas, recursos financeiros, materiais e questões jurídicas.

Ao criar políticas organizacionais, os museus buscam equilibrar diversos elementos, como a missão institucional, a integridade histórica e artística das coleções, a acessibilidade para o público e considerações éticas. A definição dessas políticas muitas vezes envolve a participação de profissionais da área, especialistas em conservação, educadores e membros da comunidade, refletindo uma abordagem multifacetada para assegurar a eficácia e a relevância contínua da instituição cultural.

A gestão técnica e administrativa de um museu deve levar em consideração vários agentes, contemplando os seguintes aspectos: definição institucional, regimento interno, organograma, gestão financeira, forma de captação e retenção de pessoas, assim como descrição de cargos e salários, qualificação do pessoal, propostas de intercâmbios entre instituições, órgãos colegiados, setor de acervo (aquisição, descarte, documentação, conservação, restauração), tecnologias, inventários, comunicação, monitoramento, acessibilidade e segurança.

O quadro funcional permanente precisa atentar para itens como as competências e habilidades necessárias para a execução do plano museológico; a quantidade de profissionais e especialistas de acordo com a complexidade das atividades; a existência de algum tipo de sistema de avaliação da equipe existente; a necessidade de novas contratações; o acompanhamento da eficiência operacional e necessidade de treinamento; o plano de crescimento organizacional; a existência de autonomia setorial e de um regimento específico para o desempenho das atividades.

Em casos de trabalhos temporários, o interessante é contemplar quais as atividades estão sendo executadas, assim como o objeto da contratação. Em um segundo momento, a avaliação das atribuições e uma análise sobre a possibilidade de transformar o trabalho extraordinário em constante. Neste mesmo pré-requisito, estagiários precisam ser orientados de acordo com a legislação vigente (Lei nº 11.788/2008 e Orientação normativa nº 4/2014).

Quando se fala sobre política financeira por exemplo, apenas 22,3% dos museus brasileiros possuem orçamento próprio, de acordo com o IBRAM (2011):

Quadro 4: Composição do orçamento das unidades museológicas no Brasil

Fonte Orçamentária	Descrição
Orçamento anual	Receita disponível para o exercício financeiro anual, repassada pela entidade mantenedora ou especificada no orçamento anual
Receitas próprias	Receitas diretamente geradas pelo museu, como, por exemplo: ingressos, locação de espaços, venda de publicações, cafeteria, lojas etc.
Leis de incentivo	Recursos provenientes de leis de incentivo fiscal, no âmbito federal, estadual ou municipal, para a realização de projetos culturais, inclusive aqueles oriundos de fundos para a cultura.
Patrocínios diretos	Transferência definitiva e gratuita de recursos para a realização de projetos culturais, com a publicidade do patrocinador associada.
Doações	Transferência definitiva e gratuita de recursos em favor de projetos culturais sem publicidade associada à divulgação desse ato.
Organismos internacionais	Recursos provenientes de organismos internacionais para apoio à realização de projetos culturais.

Fonte: IBRAM (2011, v. 1, p. 145)

A política de gestão de acervos, por sua vez, contempla a origem e história das coleções, quais foram as necessidades de sacralização contempladas, quais características de cada coleção, número e localização da peça, coleção permanente, bibliográfica (volumes, livros, bibliografias), arquivística (administrativo, sonoro, fotográfico) e suas tipologias. Para casos museológicos, a diferenciação poderia acontecer por disciplinas acadêmicas, como artes plásticas e arqueologia ou por etnografia com materiais de mídia e de tempo. Outros pontos importantes seriam o processo e critérios de descarte, compra, permuta, transferência ou depósito de coleções.

A gestão da documentação, por sua vez, tem por política a ordenação de itens como entrada e aquisição: coleta, doação, legado, registro, inventário, catalogação, conservação e restauração, documentação gráfica e/ou fotográfica, localização ou controle de documentação. A subdivisão proposta por Jean Meyriat entre “documento por intenção” e “documento por atribuição” inscreve-se, assim, na mesma trajetória iniciada por Otlet na década de 1930 (Couzinet, 2004, 19). Ao definir documento como “um objeto que dá suporte à informação, serve para comunicar e é durável”, o autor ressalta que a intervenção de duas noções inseparáveis: “uma de natureza material (o objeto que serve

de suporte), outra conceitual (o conteúdo da comunicação, ou seja, a informação)” (Meyriat 1981, p. 51, tradução nossa). Assim como Otlet e Briet, sua concepção de documento ultrapassa o escrito:

Todo objeto pode ser carregado de certa função. Por essa razão, a noção de “documento” é muito mais larga que a de “escrito”. Os documentos escritos constituem um caso privilegiado, porque a escrita é o meio mais comumente utilizado para comunicar uma mensagem (Meyriat 1981, 52, tradução nossa).

Em se tratando de tecnologias, a própria gestão de acervos, sinaliza a necessidade de sistemas informatizados para a catalogação das coleções a serem apresentadas. Itens como qual sistema será utilizado, quais os profissionais que devem alimentá-lo, quantas imagens foram digitalizadas, como se dá a divulgação do acervo (site, impresso, redes sociais) e como se dá o controle de acesso aos itens catalogados. Os critérios de conservação podem variar de acordo com a guarda física ou em nuvem. A física teria como foco o cuidado com fogo, iluminação, temperatura, radiação, umidade, poluentes, pragas dentre outros. A digital ou em nuvem, o uso frequente de backup para evitar a perda do material guardado.

Por fim, a arquitetura, acessibilidade e comunicação precisam atentar para a estrutura e adequação física do espaço em detrimento das peças. Para garantir acessibilidade e segurança dos frequentadores dos museus, há a necessidade de sinalização em braile, piso tátil de alerta, rampas e desníveis, sanitários e bebedouros, rotas de fuga, sinalização de embarque e desembarque do público e ainda a sustentabilidade ambiental. Quanto a comunicação, devem ser consideradas as ferramentas de comunicação e de imprensa (o que dizer, para quem dizer quando dizer).

Um plano museológico eficaz requer estratégia, concisão, viabilidade e uma abordagem integrada que considere todos os aspectos. Além disso, é importante evitar contradições internas, organizar metas em ordem de prioridade, designar responsabilidades dentro de um cronograma definido e especificar métodos de avaliação e indicadores a serem utilizados. É uma tarefa significativa implementar a cultura da avaliação e do planejamento em instituições localizadas fora dos grandes centros urbanos e em museus de menor porte.

A reflexão sobre a qualidade em museus é fundamental e deve ser uma responsabilidade dos profissionais que atuam nessas instituições, dos idealizadores e gestores dos órgãos mantenedores de museus, bem como dos membros dos conselhos. Além disso, a abordagem da qualidade em museus também desperta interesse de potenciais patrocinadores e dos meios de comunicação de massa.

5 METODOLOGIA

Um percurso metodológico refere-se a uma sequência de etapas ou passos seguidos para alcançar um determinado objetivo em um estudo, pesquisa ou projeto. É um plano estruturado que define a abordagem, os métodos e as técnicas que serão utilizados para coletar dados, analisá-los e chegar a conclusões e pode variar dependendo do tipo de pesquisa, disciplina acadêmica ou objetivo específico do estudo. Além disso, a flexibilidade é necessária para ajustar e adaptar o percurso à medida que novas informações e insights são obtidos ao longo do processo de pesquisa

Vergara (1998) ensina que “a atividade básica da ciência é a pesquisa. [...] as lentes do pesquisador, como as de qualquer mortal, estão impregnadas de crenças, paradigmas, valores” (Vergara, 1998, p. 11). Segundo ele, a pesquisa científica busca obter conhecimento por meio da investigação sistemática, utilizando métodos e técnicas específicas para coletar dados, analisá-los e chegar a conclusões embasadas em evidências. No entanto, a citação também destaca que os pesquisadores são seres humanos com perspectivas e características individuais. Suas lentes, ou seja, suas formas de ver e interpretar o mundo, são influenciadas por suas crenças, paradigmas e valores pessoais. Esses elementos moldam suas abordagens e orientações na pesquisa, podendo afetar as escolhas metodológicas, a interpretação dos dados e até mesmo as conclusões alcançadas.

As crenças referem-se aos sistemas de convicções que os pesquisadores têm sobre a natureza da realidade, sobre como o mundo funciona e sobre o que é considerado válido como conhecimento científico. Essas crenças podem estar relacionadas a teorias, modelos explicativos, pressupostos ou preconceitos pessoais que influenciam o processo de pesquisa. Os paradigmas são conjuntos de conceitos, teorias e métodos que orientam uma determinada área de conhecimento em um determinado momento. Eles fornecem o arcabouço teórico e conceitual no qual os pesquisadores se baseiam para formular perguntas, selecionar métodos, interpretar dados e desenvolver suas pesquisas. Os paradigmas podem ser influenciados por diferentes correntes filosóficas, escolas de pensamento ou contextos culturais.

Além disso, os valores pessoais dos pesquisadores também desempenham um papel na condução da pesquisa. Os valores envolvem as convicções e princípios morais que guiam as ações e escolhas dos pesquisadores. Eles podem estar relacionados a questões éticas, políticas, sociais ou pessoais, e podem influenciar desde a seleção do

tema de pesquisa até a forma como os resultados são interpretados e comunicados. É importante reconhecer que as crenças, paradigmas e valores dos pesquisadores podem ter um impacto na pesquisa científica. Porém, a comunidade científica busca garantir a objetividade e a validade dos resultados por meio de práticas como a revisão por pares, o uso de métodos rigorosos, a replicação de estudos e a transparência na comunicação dos resultados. Essas medidas visam mitigar os efeitos das influências individuais e promover a confiabilidade e a robustez do conhecimento científico.

Logo, a pesquisa é a atividade central da ciência e que os pesquisadores são seres humanos com suas próprias perspectivas e influências pessoais. Reconhecer essas influências é importante para garantir a qualidade e a validade dos resultados científicos, bem como para promover uma reflexão crítica sobre o papel das crenças, paradigmas e valores na pesquisa.

5.1 Caracterização da pesquisa

O foco da pesquisa é analisar os museus enquanto espaço de diálogo entre cultura, gestão e tecnologias de modo a diagnosticar elementos essenciais para seu funcionamento. Para tanto foram escolhidos dois tipos de museu, um público e outro privado. Após a investigação, apresenta-se um quadro comparativo levando em consideração os pontos em comum e diferenciais entre os aparelhos museológicos estudados.

Esta pesquisa aborda a temática interdisciplinar que relaciona as áreas de administração, tecnologias, espaço, memória e patrimônio cultural, focando nos museus como objeto de estudo. Dessa forma, a pesquisa explora questões subjetivas, adotando uma abordagem qualitativa. Vergara (1998, p. 45) faz uma classificação da pesquisa quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa exploratória, segundo a autora, “a investigação exploratória é formulada em área em que há pouco conhecimento acumulado e sistematizado”. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 51) “a pesquisa se encontra em fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento”.

No que diz respeito aos meios técnicos utilizados, esta pesquisa baseia-se em métodos bibliográficos e documentais. A abordagem bibliográfica é empregada por meio de revisões da literatura existente sobre o tema proposto. Conforme definido por Vergara

(1998), essa abordagem envolve o estudo de materiais publicados, como livros, revistas, jornais e redes eletrônicas, ou seja, materiais amplamente acessíveis ao público em geral. Além disso, também foi realizada uma pesquisa documental e exploratória para coletar e analisar documentos relevantes relacionados ao tema. Gil (2010, p. 31) recomenda que “seja considerada fonte documental quando o material consultado é interno à organização, e fonte bibliográfica quando for obtido em bibliotecas ou bases de dados”.

5.2 Local da pesquisa

Neste item será feita uma explanação sobre as características do objeto desta pesquisa, fornecendo dados sobre a localização, história, missão e especificidades dos equipamentos museológicos escolhidos para coleta das informações. A pesquisa foi realizada no Museu Histórico e Artístico do Maranhão para caracterizar um equipamento museológico público e no Centro Cultural Vale, no sentido de enfatizar o modelo privado de gestão e tecnologias.

5.2.1 MHAM (Museu Histórico e Artístico do Maranhão)

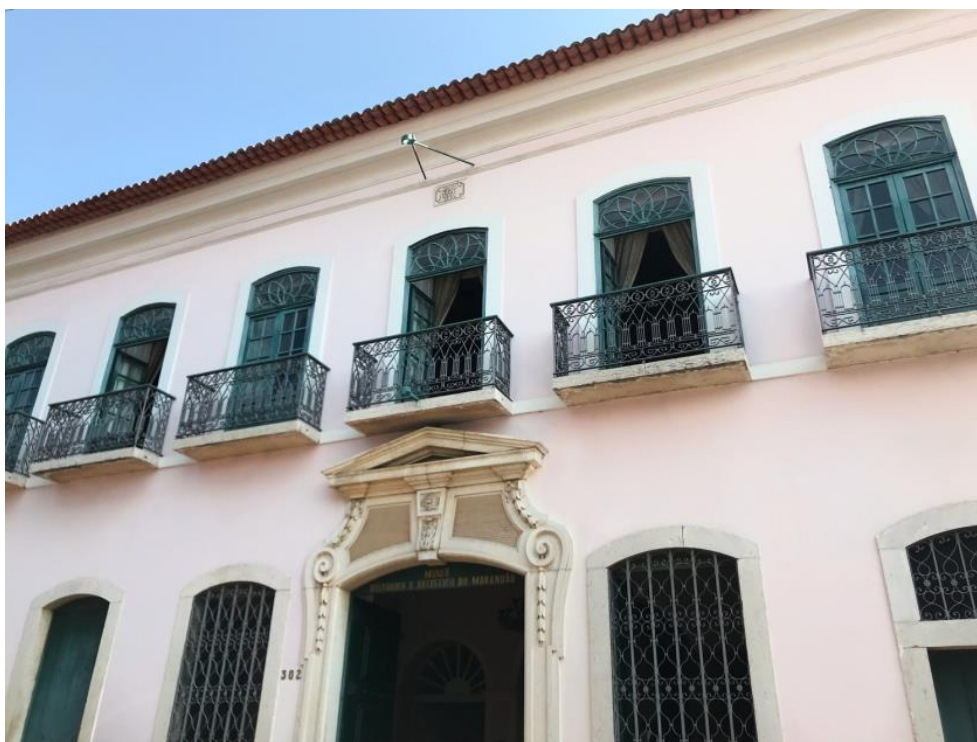
Um museu público é uma instituição cultural que tem como objetivo preservar, estudar e exibir uma variedade de artefatos, objetos históricos, obras de arte e outras formas de expressão cultural para o público em geral. Esses museus são geralmente financiados pelo governo ou por entidades públicas e têm como missão tornar o patrimônio cultural acessível e educativo para todos. Uma das principais características dos museus públicos é o seu compromisso em disponibilizar suas coleções para o público em geral, oferecendo acesso gratuito ou a preços acessíveis. Isso é importante para garantir que pessoas de diferentes origens sociais, econômicas e culturais possam apreciar e aprender com as exposições e coleções. Além disso, os museus públicos também podem oferecer programas educacionais, workshops, palestras e outras atividades destinadas a envolver a comunidade local e promover a compreensão e apreciação da cultura.

O Museu Histórico e Artístico do Maranhão - MHAM está localizado rua do Sol, 302 - Centro, São Luís - MA, ocupando um solar do século XIX. Sua inauguração ocorreu em 28 de julho de 1973, em celebração à adesão do Maranhão à Independência do Brasil. O MHAM tem como missão preservar o patrimônio maranhense, promover e incentivar todos os segmentos culturais. Ele é reconhecido como a instituição museológica de acervo erudito mais importante do Estado, abrigando aproximadamente 10.000 peças. Dentre as

peças encontradas no museu, destacam-se o mobiliário maranhense da primeira metade do século XIX, azulejaria de diferentes origens, porcelana, uma coleção numismática, vidros, cristais, pinturas, esculturas, gravuras, arte sacra católica, arte africana e um acervo documental. Entre os documentos, encontra-se o original da obra "O Mulato", de Aluísio de Azevedo. Além disso, o MHAM possui uma importante coleção bibliográfica. O museu desempenha um papel fundamental na preservação e divulgação da história e da arte maranhense.

Localizado em um solar histórico, ele oferece aos visitantes a oportunidade de explorar e apreciar uma variedade de objetos e obras de arte que representam o rico patrimônio cultural do Maranhão. O Museu Histórico e Artístico do Maranhão é também um local privilegiado para a difusão cultural, dinamizando seus espaços para atividades que fortalecem a identidade cultural maranhense, sejam com projeções de filmes, exposições de curta duração apresentações culturais, visitas monitoradas, espetáculos teatrais, palestras que possibilitam encontros, geram reflexão, debates, fruição artística e difusão cultural. Ocupa os dois pavimentos do prédio histórico conhecido como Solar Gomes de Sousa, além de um mirante.

Figura 10: Fachada MHAM



Fonte: Site Viajento

O MHAM está dividido em dois pavimentos superior e inferior, onde o pavimento superior contempla o circuito de exposição de longa duração. No térreo, ficam localizados o saguão de entrada, loja, sala de monitoria, sede administrativa – em três salas funcionam a administração do MHAM: direção geral, divisão administrativa, divisão de museologia, direção de ação e difusão cultural, Teatro Apolônia Pinto, reservas técnicas – ao lado das salas de Divisão de Museologia, o MHAM destina duas grandes salas para sua reserva técnica e banheiros.

Segundo a Casa Cultura MA, existem algumas particularidades quanto a determinadas divisões do MHAM. São elas:

1. Teatro Apolônia Pinto: A existência deste teatro particular, onde deveriam ser realizados os saraus familiares, constitui-se interessante reminiscência do fausto da vida senhorial e cultural dos grandes solares de São Luís no século XIX. Quando o solar foi transformado em museu, este espaço foi utilizado como auditório. Em 1998, ocasião em que o MHAM, passou por uma grande reforma, o mesmo recebeu o nome de Teatro “Apolônia Pinto”, em homenagem à 1ª dama do teatro maranhense, célebre atriz do teatro, nascida em São Luís, em 21 de julho de 1854, no Camarim nº 1 do Teatro São Luís, hoje Teatro Arthur Azevedo, e falecida em 24 de dezembro de 1937 no Rio de Janeiro. O Teatro Apolônia Pinto, tem setenta lugares, sistema de som e climatização, dispõe de dois camarins, sendo utilizado para apresentações musicais, teatro, dança e projeção de vídeos e filmes, além de encontros e palestras;
2. Circuito de Exposição de Longa Duração: Composto de salões e corredores devidamente decorados com móveis e utensílios que refazem um ambiente dos casarões de famílias do século XIX, com salas, quartos, varandas, escritórios, cozinha, banheiros, decorados com peças em porcelana, cristais, vidros, livros, objetos pessoais, espelhos, cortinados e móveis em madeira de lei. O circuito de longa duração reconstitui alguns ambientes de uma casa de época, na transição dos séculos XIX e XX, onde as peças são mostradas de forma didática, de modo que o público possa ver o acervo contextualizado dentro dos usos e costumes de um período histórico;
3. Mirante: O mirante do MHAM é uma vista privilegiada da entrada das embarcações na Bahia de São Marcos, sendo um espaço que possibilita uma visão ampla dos telhados coloniais de São Luís;

4. Outros equipamentos culturais coordenados pelo MHAM: Museu de Arte Sacra, Museu de Artes Visuais, Cafua das Mercês (Museu do Negro), Igreja do Desterro, Capela Bom Jesus dos Navegantes, Capela São José das Laranjeiras e Museu de Alcântara.

Figura 11: Interior do MHAM



Fonte: Site O Imparcial

Uma das principais características dos museus públicos é o seu compromisso em disponibilizar suas coleções para o público em geral, oferecendo acesso gratuito ou a preços acessíveis. Isso é importante para garantir que pessoas de diferentes origens sociais, econômicas e culturais possam apreciar e aprender com as exposições e coleções. Além disso, os museus públicos também podem oferecer programas educacionais, workshops, palestras e outras atividades destinadas a envolver a comunidade local e promover a compreensão e apreciação da cultura. Esses museus podem abranger uma ampla gama de temas, desde história, arqueologia, ciências naturais até arte contemporânea. Eles podem apresentar exposições permanentes e temporárias, e muitas vezes são organizados em diferentes seções ou departamentos, cada um dedicado a um

tema específico. Os museus públicos também podem ser importantes centros de pesquisa, com bibliotecas e arquivos que apoiam estudos acadêmicos e pesquisas relacionadas ao seu acervo.

No entanto, os museus públicos também enfrentam desafios, como a obtenção de financiamento adequado para manter e expandir suas coleções, garantir a segurança dos objetos expostos, lidar com questões éticas relacionadas à proveniência de certos artefatos e adaptar-se às mudanças tecnológicas para proporcionar experiências mais interativas e envolventes aos visitantes. No geral, os museus públicos desempenham um papel fundamental na preservação e divulgação do patrimônio cultural de uma sociedade. Eles são espaços educativos e inspiradores, onde as pessoas podem explorar, aprender e se conectar com o passado e o presente, promovendo a compreensão, a diversidade cultural e a apreciação das artes e ciências

O patrimônio material em museus públicos representa uma parte significativa da história e cultura de uma sociedade. Esses museus são responsáveis pela preservação, estudo e exibição de uma ampla variedade de objetos e artefatos que testemunham o passado. O patrimônio material em museus públicos pode abranger uma gama diversificada de categorias, como arqueologia, história, artes plásticas, etnografia, ciências naturais e muito mais. Isso inclui objetos como esculturas, pinturas, manuscritos, artefatos arqueológicos, armas históricas, móveis antigos, utensílios domésticos, roupas tradicionais e instrumentos científicos, entre outros. Seguindo essa linha de raciocínio, a missão do MHAM é guardar, adquirir, preservar, conservar e executar políticas culturais que garantam ao povo maranhense o exercício do direito à memória, à história e o acesso aos bens culturais.

5.2.2 Centro Cultural da Vale (CCV MA)

Um museu privado é uma instituição cultural mantida e administrada por uma entidade privada, como uma fundação, uma família, uma empresa ou um colecionador particular. Ao contrário dos museus públicos, que geralmente são financiados pelo governo ou por entidades sem fins lucrativos, os museus privados dependem de recursos privados para operar e manter suas coleções. Desempenham um papel importante na preservação e divulgação do patrimônio cultural e artístico. Eles geralmente são criados com base no interesse e na paixão de indivíduos ou grupos específicos, que desejam compartilhar sua coleção com o público e garantir sua proteção a longo prazo. Uma das

vantagens dos museus privados é a flexibilidade e a liberdade que eles têm para moldar suas políticas e diretrizes de acordo com os interesses de seus mantenedores. Isso pode resultar em exposições e programas mais específicos e temáticos, refletindo as preferências e o conhecimento dos colecionadores ou fundadores.

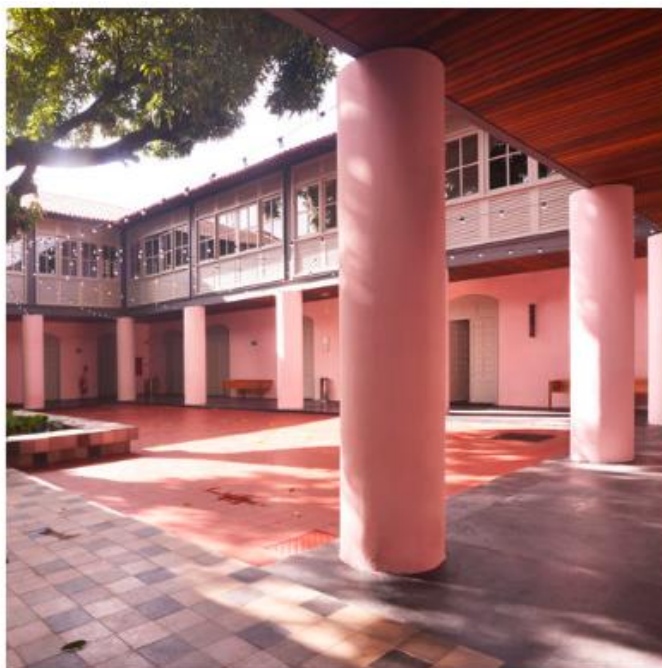
O Centro Cultural Vale Maranhão (CCV MA) é mantido pelo Instituto Cultural Vale, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, e situa-se no coração do Centro Histórico de São Luís. O Instituto Cultural Vale também é responsável pela manutenção do Memorial Minas Gerais Vale (Belo Horizonte -MG), do Museu Vale (Vitória -ES) e da Casa da Cultura de Canaã dos Carajás (PA).

Ao lado de outras instituições culturais, o CCV MA colabora com a dinamização da localidade e reafirma o caráter cultural da região da cidade. É um espaço cultural dinâmico, diverso e aberto, que oferece e mantém o lugar de diálogo e prática para artistas, produtores de cultura e visitantes. Seu principal objetivo é ampliar o acesso ao fazer e aos bens culturais, proporcionando ambientes de troca, criação e formação, que sejam diversos e de todos. A liberdade expressiva e responsável é o eixo central de atuação, entendendo cultura e educação como base para a produção da experiência.

De acordo com o CCV MA, A programação é pensada com o comprometimento de oferecer ao público conteúdo de qualidade, nas mais diversas linguagens artísticas, colaborando para o saber e formação do pensamento crítico. Exposições, editais, shows, apresentações de cultura popular, espetáculos de artes cênicas e dança, cursos, oficinas, mostras de cinema e festivais são pensadas para proporcionar vivências enriquecedoras a todos os visitantes.

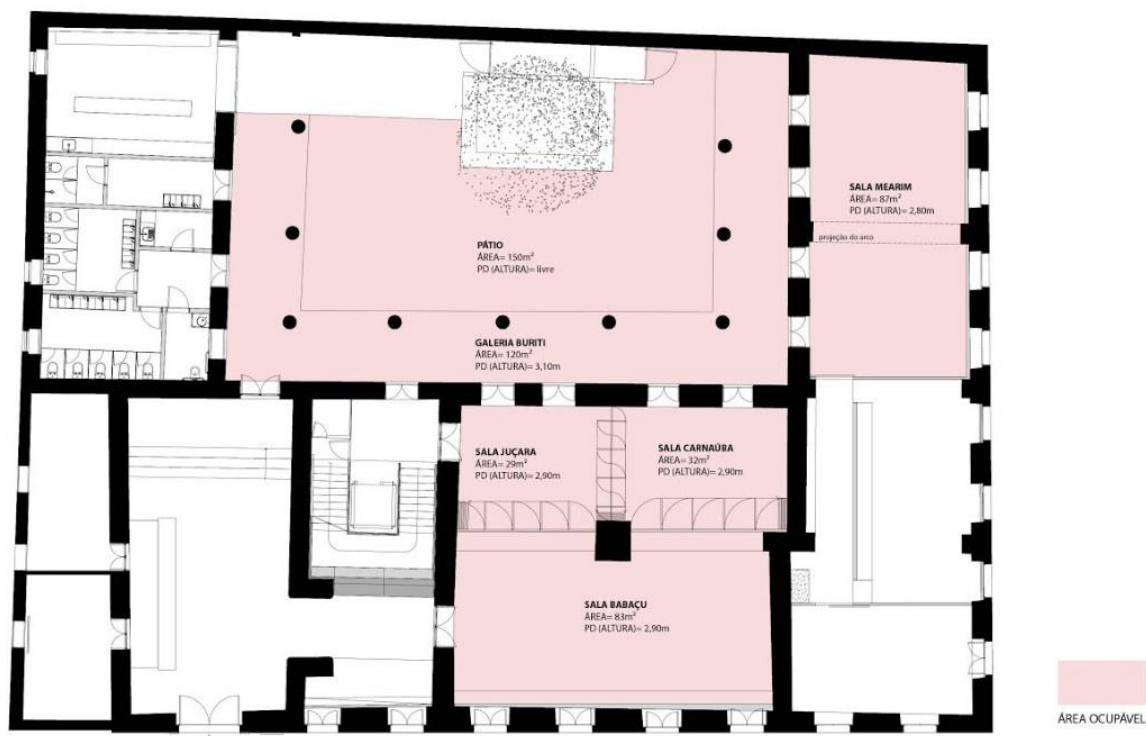
Ainda, o CCVM entende e reconhece a riqueza cultural maranhense, e assim, funciona como um farol difusor, colocando o Maranhão entre os importantes polos culturais do país, com grande foco na cultura popular e suas interlocuções com as instâncias institucionais. Além disso, também recebe profissionais de outros estados e países, para que haja intercâmbio cultural, levando a cultura maranhense cada vez mais longe e contribuindo para a formação local.

Figura 12: Pátio Maranhão (Piso Térreo)



Fonte: Site oficial do CCV MA

Figura 13: Planta baixa CCV MA



Fonte: Site oficial do CCV MA

Embora os museus privados geralmente não tenham o mesmo acesso a recursos financeiros e apoio público que os museus públicos, eles podem buscar financiamento por meio de patrocínios, doações, taxas de entrada e parcerias com instituições ou empresas. Essa autonomia financeira pode permitir que eles sejam mais ágeis e inovadores na implementação de programas e exposições. A iniciativa quanto a implantação do Centro Cultural Vale Maranhão é do Instituto Cultural Vale. Com o compromisso de contribuir para o desenvolvimento social e humano de comunidades onde a Vale está presente, o Instituto Cultural Vale busca ampliar o acesso à cultura e preservar a memória e as identidades culturais locais por meio de seus ativos culturais.

A dependência de recursos privados pode tornar sua sustentabilidade financeira mais instável, pois estão mais sujeitos a flutuações econômicas e a mudanças nos interesses e prioridades dos mantenedores. Além disso, o acesso do público a coleções privadas pode ser mais limitado, dependendo das políticas estabelecidas pelos proprietários. Em suma, os museus privados são instituições valiosas e complementares aos museus públicos. Eles desempenham um papel vital na preservação e divulgação do patrimônio cultural e artístico, trazendo à tona coleções especializadas e oferecendo perspectivas únicas. Embora enfrentem desafios financeiros e de acesso, os museus privados continuam a enriquecer o cenário cultural ao compartilhar sua paixão e conhecimento com o público.

5.3 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa correspondem a pessoas da gestão de modo a responder sobre o museu de forma geral e seus aspectos museológicos. As entrevistas foram aplicadas respeitando critérios legais e de integridade, e mediante a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual o participante tem a opção de ter sua participação na pesquisa em anonimato, assim como desistir.

5.4 Instrumentos de coleta

O instrumento de coleta utilizados foram entrevistas com perguntas abertas e fechadas para os gestores dos museus sinalizados através do Google Meet (plataforma digital para videoconferência).

5.5 Análise dos resultados

O estudo tem caráter qualitativo e exploratório, realizado através de uma entrevista semiestruturada com os gerentes dos museus escolhidos para análise, observação dos espaços pesquisados e fazendo registros e anotações das percepções acerca dos museus. A entrevista contou com dois momentos distintos. O primeiro contato estabelecido com o gestor, sujeito da pesquisa, para apresentar os propósitos da investigação e formalizar o convite para entrevista através de agendamento de dia e horário; o segundo momento para leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido além da entrevista propriamente dita. Utiliza-se a entrevista semiestruturada (Apêndice B) por possibilitar uma maior interação social com o pesquisador e o sujeito da pesquisa, favorecendo o discurso sobre o tema, a partir do conhecimento que ele detém e que assume característica de caráter espontâneo e autenticidade.

Os gestores que colaboraram com esta pesquisa estão representados por uma convenção de números e letras, e não por seus nomes. Tal estratégia se deu para preservar o anonimato dos participantes. Assim, passou a ser denominado o Gestor do MHAM, GMHAM e o Gestor do CVV, GCVV. As entrevistas aconteceram via Google Meet em detrimento ao sistema híbrido de trabalho dos gestores e não foram gravadas a pedido dos participantes e a duração da entrevista variou entre 30 e 40 minutos. Essa fase é denominada, como afirma Bardin (2006), de pré-análise, sendo a primeira fase da análise do conteúdo, metodologia adotada para se estudar os dados, onde a fase envolve:

A leitura geral do material eleito para análise, no caso de análise de entrevistas, estas já deverão ser transcritas. De forma geral, efetua-se a organização do material a ser investigado, tal sistematização serve para que o analista possa conduzir as operações sucessivas da análise.” (Silva e Fossá, 2013, p.3).

Concluída a fase supracitada, partiu-se para a exploração do material, que segundo Silva e Fossá (2013, p.4), consiste “na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes de textos nas unidades de registro, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas”. Elas dão origem as categorias de análise da pesquisa, sempre estruturadas conforme os objetivos propostos.

Após a fase de decodificação do material coletado por meio de entrevistas e observação, foi realizado o tratamento e interpretação dos dados, sempre tomando por base o referencial teórico que deu subsídios para a pesquisa. Para melhor apresentação

dos resultados, a análise foi dividida da seguinte forma: aspectos museológicos, o uso da tecnologia em museus público e privado e gestão museal pública e privada.

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

No contexto da preservação cultural e disseminação do conhecimento, museus desempenham um papel crucial. Esta pesquisa visa estabelecer um quadro comparativo entre museus públicos e privados, explorando as nuances que distinguem essas instituições em termos de seus aspectos museológicos, tecnologia e gestão.

6.1 Aspectos Museológicos

O Estatuto de Museus, estabelecido por meio da Lei 11.904, datada de 14 de janeiro de 2009, e posteriormente regulamentado pelo Decreto nº 8.124/2013, desempenhou um papel fundamental ao viabilizar a ordenação e o reconhecimento oficial dos museus em toda a sua vasta diversidade. Esta legislação se configura como um marco normativo abrangente que regula uma ampla gama de atividades no âmbito museológico nacional, abarcando desde questões relacionadas à segurança e aquisição de acervos até aspectos ligados à gestão financeira e curadoria, e desde a obtenção de financiamento até a prestação de contas. Estabelece diretrizes essenciais para as atividades educativas e culturais, bem como para os projetos de pesquisa, ao estabelecer parâmetros normativos que orientam as operações dos museus, ao mesmo tempo em que institui importantes instrumentos de gestão, proteção e promoção do patrimônio museológico nacional. Este arcabouço legislativo serviu como fundamento para a construção dos aspectos museológicos do presente trabalho.

Nas subseções I, II, III, IV e V – Lei nº 11.904/2009, “Do Regimento e das Áreas Básicas dos Museus”, observa-se a operacionalização das funções museológicas e atividades correntes dos museus: “Da Preservação, da Conservação, da Restauração e da Segurança”; “Do Estudo, da Pesquisa e da Ação Educativa”; “Da Difusão Cultural e do Acesso aos Museus”; “Dos Acervos dos Museus” e “Do Uso das Imagens e Reproduções dos Bens Culturais dos Museus”. Destacam-se os seguintes artigos:

Art. 23. Os museus devem dispor das condições de segurança indispensáveis para garantir a proteção e a integridade dos bens culturais sob sua guarda, bem como dos usuários, dos respectivos funcionários e das instalações. Parágrafo único. Cada museu deve dispor de um Programa de Segurança periodicamente testado para prevenir e neutralizar perigos.

Art. 28. O estudo e a pesquisa fundamentam as ações desenvolvidas em todas as áreas dos museus, no cumprimento das suas múltiplas competências. § 1º O estudo e a pesquisa nortearão a política de aquisições e descartes, a identificação e caracterização dos bens culturais incorporados ou incorporáveis

e as atividades com fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação.

§ 2º Os museus deverão promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes.

A etapa inicial que aborda os aspectos museológicos considerou itens: dinâmica de funcionamento, relacionamento com o público-alvo, acessibilidade, segurança, acervo, exposição e projetos. A seguir, expõe-se um quadro comparativo desses itens partindo dos dados do fornecidos pelos gestores entrevistados.

Quadro 5: Comparativo entre museus de acordo os aspectos museológicos e museográficos pesquisados

Aspecto	GMHAM	GCVV
Funcionamento	De terça a sexta, das 14h às 17:30h, exceto feriados	De terça a sábado, das 10h às 19h, exceto feriados
Relacionamento	Via redes sociais ou ASCOM (Assessoria de Comunicação do Estado do Maranhão)	Via redes sociais e site próprio
Acessibilidade	O museu está localizado na rua do Sol, o que dificulta o estacionamento de veículos e acesso de pessoas com dificuldade de locomoção. Sinalização em braile, piso tátil de alerta, desníveis e rota de fuga.	A localização facilita o acesso a pessoas com deficiência, por exemplo (cadeirantes). Sinalização em braile, piso tátil de alerta, desníveis.
Segurança	O GMHAM disponibiliza guardas terceirizados para a manutenção da segurança de seus usuários e monitores para informar sobre o acesso guiado por exemplo.	O GCVV disponibiliza guardas terceirizados para a manutenção da segurança de seus usuários.

Acervo	O acervo do GMHAM é proveniente, em grande parte, de doações de colecionadores. Além das doações, é proveniente de compras da Fundação Cultural do Maranhão, atual Secretaria de Estado da Cultura/SECMA e de contratos de comodatos firmados entre a Arquidiocese de São Luís e a SECMA.	A implantação do Centro Cultural Vale Maranhão é uma iniciativa do Instituto Cultural Vale.
Exposição	As exposições levam em consideração a história da localidade. Por exemplo: Praça Odorico Mendes foi inaugurada em 1901 e logo de início foi batizada com o nome de Manuel Odorico Mendes. A proposta de batismo da praça está associada a uma homenagem ao Odorico Mendes como forma de valorizar sua trajetória e sua contribuição cultural e literária para São Luís. Após sua inauguração, em 1930, a praça passou por uma grande reforma, na qual foram instaladas fiações subterrâneas e em 1959 a Praça Odorico. No centro, encontra-se uma estátua de Odorico Mendes produzida pelo artista mexicano Rodolfo Bernadelli.	As exposições acontecem mediante a definição da temática. Por exemplo: “Maranhão terra indígena”, onde são trabalhados itens como moda, armas, quadros, vídeos dentre outros. O Centro Cultural Vale Maranhão é um espaço cultural dinâmico, diverso e aberto, que oferece e mantém o lugar de diálogo e prática para artistas, produtores de cultura e visitantes. O principal objetivo é ampliar o acesso ao fazer e aos bens culturais, proporcionando ambientes de troca, criação e formação, que sejam diversos e de todos.
Projetos	O museu sempre realizou cursos, entre eles: conservação em papel, azulejaria, conservação em pedra de	Exposições, editais, shows, apresentações de cultura popular, espetáculos de artes cênicas e

	cantaria, conservação em fotografia e higienização de acervo.	dança, cursos, oficinas, mostras de cinema e festivais são pensadas para proporcionar vivências enriquecedoras a todos os visitantes.
--	---	---

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Os museus vêm demonstrando uma crescente consciência em relação aos desafios da inclusão e diversidade. No entanto, é crucial reconhecer que, como instituições encarregadas da seleção e representação (construída) da realidade, não podem aspirar à totalidade ou unanimidade.

Conforme Santos (1978, p. 145), “o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia”

Surge, assim, um desafio complexo ao contemplar a inclusão num contexto permeado pela conscientização da incompletude, seleção e exclusão, característicos do universo dos museus. A busca pela igualdade nesse cenário levanta questionamentos significativos. A respeito da tensão entre memória e esquecimento, Le Goff escreve:

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (Le Goff, 1984, p. 46).

Os aspectos museológicos aqui evidenciados compreendem uma variedade de atividades, incluindo logística, mediação e coordenação de processos relacionados à preservação, pesquisa e comunicação. Essas ações visam assegurar a transformação do patrimônio em uma herança comum para a sociedade. Ao analisar os itens supracitados quanto aos itens de acervo, projetos, segurança e dinâmica de funcionamento, nota-se que os museus públicos, frequentemente dependentes de financiamento governamental, buscam atender ao público em geral e preservar o patrimônio cultural de uma nação ou localidade. Em contrapartida, os museus privados, geralmente financiados por doações, patrocínios ou receitas geradas internamente, podem ter uma flexibilidade financeira maior para explorar exposições inovadoras e adquirir peças exclusivas.

O acesso é uma faceta crucial na análise comparativa. Museus públicos muitas vezes são mais acessíveis devido a ingressos subsidiados ou gratuitos, buscando atingir

um amplo espectro da sociedade. Museus privados, embora possuam uma abordagem mais autossustentável, podem ter ingressos mais elevados, o que pode limitar o acesso a certas camadas da população. Válido ressaltar que os objetos de estudo possuem entrada gratuita.

A complexidade da interseção entre patrimônio, economia e política torna-se evidente quando consideramos as diversas formas como o legado cultural pode ser alavancado para fomentar o crescimento econômico e, simultaneamente, desempenhar um papel político na construção e afirmação de identidades. A compreensão dessas dinâmicas, como delineadas por Melo Filho (2017), é essencial para uma análise abrangente dos desdobramentos associados ao uso estratégico do patrimônio, explorando suas potencialidades tanto no âmbito financeiro quanto no cenário político contemporâneo.

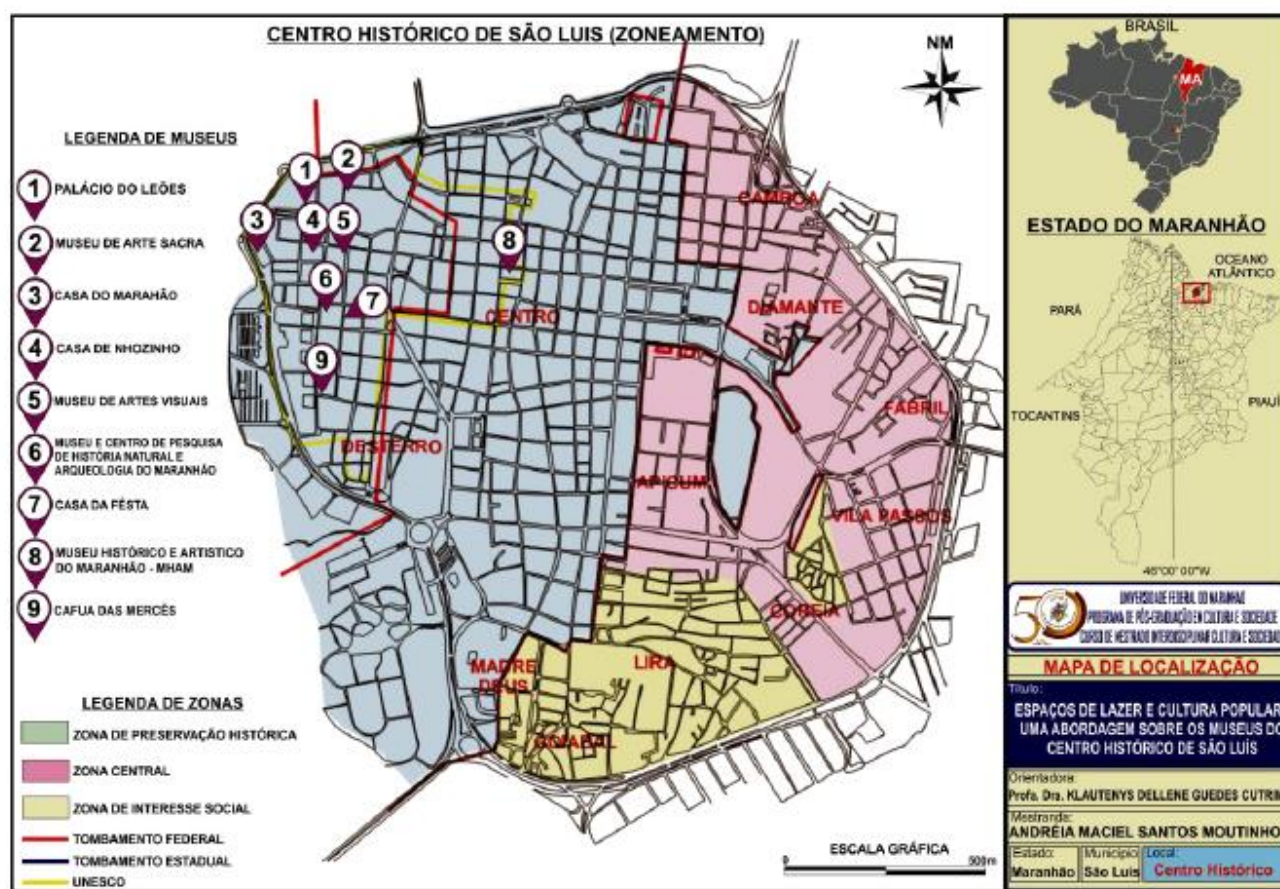
A curadoria em museus públicos pode ser guiada por critérios educacionais e preservacionistas, visando representar a diversidade cultural da sociedade. Em contrapartida, museus privados podem ter uma abordagem mais voltada para a inovação e entretenimento, muitas vezes focando em coleções temáticas específicas para atrair públicos segmentados. A missão de um museu público geralmente está alinhada com a educação pública e preservação do patrimônio cultural. Por outro lado, museus privados podem ter uma missão mais orientada para o mercado, buscando equilibrar a preservação cultural com a atratividade comercial.

Numa sociedade complexa como a brasileira, rica em manifestações culturais diversificadas, o papel dos museus, no âmbito de políticas públicas de caráter mais amplo, é de fundamental importância a valorização do patrimônio cultural como dispositivo estratégico de aprimoramento dos processos democráticos. A noção de patrimônio cultural, do ponto de vista museológico, implica a abertura para o trato com o tangível e intangível, a dimensão cultural pressuposta na relação dos diferentes grupos sociais e étnicos com os diversos elementos da natureza, bem como o respeito às culturas indígenas e afrodescendentes.

Para cumprir esse papel, os museus devem ter processos e estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Comprometidos com a gestão democrática e participativa, eles devem ser também unidades de investigação e interpretação, de mapeamento, documentação, e preservação cultural, de comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira (MINC, 2003, p. 8).

Se levarmos em consideração a localização dos MHAM e CVV, entende-se que o próprio Centro Histórico é um grande museu de céu aberto³ coberto de vários edifícios coloniais que guardam a história do Maranhão e propõe uma abordagem integral na consideração do patrimônio, levando em conta sua dimensão territorial. Nessa perspectiva, a redefinição do conceito de museu emerge, sendo preconcebido para acomodar a diversidade de públicos.

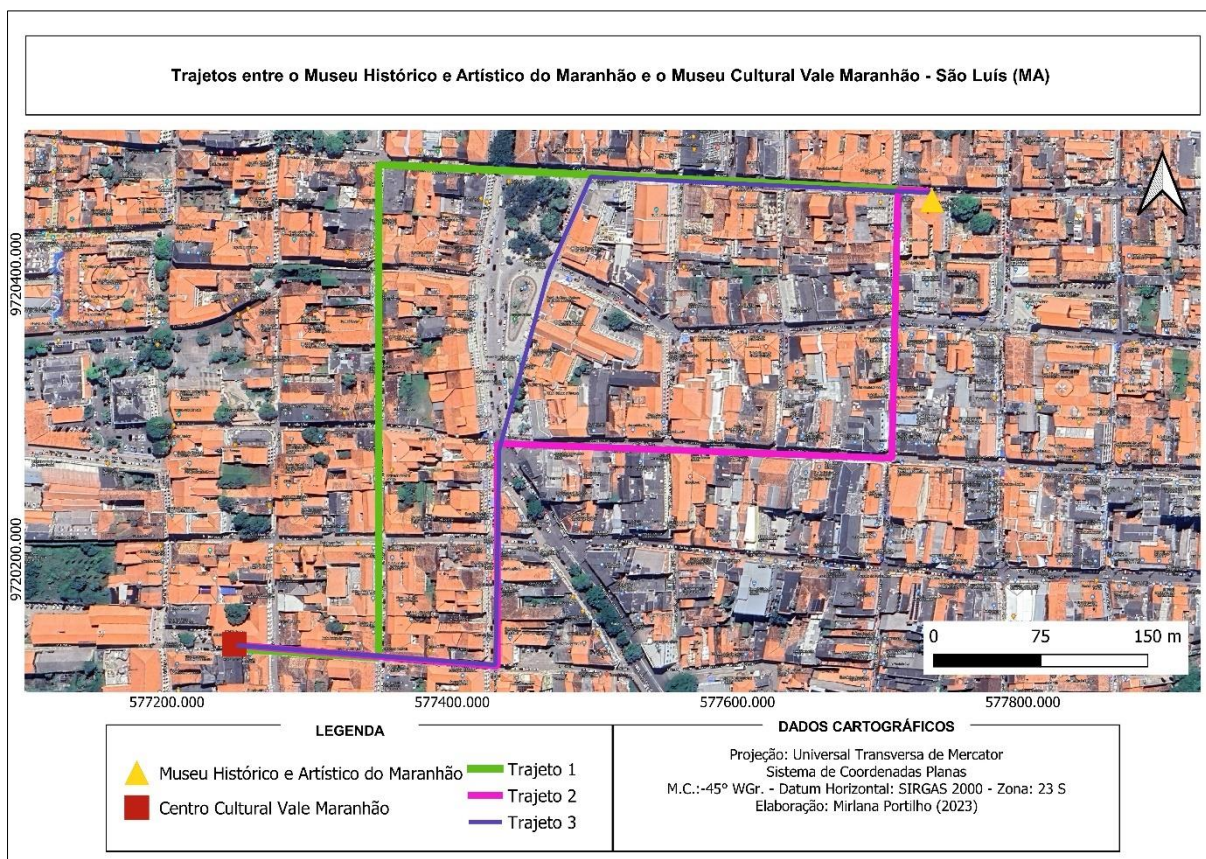
Figura 14: Mapa de localização dos espaços museais no Centro Histórico



Fonte: Mapa elaborado por Luiz Messias Ribeiro Batista (Professor do IFMA São Luís – Centro Histórico)

³ O museu a céu aberto ou “ar livre constitui a virada mais original na virada do século XIX-XX. O filósofo Arthur Hazelius (1833-1901) que através das suas primeiras pesquisas sobre as línguas, tinha tomado conhecimento do desaparecimento das culturas camponesas tradicionais, empenhou-se em criar um museu etnografia nacional dedicado a vida dos povos escandinavos [...]. Assim abre em 1891 o primeiro museu ao ar livre, em Skansen, aldeia de oficinas e atividades tradicionais, cuja animação é confiada a guias e demonstrações folclóricas (Poulot, 2009, p.53).

Figura 15: Trajeto entre o MHAM e o CVV – São Luís (MA)



Fonte: Mapa elaborado por Mirlana Portilho (Mestranda UFMA – Programa de Cultura e Sociedade)

O mapa supracitado foi pensado para contemplar três percursos no sentido de estabelecer as distâncias entre o Museu Artístico e Histórico com o Centro Cultural Vale Maranhão com a finalidade evidenciar sua proximidade e possibilidade de acesso aos espaços caso o usuário demande conhecer tais espaços museais. Os trajetos foram divididos por cores, onde cada uma determina uma orientação conforme descrição abaixo:

- Caminho verde (percurso 1) – Do Museu Artístico para o CVV (distância 850 m), siga na direção oeste da Rua do Sol em direção à rua 7 de setembro (haverá a Caixa à direita em 270 m); vire à esquerda na Rua da Palma; vire à direita na Rua Direita (o destino estará à direita);
- Caminho rosa (percurso 2) – Do Museu Artístico para o CVV (distância 850 m); siga na direção oeste da rua do sol em direção à rua Sete de Setembro (24 m); vire à esquerda na R. Sete de Setembro (190 m); vire à direita na Rua Oswaldo Cruz (270 m); vire à esquerda na R. Afonso Pena (160 m); vire à direita na R. Direita (180 m)

- Caminho azul – (percurso 3) – – Do Museu Artístico para o CVV (distância 800 m); siga na direção oeste da Rua do Sol em direção à rua 7 de setembro (240 m); vire à esquerda na Praça João Lisboa (200 m); vire à direita na R. Oswaldo Cruz (19 m); vire à esquerda na R. Afonso Pena (160 m); vire à direita na R. Direita (180 m).

As diretrizes propostas para a validação das discrepâncias identificadas no Quadro 5, que realiza um comparativo entre instituições museológicas sob a ótica dos aspectos museológicos e museográficos investigados, sugerem uma otimização estratégica do emprego das plataformas de redes sociais. Tal otimização visa incrementar a adesão e engajamento do público aos conteúdos difundidos por cada entidade museal. Adicionalmente, recomenda-se a catalogação exaustiva das barreiras à acessibilidade, com o intuito de elaborar um conjunto de procedimentos corretivos para as adversidades observadas. Paralelamente, é imperativo o desenvolvimento de iniciativas que fomentem a interatividade com os diversos segmentos comunitários, promovendo assim a construção de vínculos robustos e contínuos entre os museus e o tecido social ao qual pertencem.

6.2 O uso da tecnologia em museus público e privado

A tecnologia tem sido uma ferramenta importante para museus em todo o mundo. Ela permite que os visitantes tenham uma experiência mais interativa e educativa, tornando a visita mais imersiva e autêntica. Além disso, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm sido amplamente utilizadas para tornar a experiência do visitante mais inclusiva e acessível. Por exemplo, aplicativos específicos e tecnologias digitais são usados para apresentar e dinamizar informações, democratizando o acesso ao conhecimento. A tecnologia também é uma ferramenta importante para a preservação do patrimônio cultural, permitindo que os museus protejam seus bens culturais de atos criminosos ou mesmo da ação do tempo e da natureza.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm sido amplamente utilizadas em museus para tornar a experiência do visitante mais interativa e educativa. De acordo com um artigo do *Polytechnic Institute of Leiria*, as TICs aplicadas a museus são vistas como um capital interativo e educativo que cria uma conexão entre o objeto e o turista, tornando a experiência mais imersiva e autêntica. Outro artigo, “O impacto das Tecnologias da Informação e Comunicação em museus: estudo de caso do Museu da Gente Sergipana”, discute como o Museu da Gente Sergipana foi idealizado para o uso de TICs, ou seja, já nasceu no digital, com a exploração da interatividade e didática

audiovisual nos espaços criados, pensando também em uma forma didática de levar o conhecimento aos frequentadores.

Quadro 6: Comparativo entre museus de acordo o uso de tecnologias

TICs	GMHAM	GCVV
Audioguia	Não	Sim
Realidade Virtual	Não	Sim
Realidade Aumentada	Não	Não
Projeção Mapeada	Não	Não
Telas Interativas	Não	Sim
Beacon	Não	Não
QR Code	Não	Sim
Internet das Coisas	Não	Não
Inteligência Artificial	Não	Não
Big Data	Sim	Sim

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A disparidade na adoção de tecnologias entre museus privados e públicos pode ser atribuída a diversos fatores intrínsecos a cada tipo de instituição. Museus privados, muitas vezes financiados por fontes distintas e operando sob uma estrutura mais flexível, têm uma liberdade financeira e gerencial maior para investir em inovações tecnológicas. Isso se deve à capacidade de gerar receitas próprias, por meio de doações, patrocínios e bilheteria, possibilitando a implementação de tecnologias avançadas para aprimorar a experiência do visitante.

A legislação museológica traz a obrigatoriedade aos museus públicos e privados de enviarem ao Ibram os dados e informações relativos ao quantitativo anual de visitação. Essa responsabilidade está amparada no inciso VIII do art. 4º do Decreto nº 8.124/2013: “VIII - enviar ao Ibram dados e informações relativas às visitas anuais”. Para seu cumprimento foi publicada a Resolução Normativa nº 03, de 19 de novembro de 2014, que define os critérios e os procedimentos a serem observados pelos museus, assim como menciona o formulário de visitação anual, disponível para consulta no portal do Ibram. Essa ação proporciona aos museus a sistematização primária de dados de visitação.

Museus públicos geralmente dependem significativamente de financiamento governamental, o que pode limitar seus recursos disponíveis para aquisição e manutenção de tecnologias de ponta. Restrições orçamentárias, burocracia institucional e a

necessidade de priorizar diferentes áreas, como preservação e educação, muitas vezes reduzem a capacidade dos museus públicos de adotar rapidamente novas tecnologias. Essa disparidade financeira e operacional resulta em museus privados assumindo a dianteira na integração de tecnologias inovadoras, enquanto museus públicos podem enfrentar desafios adicionais na implementação dessas avançadas ferramentas devido a suas estruturas de financiamento mais restritas.

Desde 2010, tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 6.722/2010, denominado Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura (Procultura), que substituirá a Lei Federal de Incentivo à Cultura nº 8.313/1991 (BRASIL, 1991), cujo objetivo é reformular a política federal de fomento e incentivo à cultura. A finalidade dessa reforma é a ampliação do acesso a esses recursos, por parte dos produtores culturais dos diversos segmentos (artes cênicas, música, teatro, literatura, exposições, preservação do patrimônio).

Além das disparidades na adoção de tecnologias entre museus privados e públicos, é importante destacar que ambos os tipos de instituições têm explorado as redes sociais como uma ferramenta significativa para se conectar com o público. Museus privados, muitas vezes com recursos financeiros mais substanciais, podem investir em estratégias mais elaboradas de presença online, engajamento social e marketing digital. Essas iniciativas podem incluir a criação de conteúdo exclusivo, transmissões ao vivo de eventos e colaborações com influenciadores digitais para aumentar sua visibilidade.

Por outro lado, museus públicos, mesmo com recursos financeiros mais limitados, têm buscado ativamente utilizar as redes sociais como uma plataforma acessível e eficaz para interagir com o público. Estratégias inovadoras incluem a divulgação de eventos, compartilhamento de informações educacionais e o uso de mídia social como uma extensão virtual das exposições, proporcionando aos visitantes uma experiência interativa mesmo à distância. Essa abordagem destaca uma convergência interessante: enquanto museus privados podem investir em tecnologias de ponta, os museus públicos estão encontrando maneiras criativas de aproveitar as redes sociais para garantir uma presença online dinâmica e acessível. Ambos os tipos de instituições buscam, assim, maximizar seu alcance e impacto, adaptando-se às demandas da era digital.

Para abordar a disparidade na adoção de tecnologias entre museus privados e públicos, uma solução multifacetada poderia ser considerada:

- **Parcerias Público-Privadas:** Estabelecer colaborações entre museus públicos e privados, permitindo que ambos compartilhem recursos e conhecimentos tecnológicos.

- **Financiamento e Subsídios:** Museus públicos podem buscar financiamento governamental ou subsídios específicos para projetos de inovação tecnológica.
- **Programas de Patrocínio:** Desenvolver programas que incentivem empresas e indivíduos a patrocinarem a implementação de tecnologia em museus públicos.
- **Adoção de Modelos Escalonáveis:** Implementar tecnologias que possam ser escalonadas, começando com soluções de baixo custo e expandindo conforme o orçamento permite.
- **Engajamento Comunitário:** Incentivar a participação da comunidade local para apoiar financeiramente e promover a adoção de tecnologia através de campanhas de crowdfunding e eventos.
- **Capacitação e Treinamento:** Investir na capacitação dos funcionários dos museus públicos para gerenciar e operar novas tecnologias eficientemente.

As redes sociais são plataformas digitais que permitem a interação, a comunicação e o compartilhamento de conteúdo entre os usuários. Elas trazem muitos benefícios, tais como facilitar o contato com amigos e familiares, ampliar o acesso à informação e à cultura, promover a participação cívica e a expressão de opiniões, entre outros. No entanto, as redes sociais também enfrentam alguns desafios e problemas, como:

- O risco de vazamento de informações confidenciais ou estratégicas da empresa, suscetíveis a exposição ou roubo por meio das redes sociais;
- A gestão imatura das redes sociais, propensa a erros de comunicação, posicionamento inadequado e falhas na administração de crises, acarretando prejuízos à imagem e reputação corporativa;
- A propagação de informações falsas ou desfavoráveis sobre a empresa, muitas vezes originadas por concorrentes, clientes insatisfeitos ou agentes mal-intencionados, impactando negativamente na credibilidade e confiança da marca;
- A exigência de investimentos em recursos humanos, tecnológicos e financeiros para uma administração eficiente e profissional das redes sociais, desafio particularmente relevante para pequenas e médias empresas.

Os desafios associados ao uso das redes sociais por parte dos museus compartilham semelhanças com os enfrentados por empresas, embora apresentem algumas peculiaridades distintas. Dentre esses obstáculos, destacam-se:

- A complexidade de preservar o valor cultural das obras de arte, suscetíveis à descontextualização, banalização ou desrespeito quando compartilhadas nas redes sociais.
- A restrição da experiência estética dos visitantes, que pode ser comprometida pelo foco excessivo em fotografias e vídeos, em detrimento da apreciação direta das obras de arte.
- A necessidade de adaptação dos museus às novas linguagens, formatos e públicos das redes sociais, exigindo ajustes na curadoria, educação e comunicação.
- A escassez de recursos para manter uma presença digital de alta qualidade, incluindo a produção de conteúdo relevante, interação eficaz com o público e monitoramento consistente de resultados.

O quadro abaixo descreve a movimentação das redes sociais para os objetos de estudo desta pesquisa.

Quadro 7: Comparativo entre museus de acordo o uso de redes sociais

Itens avaliados	MHAM	CCVV
Número de publicações	360	3178
Número de <i>reels</i>	Utiliza com frequência	Utiliza com frequência
Número de seguidores	5986	86
Número de contas “Seguindo”	23,8 mil	417
Quanto aos destaques	Informações sobre: horário, local, campanhas, biblioteca, exposição, visita e acervo	Sem destaques
Quanto às postagens fixas	Não há postagem fixa	Referente ao evento mais próximo de ser executado
Média de curtidas por postagem	74,3	188,11
Média de comentários por postagem	2,6	3,2
Quanto aos links na bio	Site (mas o link não funciona)	Spotify, Youtube, Site
Informações principais na página inicial	Horário de visita	Horário de visita, valor da entrada, local
Quanto a periodicidade de postagens	Focado em datas comemorativas (pode gerar mais 2 semanas sem postagens)	A cada dois dias
Quanto ao direcionamento do museu	História do Maranhão	Eventos e exposições

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Em uma perspectiva inicial, percebe-se que o GCVV faz uso mais frequente da plataforma Instagram em detrimento ao GMHAM conforme as categorias sinalizadas. É válido ressaltar que um outro instrumento bastante utilizado pelo GCVV é o site institucional do centro, que apresenta a arquitetura organizacional do local, identidade, editais, programação, espaços, equipe, formas de contato, área em inglês e publicações atreladas ao core business do centro. A última atualização do GMHAM foi no ano de 2016 e contempla itens como missão, notícias, fotos, projetos, equipe administrativa e um blog do museu. Cabe ainda ressaltar que na página da Secretaria de Cultura do Estado do

MA, o GMHAM é citado mediante sua existência, mas que o acesso a ele precisa ser feito através da Assessoria de Comunicação da secretaria supracitada.

Partindo do pressuposto que as redes sociais são gratuitas e de largo alcance, o GMHAM poderia fazer uso de forma mais efetiva dessas ferramentas para divulgar as exposições do museu, assim como gerar conhecimento para potenciais usuários as companhias e projetos.

Sob uma perspectiva de evolução tecnológica, tanto o GMHAM quanto o GCVV poderiam explorar itens como: Realidade Virtual e Aumentada (para enriquecer a experiência do visitante e oferecer exposições interativas); Preservação Digital (para tecnologias de preservação digital para conservar e documentar suas coleções de maneira mais eficaz) e Integração de Plataformas Digitais (integração de plataformas digitais, como aplicativos móveis e plataformas online para proporcionar acesso remoto e envolver o público de maneiras inovadoras).

A percepção da pesquisa enquanto análise do resultado, contempla o fato de que existem alguns entraves comuns. São eles:

- Restrições Orçamentárias: Museus públicos frequentemente operam com orçamentos limitados provenientes de financiamento governamental, o que pode dificultar a aquisição e manutenção de tecnologias avançadas.
- Burocracia e Processos Decisórios: Instituições públicas, devido à sua natureza burocrática, podem ter processos decisórios mais demorados, dificultando a rápida implementação de novas tecnologias.
- Adaptação Cultural: A introdução de tecnologias pode encontrar resistência dentro da equipe e da cultura institucional, tanto em museus públicos quanto privados.

Quanto a especificidade, percebeu-se que o MHAM apresenta uma dependência de financiamento governamental, o que pode criar desafios na obtenção de recursos adicionais para investir em tecnologias inovadoras. Uma dificuldade quanto ao foco em acessibilidade e inclusão: devido ao seu compromisso com a acessibilidade, tendo que se esforçar para integrar tecnologias que atendam a diversos públicos, garantindo inclusão digital. No que tange ao GCVV, entende-se que os desafios estão atrelados a autossustentabilidade financeira: com maior autonomia financeira podem investir mais livremente em tecnologias avançadas para aprimorar a experiência do visitante e explorar estratégias de autossustentabilidade e inovação e competitividade, uma vez que a

competição por visitantes e patrocínios pode impulsionar a adoção de tecnologias de ponta.

É importante atentar que para os dois casos existe a necessidade de evidenciar corretamente o processo de implementação de tais tecnologias, para identificar e adquirir quais delas fazem sentido dentro do escopo de atuação do equipamento museológico em questão. Alguns entraves que podem ser percebidos quanto a este aspecto contemplam avaliação de necessidades: tanto GMHAM quanto o GCVV devem realizar uma análise detalhada para identificar as necessidades específicas de sua coleção, público e missão antes de selecionar e implementar tecnologias além de treinamento e capacitação. O treinamento da equipe é essencial para maximizar os benefícios das novas tecnologias. O GMHAM e o GCVV precisam garantir que seus funcionários estejam capacitados para operar eficazmente as ferramentas implementadas.

Em resumo, a interseção entre tecnologia, redes sociais e museus é complexa, exigindo uma abordagem estratégica que leve em consideração as particularidades de cada instituição. A compreensão dos desafios e oportunidades proporciona uma base sólida para a formulação de táticas que permitam aos museus maximizarem seu impacto cultural e social na era digital.

6.3 A gestão museal pública e privada

A gestão eficaz de um museu é essencial para seu papel como guardião do patrimônio cultural e agente de educação. Nesse contexto, o plano museológico emerge como uma bússola direcional, orientando a instituição para uma organização mais eficiente de suas funções. Ele não apenas delinea as metas imediatas, mas serve como guia estratégico para a consecução de objetivos de médio e longo prazo.

A Seção III da Lei nº 11.904/2009 traz o instrumento que é tema central desta publicação. Os artigos 44º ao 47º tratarão de forma específica da elaboração do Plano Museológico, sendo complementadas pelo art. 23 e respectivos incisos e parágrafo único do Decreto nº 8.124/2013.

Art. 44. É dever dos museus elaborarem e implementar o Plano Museológico.

Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

Este documento direciona a visão e as ações do museu, considerando não apenas a preservação do patrimônio, mas também seu papel dinâmico na sociedade. Ao articular as diretrizes, o plano museológico abrange aspectos cruciais da gestão, incluindo a curadoria, educação, comunicação e preservação, proporcionando uma estrutura coesa para a instituição prosperar.

Conforme Moore (1998, p. 1), “A visão atual que se tem da gestão, permite cada vez mais os museus saberem com maior segurança qual sua razão de ser, quais são suas metas e como cumpri-las”. Portanto, para uma boa gestão de museu é necessário um planejamento estratégico, o qual:

pressupõe que as organizações desejem desenvolver-se positivamente para o futuro, implicando, portanto, no conhecimento de sua área de eficácia e eficiência, bem como dos limites da organização e das variáveis que compõem o ambiente externo, relacionado a comunidade, às tecnologias e aos valores do qual a unidade de informação está inserida (Barbalho; Beraquet, 1995, p. 25).

Entretanto, o museu não deve se eximir de desempenhar sua função fundamental na sociedade como um ponto de acesso à informação, um disseminador do saber, um espaço público e de serviço comunitário. Ele se configura como um museu aberto, um ambiente onde a comunidade se integra para explorar, reconhecer e participar em diálogo com sua herança patrimonial. Quanto a análise para o requisito gestão do objeto de estudo desta pesquisa, destaca-se as seguintes categorias:

Quadro 8: Comparativo entre museus de acordo com as categorias de gestão

Categorias de Gestão	GMHAM	GCVV
Ideologia Corporativa	Sim.	Sim.
Fomento	Patrocínios através da SECMA, SESI e SEBRAE.	Vale.
Gestão de Pessoas	O museu é um espaço público ligado ao Governo do Estado e obedece, portanto, as diretrizes da Secretaria de Estado da Cultura- SECMA. Os cargos são comissionados. Os principais cargos são: diretor, Historiador,	O museu obedece a Política de Gestão de Pessoas de acordo com o seu Estatuto Interno.

	museólogo e coordenador da museologia.	
Organograma	Sim.	Sim.
Gestão Financeira	As políticas orçamentárias são organizadas pela Secretaria de Estado da Cultura - SECMA	As políticas orçamentárias são organizadas pela empresa VALE e controladas pelo Gerente Geral do GCVV.
Gestão Logística	O sistema de compras e a manutenção segue os protocolos definidos pela Secretaria de Estado da Cultura- SECMA.	As políticas compras e manutenção são organizadas pela empresa VALE e controladas pelo Gerente Geral do GCVV.
Gestão da Qualidade	Os processos de qualidade são definidos a partir de reuniões semanais administrados pela gestora. As atividades são controladas pela museologia e os pesquisadores.	Existe um controle de documentos obrigatórios de acordo com a Norma ISO 9001: 2015.

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Os desafios de gestão em museus, sejam eles públicos ou privados, são multifacetados e podem variar consideravelmente devido às características específicas de cada tipo de instituição. Quando se trata de desafios comuns, tanto o GMHAN quanto o GCVV podem apresentar contingências com:

- Utilização de Tecnologia: no sentido de integrar e gerenciar eficientemente tecnologias, como sistemas de informação, preservação digital e interatividade;
- Preservação e Conservação: para manter a integridade e conservação das coleções e ao mesmo tempo em que se torna acessível ao público, é uma constante preocupação para ambos os tipos de museus.
- Engajamento do Público: com o objetivo de encontrar estratégias eficazes para envolver o público, tanto presencialmente quanto virtualmente na era digital;

- Capacitação da Equipe: com a finalidade de garantir que a equipe esteja qualificada e atualizada com as melhores práticas na gestão museológica.

Levando em consideração a especificidade de cada museu, existe a necessidade de se desenvolver estratégias adaptáveis e sustentáveis para garantir sua relevância cultural, educacional e social. O GMHAM por exemplo, apresenta oportunidades de melhoria quanto:

- Restrições Orçamentárias: depende de financiamento governamental, sujeitos a cortes orçamentários que podem afetar a capacidade de manter e aprimorar suas operações;
- Burocracia e Processos Decisórios: pode resultar em processos decisórios mais lentos, dificultando a rápida implementação de mudanças e inovações;
- Pressões Políticas e Mudanças de Governo: podem enfrentar instabilidade devido a mudanças políticas, alterações na liderança governamental e variações nas prioridades de financiamento;
- Atendimento a Diversos Públicos: garantir que as exposições e programas atendam a uma variedade de públicos, refletindo a diversidade da sociedade, é um desafio contínuo para os museus públicos.

O GCVV, por sua vez, apresenta desafios quanto:

- Autossustentabilidade Financeira: garantir sua autossuficiência financeira, muitas vezes dependendo de doações, patrocínios e receitas próprias;
- Competição por Recursos e Visibilidade: competição por visitantes, patrocinadores e doações pode ser intensa, exigindo estratégias inovadoras para se destacar e garantir recursos financeiros;
- Equilíbrio entre Missão Cultural e Atratividade Comercial: manter um equilíbrio entre a missão cultural do museu e a necessidade de ser atrativo comercialmente pode ser um desafio delicado;
- Riscos Financeiros e Sustentabilidade a Longo Prazo: sustentabilidade a longo prazo, a previsão de riscos financeiros e a adaptação a mudanças no mercado são desafios constantes para os museus privados.

Diante das inovações constantes que permeiam a sociedade, as tecnologias desempenham um papel fundamental na moldagem das experiências de entretenimento, comunicação e comportamento. O museu, como entidade guardião de sentimentos e expressões culturais, emerge como um ambiente essencial para a preservação da identidade de uma civilização. Contudo, frente à realidade atual, marcada pela globalização, o museu encontra-se imerso em um contexto que demanda uma reflexão contínua sobre suas oportunidades e desafios. Isso valida a imperativa necessidade de incorporação das ferramentas indicadas para adaptar-se eficazmente a essa dinâmica evolutiva.

A gestão eficaz de museus, tanto para o GMHAM quanto para o GCVV, requer uma integração cuidadosa de estratégias modernas de tecnologia. Em um cenário de rápidas transformações sociais e avanços tecnológicos, a administração museológica enfrenta desafios e oportunidades únicas. A implementação de tecnologias inovadoras não apenas aprimora a eficiência operacional, mas também amplia o alcance e o engajamento do público. Museus públicos, muitas vezes lidando com restrições orçamentárias, buscam soluções tecnológicas acessíveis para preservar e compartilhar sua rica herança cultural de maneira inclusiva. Para museus privados, a adoção de tecnologias avançadas torna-se um diferencial competitivo crucial. A busca por autossustentabilidade financeira impulsiona a inovação, desde experiências interativas até estratégias de marketing digital.

A capacidade de gerenciar e adaptar-se às mudanças tecnológicas é essencial para ambos os tipos de museus. A gestão eficiente não apenas garante a preservação das coleções, mas também cria experiências envolventes que conectam o público ao patrimônio cultural de forma dinâmica. Ao aglutinar gestão e tecnologia, os museus estão mais aptos a navegar pelo panorama contemporâneo, explorando novas narrativas e promovendo o acesso à cultura de maneira inovadora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus desempenham um papel fundamental na preservação e disseminação do patrimônio cultural de uma sociedade. Vem se tornando espaços propícios para o diálogo entre cultura, gestão e tecnologias, pois esses três elementos se encontram e interagem de maneira significativa. Esta pesquisa teve por objetivo executar uma análise aprofundada sobre museus como espaços de diálogo, com o intuito de diagnosticar os elementos essenciais para o seu funcionamento eficaz.

No contexto do trabalho realizado, foi possível constatar a multifacetada contribuição dos museus para a sociedade. Por meio da análise das políticas culturais e do Estatuto de Museus, compreendeu-se a importância normativa e institucional dessas instituições na preservação e divulgação do patrimônio cultural. As políticas culturais, ao promoverem a valorização da identidade nacional e o fomento à educação, destacam o papel como espaços de reflexão, aprendizado e interação. O Estatuto, por conseguinte, estabelece parâmetros regulatórios essenciais para a gestão, proteção e divulgação dos acervos museológicos, garantindo sua relevância contínua para as gerações presentes e futuras. Além disso, ao explorar a função educativa, percebe-se o potencial dessas instituições em complementar o ensino formal por meio de programas educativos e visitas guiadas, estimulando o interesse dos alunos por diferentes áreas do conhecimento.

O estudo também evidenciou o papel dos museus como agentes de inclusão social, proporcionando acesso à cultura e promovendo o diálogo intercultural. Ao analisar o impacto das políticas culturais e itens regulatórios bem como o potencial educativo e inclusivo dessas instituições, reforça-se a importância de investimentos contínuos e políticas públicas eficazes para garantir a preservação e valorização do patrimônio cultural, assim como o acesso equitativo à cultura para todos os cidadãos.

Na visão contemporânea, os museus têm enfrentado desafios significativos para se adaptarem às demandas em constante evolução da sociedade. Nesse sentido, o diálogo entre cultura, gestão e tecnologias se mostra cada vez mais necessário e relevante. A interação desses elementos possibilita uma abordagem mais dinâmica, diversificada e inclusiva dentro dos museus, criando espaços de encontro e troca de conhecimento entre diferentes públicos e perspectivas. A cultura é o cerne dos museus, pois por meio dela que são preservadas e transmitidas as expressões artísticas, históricas e culturais de um povo. Atuam como guardiões desse patrimônio, promovendo sua valorização e apreciação por meio de exposições, eventos e programas educativos, no entanto, a cultura

não deve ser encarada de forma isolada, mas sim em diálogo constante com a gestão e as tecnologias.

As tecnologias desempenham um papel cada vez mais relevante nos museus, possibilitando a ampliação do alcance e da interação com o público. Elas podem ser utilizadas para enriquecer as exposições, criar experiências imersivas, disponibilizar conteúdos digitais, promover a acessibilidade, entre outras possibilidades. No entanto, é importante que as tecnologias sejam utilizadas de forma integrada à proposta curatorial e aos objetivos do museu, visando potencializar a experiência do visitante e ampliar o acesso à cultura.

A gestão eficiente é fundamental para o bom funcionamento dos museus. Ela envolve o planejamento estratégico, a administração dos recursos humanos e financeiros, a captação de recursos, a definição de políticas e diretrizes, entre outros aspectos. No contexto do diálogo entre cultura, gestão e tecnologias, a gestão deve ser pautada pela visão de tornar os museus espaços abertos, participativos e acessíveis, que dialoguem com os diferentes segmentos da sociedade.

Para que os museus atuem como verdadeiros espaços de diálogo entre cultura, gestão e tecnologias, é necessário considerar alguns elementos essenciais, tais como colaboração e participação. Os museus devem fomentar a colaboração e a participação ativa de diferentes atores, sejam eles profissionais da cultura, pesquisadores, comunidades locais, artistas ou o público em geral. É por meio desse diálogo horizontal e colaborativo que a diversidade de perspectivas pode ser incorporada, enriquecendo a experiência e tornando os museus mais representativos e inclusivos.

Outro aspecto é a Acessibilidade. Garantir a acessibilidade é fundamental para promover o diálogo entre diferentes públicos. Isso inclui a acessibilidade física, com espaços adaptados para pessoas com deficiência, mas também a acessibilidade cognitiva, sensorial e digital, por meio da disponibilização de informações em formatos alternativos, audioguias, traduções em língua de sinais, entre outras iniciativas.

Educação e Mediação Cultural também são essenciais. Os museus devem investir em programas educativos e na mediação cultural como forma de promover a compreensão e o diálogo em torno do patrimônio cultural. A educação museal não se restringe apenas às visitas escolares, mas busca envolver diferentes faixas etárias e contextos, estimulando o pensamento crítico e a reflexão

Dois fatores de destaque são a Inovação e a Tecnologia. A incorporação de tecnologias inovadoras nos museus permite ampliar as possibilidades de interação com o

público. Isso inclui o uso de aplicativos móveis, realidade virtual, realidade aumentada, entre outras ferramentas, que podem enriquecer a experiência do visitante e proporcionar diferentes formas de acesso à cultura.

Por fim, outro aspecto essencial para o funcionamento do museu é Sustentabilidade, pois ela garante a existência de espaços de diálogo. Isso envolve a adoção de práticas de gestão responsáveis, a valorização de práticas sustentáveis nas exposições e a conscientização ambiental.

Os museus desempenham um papel vital na sociedade, atuando como espaços de diálogo entre cultura, gestão e tecnologias. Para seu pleno funcionamento, é essencial que esses elementos estejam em constante interação e diálogo, enriquecendo as experiências dos visitantes, promovendo a inclusão e valorizando a diversidade. Através da colaboração, acessibilidade, educação, inovação e sustentabilidade, os museus podem se tornar verdadeiros agentes de transformação social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente, participativa e engajada com seu patrimônio cultural.

Acredita-se que essa pesquisa atingiu o objeto geral proposto ao demonstrar elementos essenciais para o funcionamento dos museus, comparando os pontos comuns e divergentes de instituições público e privada. Embora cada um tenha suas peculiaridades, foi percebido que as há muito pontos de convergência, como os benefícios que a tecnologia e uma boa gestão garantem. Este trabalho apresenta dados que podem nortear estudos futuros que tenham como objetivo a investigação que se encaixem nesse mesmo perfil de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, E. P.; ALEXANDER, M. *Museums in Motion: an Introduction to the History of Museums*. Lanham: Altamira, 2008.
- ALMEIDA, T. C. **Tipologia de museus: reflexões sobre sua construção**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 33, p. 135-142, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**, Livro X. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 2010.
- ANAIS DO MUSEU PAULISTA São Paulo, Nova Série, vol. 29, 2021, p. 1-27. e54
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 jul 2020.
- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 5 maio 2019.
- BRASIL. Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 3 dez. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm. Acesso em: 3 jun. 2020.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Ensaio Sobre a Relação do Corpo Com 123 o Espírito. 4. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BERNERS-LEE, T. *The world wide web: past, present and future*. 1996. Disponível em: <<http://www.w3.org/People/Berners-Lee/1996/ppf.html>>. Access: 07 set. 2013.
- BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.
- BENNET, Tony. (1995). *The Birth of the Museum: History, Theory, Politics*. Routledge.
- CASIMIRO, Giovanna (2015). A multi-temporalidade do Museu: Meio Expositivo e Realidade Mista. In: **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, nº6.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHAGAS, Mario (2009), **A imaginação museal: museu, memória e poder** em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, Ibraim-MinC.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Comportamento Organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2005.

CHIAVENATO, Idalberto. **Princípios da Administração: o essencial em teoria geral da Administração**. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2012.

CHRISTENSEN, Jørgen Riber (2011), *Four steps in the history of museum technologies and visitors' digital participation*, *Journal of media and communication research*, nº 50.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural cultura e imaginário**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

COSTA, E. P. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria do Estado da Cultura, 2006.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação Museológica: Uma Perspectiva Teórica e Metodológica de Recepção**. 2005. 366 F. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DESVALLÉS, André e François Mairesse (2013), **Conceitos-chave de Museologia**, São Paulo, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge University Press, 1985.

DIDI-HUBERMAN, G. Cascas. **Serrote: Uma Revista de Ensaio, Artes Visuais, Ideias e Literatura**, São Paulo, n.13, p. 99-133, mar. 2013.

DUTRA, Larissa Fernandes; FARIA, Diomira Maria Cicci Pinto Faria. "Sociedades Contemporâneas e o 'mundo de telas': Um estudo acerca do museu virtual do Circuito Liberdade". **Fórum ABRATUR**. Pernambuco: UFPE, 2017.

DRUCKER, P. F. (2008). *The Practice of Management*. Harper Business.

EQUIPE EDITORIAL DE CONCEITO.de. (17 de junho de 2013). **Conceito de museu**. Conceito.de. <https://conceito.de/museu>

FAHY, Anne (1995). *New Technologies for museum communication*. In: Eilean Hooper-Greenhill (org.), **Museum, Media, Message**, Londres, Routledge.

FALK, John H. e Lynn D. Dierking (2013), *The Museum Experience Revisited*, Walnut Creek, Left Coast Press.

FEENBERG, Andrew. *Transforming technology: a critical theory revisited*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GULICK, Luther. *Papers on the Science of Administration*, op. cit., p.3.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HENRIQUES, R. M. N. **Memória, museologia e virtualidade**: um estudo sobre o Museu da Pessoa. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2004.

HUYSEN, Andreas. (1995). *Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia*. Routledge.

ICOM – Internacional Council of Museums. **Código de Ética do Icom para Museus**. Paris, 2004.

ICOM – Internacional Council of Museums. ICOM aprova Nova Definição de Museu – ICOM Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Departamento de Museus e Centros Culturais. **Caderno de diretrizes museológicas**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2013. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

KATZ, Robert L. *Skills of an effective administrator*. *Havard Business Review*, jan./fev.1995.

KOLAREVIC, B. 2003. *Architecture in the digital age: design and manufacturing*. New York, Spon Press, 313 p.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em 31 de outubro de 2016.

Ministério do Turismo. Instituto Brasileiro de Museus. **Guia dos museus brasileiros**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

MENESES, U. B. Tipologias museológicas. In: PINHEIRO, L. R. G.; SANTOS, M. C. C. (Orgs.). **Museus e museologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Minc/Iphan/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. p. 47-74.

MONTEIRO, Luiz. **A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações**. Disponível em: <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/comunicacaovirtual/0158.pdf>. Acessado em 02 dez. 2009. 2

LIMA, 2007, 2008, 2009; PINHEIRO, 1998, 2000, 2003, 2006, 2008; SOARES, 2007, 2010; SCHEINER, 2002, 2004, 2007, 2010 - entre outros.

LIMA, A. L. A. **Museus no Brasil: gestão, práticas e perspectivas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017.

Meyriat, Jean. 1981. Document, documentation, documentologie. *Schéma et Schématisation*, (14): 51-63.

MUNIZ, R. **A importância dos museus para a preservação da cultura**. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/opiniaio/raquel-muniz/importancia-dos-museus-para-a-preservac-o-da-cultura-1.625767>. >. Acessado em 30 mai. 2018

Netto, R. R. S. (2015). Museologia: Estudo de casos e propostas de intervenção. **Caderno de Textos e Contextos**, 14 (27), 12."

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento do História**, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. **Observar a experiência museal: uma prática dialógica?** Caderno do Museu da Vida, Rio de Janeiro, p. 5-21, 2003.

OLIVEIRA, José (2012). O Museu e a sua arquitetura no mundo globalizado: entre informação e virtualidade. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, nº. 1.

OLIVEIRA, M. C. R. de. Museus: formas e tipos de acessos. In: BORGES, J. C.; PACHECO, F. B. (Orgs.). **Museus e patrimônio cultural: diálogos possíveis**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 47-56.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo 2007, v. 26, nº 51, p. 115-140.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. [eBook Kindle]

PINHO, Joana Maria Balsa Carvalho de. Museus e Internet. Recursos online nos sítios web dos museus nacionais portugueses. **Revista Textos de la Ciber Sociedad**, La Rioja, n. 8, 2007.

ROCHA, Carla (2009), **Templo das Mídias: o museu sob o signo da informação e da comunicação**, Dissertação de mestrado da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Cultura e políticas e culturais**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais entre o possível e o impossível**. Texto apresentado no ii Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo globalização e meio técnico-científico informacional**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. In: A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHEINER, T. Museologia, hiperculturalidade, hipertextualidade: reflexões sobre o Museu do Século 21. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 46–63, 2020. DOI: 10.26512/museologia. v9i17.31592. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31592>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MACDONALD, Sharon. (2013). *Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today*. Routledge.

URWICK, Lyndall F. **The elements of administration**, op. cit., 1943.

VALENTE, M.E.; CAZELLI, S.; ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. **Histórias, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, V. 12, p. 183-267. 2001. Suplemento.

Veiga, A. C. R. (2017). **A Nova Museologia e a interdisciplinaridade: por uma gestão participativa nos museus contemporâneos**. Disponível em: A Nova Museologia e a interdisciplinaridade.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTES DOS EQUIPAMENTOS MUSEOLÓGICOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM REPRESENTANTES DOS EQUIPAMENTOS MUSEOLÓGICOS

Título da Pesquisa: MUSEU: um olhar sobre cultura, gestão e tecnologias de um equipamento público e privado.

Prezado (a) senhor (a), este é um convite para participar voluntariamente da pesquisa no Museu Privado e/ou Museu Público, no sentido de verificar a relação entre cultura e tecnologias na gestão museal. Pontuamos que é de responsabilidade da pesquisadora Claudiane Diniz da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult/UFMA.

A pesquisa também objetiva analisar os museus enquanto espaço de diálogo entre cultura, gestão e tecnologias de modo a diagnosticar elementos essenciais para seu funcionamento. Em virtude desse objetivo, solicitamos sua participação, ademais, você tem liberdade para desistir de participar ou retirar seu consentimento.

O questionário está dividido em 03 etapas no sentido de validar as informações referentes à Aspectos Museológicos, Gestão e Tecnologia.

Etapa 1 – Aspectos Museológicos

1. **Quanto a dinâmica de funcionamento:** Qual o horário de entrada e saída, cobra valor de acesso, formas de acesso – documentação, limite máximo de pessoas, visitas guiadas), existe alguma atividade voltada para a sociedade além das visitas (cursos, socio museologia)?
2. **Quanto ao relacionamento,** a comunicação do museu com a comunidade se dá através de que forma? (redes sociais, site, folders);
3. **Quanto a estrutura física:** onde está localizado, história do museu (quando foi criado, qual o motivo de criação, quem foram os fundadores ou idealizadores);
4. **Quanto a acessibilidade e segurança:** existe acesso para cadeirantes, textos em braille, regras pós-covid, profissionais habilitados em outras línguas, área de locomoção propicia o fluxo dos usuários, banheiros para usuários, sistema contra incêndio a e vigilância (saída de emergência, por exemplo)?

5. **Quanto ao acervo**, aquisições, empréstimos ou doações. Qual o formato de catalogação do acervo (qual tecnologia), existe tombamento do acervo, qual a política de aquisições e descarte, existe a prática do inventário (como funciona, qual a periodicidade)?
6. **Quanto a exposição**, existe exposição itinerante? Se sim, como funciona?
7. **Quanto a projetos**: existem projetos (cursos, palestras), atividades de pesquisa em conjunto com programa de graduação e pós-graduação referente à patrimônio cultural?

Etapa 2 – Gestão

1. **Quanto a ideologia corporativa**: qual a missão, visão e valores do museu?
2. **Quanto ao fomento**: quais as formas de financiamento (subsistência financeira do museu, editais)?
3. **O museu absorve estagiários**, aprendizes para fomentar educação patrimonial. Trilha museológica?
4. **Quanto a Gestão de Pessoas**: existe algum processo de contratação de funcionários definido, como se dá o processo de divulgação da vaga, existe política de cargos e salários, quais são os principais cargos, existe proposta de intercâmbio entre instituições?
5. **O museu criou um organograma** para os cargos existentes? Pode divulgar?
6. **Quanto a Gestão financeira**: existe uma política orçamentária, como se dá a contabilização dos custos, existe centro de custos?
7. **Quanto a Logística**: como funciona o sistema de compras, existe alguma política para controlar o estoque do museu? Quais são os principais itens necessários para a manutenção do museu?
8. **Quanto a Gestão da Qualidade**: existem procedimentos definidos internamente, fluxogramas, formato da comunicação interna? Se sim, eles controlam quais tipos de atividades?

Etapa 3 – Tecnologia

1. **Quanto a realidade aumentada**: muitos museus estão usando tecnologia de realidade virtual e aumentada para permitir que os visitantes explorem exposições de uma forma mais imersiva e interativa. Por exemplo, um visitante pode usar um

headset de RV para explorar um local histórico virtualmente, enquanto uma exposição de AR pode adicionar camadas digitais a objetos físicos, criando experiências enriquecedoras e informativas. Existe esse tipo de tecnologia no museu? Se sim, qual ou quais tecnologias?

2. **Quanto ao uso de aplicativos de museus:** muitos museus agora oferecem aplicativos de museus que fornecem informações adicionais sobre exposições, eventos e atividades. Esses aplicativos podem incluir guias de áudio, mapas interativos, jogos e outras formas de interatividade. Existe esse tipo de tecnologia no museu? Se sim, qual ou quais tecnologias?
3. **Quanto ao Sistemas de Projeção:** tecnologias de projeção de alta definição permitem que os museus criem exposições de vídeo em grande escala, exibindo obras de arte, fotografias e filmes com clareza e impacto. Existe esse tipo de tecnologia no museu? Se sim, qual ou quais tecnologias?
4. **Quanto as Mídias Sociais:** muitos museus agora têm uma forte presença nas mídias sociais, usando plataformas como Facebook, Instagram e Twitter para compartilhar informações sobre exposições, eventos e atividades, além de fornecer informações sobre bastidores e conteúdo exclusivo. Existe esse tipo de tecnologia no museu? Se sim, qual ou quais tecnologias?
5. **Quanto às telas sensíveis ao toque:** as telas sensíveis ao toque permitem que os visitantes interajam com informações de exposições e outros conteúdos digitais de forma intuitiva e tátil). Existe esse tipo de tecnologia no museu? Se sim, qual ou quais tecnologias?
6. **Quais ao COVID-19:** alguma tecnologia foi incorporada no museu durante o período da pandemia? Se sim, qual ou quais tecnologias? Essas tecnologias persistem sendo utilizadas?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Museu, Gestão e Tecnologia: um olhar sobre as práticas museais contemporâneas

Prezado (a) senhor (a), este é um convite para participar voluntariamente da pesquisa no Museu Privado e/ou Museu Público, no sentido de verificar a relação entre cultura e tecnologias na gestão museal. Pontuamos que é de responsabilidade da pesquisadora Claudiane Diniz da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCult/UFMA.

A pesquisa também objetiva analisar os museus enquanto espaço de diálogo entre cultura, gestão e tecnologias de modo a diagnosticar elementos essenciais para seu funcionamento. Em virtude desse objetivo, solicitamos sua participação, ademais, você tem liberdade para desistir de participar ou retirar seu consentimento

Toda pesquisa pode incidir em riscos mínimos aos participantes, podendo ser de ordem psicológica, uma vez que poderá haver algum constrangimento com relação à presença do pesquisador durante a realização das entrevistas e aplicação dos questionários. Acaso houver incômodo dos participantes em decorrência das observações não participantes por conta da presença da pesquisadora em sala poderá comprometer suas atividades diárias, é lembrado que a mesma retorne em um momento mais adequado. Porém, tal comprometimento é mínimo em virtude da contribuição na pesquisa. Os benefícios do estudo contribuirão diretamente para a ampliação de conhecimento e melhoria das práticas docentes acerca do patrimônio cultural, bem como para o melhor desenvolvimento das políticas públicas educacionais.

Ressalta-se que todos os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 – CNS e Resolução nº 510/2016 – CNS. Assim, sua identidade será resguardada em todas as fases da pesquisa bem como em todas as publicações e apresentações em eventos posteriores, a não ser que você

queira ser identificado.

Ressalta-se que você não terá nenhuma despesa e também não terá nenhuma compensação financeira, nem durante, nem após a pesquisa e caso aceite este convite, informa-se que a coleta de dados contemplará a observação participante no museu, observação de atividades diárias, bem como demais atividades; Aplicação de questionários, entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas.

Os participantes poderão receber esclarecimentos e outras orientações sobre o estudo e do processo de aplicação. Os dados coletados servirão de elementos para produtos de essênciacientífica que serão compartilhados com o museu em estudo. Sua participação será anônima e sigilosa

Uma via deste termo, assinada por ambas as partes, ficará com você e outra com o pesquisador. Caso queira esclarecer alguma dúvida você poderá entrar em contato com a pesquisadora (98) 981344652. E, caso se sinta mais à vontade, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) da cidade de São Luís, Maranhão, através do telefone (98) 3272-8708.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento e a sua participação voluntária nesta pesquisa.

De acordo com os itens acima apresentados, manifesto meu consentimento em participarda pesquisa. Declaro que me é disponibilizada uma cópia impressa deste termo consentimento. Autorizo a realização da pesquisa, bem como a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Claudiane Diniz da Silva (Pesquisadora)

São Luís - MA, ___/___/___

PESQUISADORA PRINCIPAL:

CLAUDIANE DINIZ DA SILVA, brasileira, solteira, Bacharela em Administração, com CPF nº 961.794.063-91, residente e domiciliada na via Via Coletora 7000 Quadra 213 Casa 02, Parque Vitória, São Luís-MA, CEP 65.068-834. Contato: (98) 98981344652. E-mail: claudiane.diniz@discente.ufma

ORIENTADORA: Profa. Dra. Klautenys Dellene Guedes Cutrim.

E-mail: kdguedes@yahoo.com.br

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE (PGCult-UFMA)

Centro de Ciências Humanas – CCH, Térreo, Bloco 02 Av. dos Portugueses, nº 1966, Cidade Universitária, Bacanga. Telefone: (98) 3272- 8387/3272-8389

E-mail: pgcult.secretaria@gmail.com

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFMA (CEP-UFMA)

Avenida dos Portugueses, s/n, Campus Universitário Dom Delgado, Bacanga, Prédio CEB Velho, Bloco C, Sala 7 (Próximo ao Auditório Multimídia da PPPGI), CEP 65080-040. Telefone: 3272-8708 E-mail: cepufma@ufma.br .